

*A minhas filhas, de longe a
melhor de todas as minhas escolhas; a meu pai e a
minha mãe, de longe a maior de minhas inspirações.*

*A todas as mulheres, que com
tanta coisa pra fazer ainda dão chance ao que vem por
acaso.*

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora do Carmo, que tornaram tudo possível, mesmo quando eu me esqueci de madrugar.

À Margarida, que tem os olhos mais claros para enxergar o que ainda nem existe, e o entusiasmo para acender fogueira em noite de ventania.

Às professoras da Banca de Qualificação, Professoras Doutoras Heliana Mello, Neusa Salim Miranda e Maria Margarida Martins Salomão, pela chuva de sugestões e pelo monte de contribuições fundamentais para a formatação final desse texto.

A minhas filhas Ana Catarina, Livia e Sarah, que me honraram com sua confiança e paciência, e ao meu marido Ronaldo, que sempre está onde eu preciso.

A minhas irmãs Zitinha e Zezé, que até disso souberam brincar comigo.

Ao Professor Ronaldo Bastos e à Sarah que, mesmo conseguindo conversar com um número, tiveram a delicadeza de só me contar a parte da conversa que me interessava.

A minha amiga Sandra, que tem toda a generosidade do mundo.

Aos Professores do Curso de Pós-Graduação em Linguística, com que eu orgulhosamente compartilho esse trabalho; e aos meus colegas do Colégio de Aplicação que me auxiliaram nessa empreitada.

“Then you should say what you mean,' the March Hare went on. 'I do,' Alice hastily replied; 'at least - at least I mean what I say - that's the same thing, you know.'” (Lewis Carroll. *Alice's Adventures in Wonderland*)

Te hablaré un lenguaje de piedra
(respondes con un monosílabo verde)
Te hablaré un lenguaje de nieve
(respondes con un abanico de abejas)
Te hablaré un lenguaje de agua
(respondes con una canoa de relámpagos)
Te hablaré un lenguaje de sangre
(respondes con una torre de pájaros)
(Octavio Paz, **Duración**).

Em: *Salamandra*

(1958-1961)

REGINA CÉLIA MARTINS SALOMÃO BRODBECK

**UM MONTE DE PROBLEMAS GERA UMA CHUVA DE RESPOSTAS:
ESTUDO DE UM CASO DE DESENCONTRO NA QUANTIFICAÇÃO NOMINAL
EM PORTUGUÊS**

Tese de Doutorado em Linguística
apresentada à Coordenação do Curso de
Pós-Graduação em Linguística: área de
concentração em Linguagem e Cognição da
Faculdade de Letras da Universidade
Federal de Juiz de Fora, como requisito
para obtenção do Grau de Doutor em
Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria Margarida Martins Salomão

JUIZ DE FORA

2010

Brodbeck, Regina Célia Martins Salomão

Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: estudo de um caso de desencontro na quantificação nominal em português / Regina Célia Martins Salomão Brodbeck. – 2010.
149 f.

Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

1. Língua portuguesa. 2. Gramática. I. Título.

CDU: 806.90-5

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	22
QUADRO 2	30
QUADRO 3	79
QUADRO 4	80
QUADRO 5	80
QUADRO 6	81
QUADRO 7	81
QUADRO 8	81
QUADRO 9	83
QUADRO 10	83
QUADRO 11	100
QUADRO 12	101
QUADRO 13	104
QUADRO 14	107
QUADRO 15	109
QUADRO 16	110
QUADRO 17	116
QUADRO 18	127
QUADRO 19	129
QUADRO 20	132

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Representação de mesclagem de uma sequência de eventos e evento integrado em uma Construção	21
FIGURA 2: Representação genérica da estrutura de <i>Qualia</i> de um item lexical	35
FIGURA 3: Diagrama de Tipos semânticos na teoria Léxico-Gerativa	35
FIGURA 4: Representação da estrutura de <i>Qualia</i> de “laranja”	36
FIGURA 5: Inclusão do Traço Télico na estrutura de <i>Qualia</i> de “laranja”	37
FIGURA 6: Inclusão do Traço Agentivo na estrutura de <i>Qualia</i> de “laranja”	37
FIGURA 7: Representação da Coerção em Troca de Tipo explícita	46
FIGURA 8: Representação da Coerção em Troca de Tipo implícita	47
FIGURA 9: Printscreen da tela de Busca por Lista no Corpus do Português	61
FIGURA 10: Reprodução de tela do Corpus do Português	62
FIGURA 11: Printscreen da tela de Busca por Diagrama no Corpus do Português	62
FIGURA 12: Informação sobre Frequência de Ocorrência no Corpus do Português	63
FIGURA 13: Exemplos atestados do uso de <i>monte</i> no século XIV	64
FIGURA 14: Exemplos atestados do uso de <i>monte</i> no século XIV, com referência a fonte	64
FIGURA 15: Printscreen da tela inicial do VISL	65
FIGURA 16: Tela de busca de item no VISL com seleção no corpus	66
FIGURA 17: Exemplos atestados do uso de <i>monte</i> no Corpus PUBLICO	67
93	
FIGURA 18: Demonstração do processo de exportação de exemplos selecionados	68
FIGURA 19: Tela de demonstração de Busca Refinada para <i>monte de</i>	68
FIGURA 20: Tela de demonstração de Busca Refinada para <i>monte de</i> N na posição de sujeito	69
FIGURA 21: Exemplos atestados de <i>monte de</i> N na posição de sujeito no	70

Corpus Folha

FIGURA 22: Arquivo salvo no Excel, .xls, dos exemplos em contexto de <i>Muitos</i> séc, XIX	72
FIGURA 23: Arquivo salvo no Excel, .cvs, dos exemplos em contexto de <i>Muitos</i> séc, XIX	73
FIGURA 24: Arquivo salvo no Excel, .xls, dos exemplos em contexto de <i>Chuva de X</i> no Corpus Publico 94	75
FIGURA 25: Tela inicial do SPSS	77
FIGURA 26: Tela de demonstração do transporte dados Excel para SPSS	77
FIGURA 27: Procedimento para sorteio da amostragem dos dados	78
FIGURA 28: Tela de comando para programação no R	83
FIGURA 29: Tela de Programação e Tela do Editor de Texto (after STARTR-GUI)	83
FIGURA 30: Programação no R para cálculo de frequência de uso e separação de subcorpora	85
FIGURA 31: Cálculo de frequência relativa e absoluta de <i>Muito</i> , século 18, no R	85
FIGURA 32: Programação no R para cálculo de frequência de uso e separação de subcorpora	86
FIGURA 33: Cálculo de frequência relativa e absoluta de <i>Chuva de</i> , séc.19., no R	86
FIGURA 34: Cálculo da participação de N ₂	87
FIGURA 35: Exemplos atestados no Corpus FOLHA/VISL	107
FIGURA 36: Exemplos da composição metafórica de <i>Monte de</i> VISL/Português	111
FIGURA 37: Emergência da expressão <i>Monte de N</i> como Quantificador	116
FIGURA 38: Usos de <i>Chuva de</i> como Complemento Nominal sécs. 16 e 17	117
FIGURA 39: Representação da estrutura de <i>Qualia</i> como <i>Monte de N</i> e <i>Chuva de N</i> como Quantificadores	127
FIGURA 40: Quadro comparativo das ocorrências dos Quantificadores e CQNs ao longo dos séculos	130
FIGURA 41: Representação comparativa do surgimento e evolução no uso dos Quantificadores e CQNs, a partir dos exemplos atestados no	133

Corpus do Português

LISTA DE TABELAS

TABELA 1

TABELA 2

TABELA 3

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2. CONSTRUÇÕES, COERÇÃO, USO E GRAMATICALIZAÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2.1 O que são Construções.....	Erro! Indicador não definido.
2.1.1. As Construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico	Erro! Indicador não definido.
2.1.2 Uma Construção pode implicar em imprevisibilidade na sua composição: nem sempre o todo é a soma das partes	Erro! Indicador não definido.
2.1.3 Construções são pareamentos de forma e de sentido	13
2.1.4. Construções são estruturas regulares na linguagem	Erro! Indicador não definido.
2.1.5. A produtividade das Construções manifesta-se no seu processo de gramaticalização (ou de lexicalização).....	Erro! Indicador não definido.
2.1.6 Os constituintes da Construção são identificáveis individualmente	Erro! Indicador não definido.
2.2 A representação semântica das Construções	Erro! Indicador não definido.
2.2.1 A semântica dos frames.....	Erro! Indicador não definido.
2.2.2 Metáforas conceituais na motivação das Construções gramaticais	Erro! Indicador não definido.
2.2.3. A Teoria Léxico-Generativa e a concepção da <i>estrutura de Qualia</i>	Erro! Indicador não definido.
2.3 O desencontro nas Construções e o fenômeno de Coerção	Erro! Indicador não definido.
2.3.1. Troca de Tipos.....	Erro! Indicador não definido.
2.4 Desencontro e gramaticalização.....	Erro! Indicador não definido.
2.5 A importância da Linguística de Corpus para o estudo do uso linguístico	Erro! Indicador não definido.
3. OS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	Erro! Indicador não definido.
3.1. A escolha dos corpora	Erro! Indicador não definido.
3.1.1 O Corpus Matriz: O Corpus do Português	Erro! Indicador não definido.
3.1.2. O Corpus Suporte	Erro! Indicador não definido.
3.2 Formação da base de dados.....	Erro! Indicador não definido.
3.3 Procedimentos para amostragem em populações extensas	Erro! Indicador não definido.
3.4 O programa SPSS.....	Erro! Indicador não definido.

3.5	Cálculo das frequências	Erro! Indicador não definido.
4.	NOSSO PROBLEMA	Erro! Indicador não definido.
5.	A CONSTRUÇÃO DE QUANTIFICAÇÃO NOMINAL EM PORTUGUÊS	Erro! Indicador não definido.
5.1	Abordagens da Quantificação Nominal na literatura sobre o Português	Erro! Indicador não definido.
5.2.	A Construção de Quantificação Nominal em Português	Erro! Indicador não definido.
5.3	Os Quantificadores de Grande Quantidade em Português	Erro! Indicador não definido.
6.	A EMERGÊNCIA DAS EXPRESSÕES QUANTIFICADORAS CHUVA	
	DE N E MONTE DE N	Erro! Indicador não definido.
6.1	A história de Monte de N	Erro! Indicador não definido.
6.2.	A história de Chuva de N	Erro! Indicador não definido.
6.3	A explicação da história de chuva de N e monte de N	Erro! Indicador não definido.
6.3.1	O polo conceptual	Erro! Indicador não definido.
6.3.2	O pólo sintático	Erro! Indicador não definido.
6.4	O quadro da evolução diacrônica das Construções	Erro! Indicador não definido.
7.	CONCLUSÕES	135
8.	REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.
	APÊNDICES	Erro! Indicador não definido.
	Apêndice I	Erro! Indicador não definido.
	Apêndice II	Erro! Indicador não definido.
	Apêndice III	147
	Apêndice IV	148

RESUMO

Essa tese analisa o processo de gramaticalização dos sintagmas *Monte de N* e *Chuva de N*, casos de desencontro sintático-semântico, que se consolidam como Determinantes polilexêmicos, no interior da Construção de Quantificação Nominal em Português. A investigação procede pelo estudo de usos atestados em corpora, dos quais se estuda a variação sincrônica e a evolução diacrônica. Essas expressões são também analisadas do ponto de vista de sua motivação metafórica, que leva à modificação da estrutura de *qualia* das Unidades Lexicais, monte e chuva, coagidas pelos seus Complementos sintáticos, diacronicamente alçados à condição de Núcleos semânticos dos sintagmas reanalisados. A tese atesta a emergência da gramática a partir do uso e ilustra, neste processo, a força estruturante da metáfora

Palavras-chave: Construções. Desencontro. Coerção. Metáfora. Gramaticalização.

ABSTRACT

This thesis analyzes the process of grammaticalization of the Sintagms **Monte de N** and **Chuva de N**, two instances of syntactic and semantic mismatch, which are consolidated as polilexemic Determinants within the Construction of Nominal Quantification in Portuguese. The investigation proceeds from the study of attested examples from corpora, whose synchronic variation and diachronic evolution are observed. These expressions are also analyzed from the perspective of their metaphorical motivation that leads to the changes on the Lexical Units (**monte** and **chuva**) *qualia* structure, as they are coerced by their syntactic Complements, diachronically raised to the status of Semantic Head of the reanalyzed Sintagms. The thesis supports the emergence of grammar from the use and illustrates, through this process, the structuring strength of metaphor.

Key-words: Constructions. Mismatch. Coercion. Metaphor. Grammaticalization.

1. INTRODUÇÃO

A aparente desarmonia entre o significado global de uma expressão e a contribuição semântica de suas partes, longe de constituir anomalia na linguagem, representa um processo extremamente produtivo, através do qual os falantes de uma língua criam e ampliam o seu uso.

Em Português, o fenômeno a que nos referimos é exemplificado por expressões tais como *chuva de ambulâncias* ou *monte de beijos*. A admirável replicabilidade dessas formações reinstaura para nós, em nova perspectiva, duas questões centrais da agenda linguística no último século:

- (i) como explicar a **geratividade** na linguagem? , e
- (ii) que princípios orientam a produção “**regular de anomalias**” ?

A concepção de geratividade, disseminada por Chomsky desde a publicação de *Syntactic Structures* (1957), continuamente revisitada desde então (CHOMSKY, 1965, 1995; PINKER, 1994; JAKENDOFF, 2002; HAUSER, CHOMSKY, FITCH, 2002; FITCH, HAUSER, CHOMSKY, 2005), diz respeito à capacidade humana de construir e de reconhecer sentenças a partir de um sistema computacional delimitado, capaz de gerar um número infinito de sequências e de sinalizar a sua boa ou sua má-formação através da sua análise estrutural.

A concepção de geratividade descrita pelas gramáticas de matriz chomskyana converge, em termos gerais, com a hipótese subscrita por muitas das proposições críticas de Chomsky, tais como as gramáticas construcionistas. Afinal, todas essas abordagens concordam que a linguagem é uma capacidade cognitiva e reconhecem que deve haver uma maneira de combinar estruturas pré-existentes para criar novas expressões (GOLDBERG, 2003, p.219). A divergência central tem a ver com a arquitetura destas diversas propostas.

A principal divergência relativa à concepção de geratividade nas duas correntes está na definição do que seriam o **input** e o **output** do processo gerativo. Enquanto o programa gerativo compreende que o processo se resolve internamente no sistema mesmo

e que, portanto, o que não se conforma à sua computação não pertence ao núcleo central da linguagem, as gramáticas construcionistas, especialmente aquelas baseadas-no-uso, invocam as condições gerais sociocognitivas como o grande gatilho para a produção das sentenças; e, nessa perspectiva, o **output é tudo o que é licenciado pelo uso.**

Nestes termos, a **recursividade** da gramática gerativa chomskyana reduz-se à condição de gerar sequências autoencaixadas de forma ilimitada, e, portanto, não dá conta da **criatividade**¹ no uso da linguagem, tal como caracterizada por gramáticos construcionistas, tais como Goldberg e Michaelis, ou por cientistas cognitivos, como Fauconnier e Turner.

O principal parâmetro para a distinção entre essas duas perspectivas corresponde ao fato de que, na linguagem chomskyana, “apenas a sintaxe é “gerativa”; isto é, a complexidade combinatória da linguagem emerge unicamente de sua organização sintática.” (JACKENDOFF, 2002, xiv).

Por isso, a orientação chomskyana desconsidera, da agenda central da linguística, **tanto a produção de novas formas com novos sentidos, como também o novo uso de formas antigas investidas de sentidos novos.** O fato é que nas gramáticas de matriz chomskyana

(a) o léxico não é “gerativo”, e limita-se a licenciar inserções em estruturas sintáticas padronizadas;

(b) o léxico reduz-se a um repertório de itens lexicais cuja constituição não heterogênea rejeita estruturas polilexêmicas mais complexas e mais abstratas; e

(c) a pragmática não atua como um componente relevante na interface que regula a emergência das sentenças bem-formadas.

Essa desconsideração acaba sendo o fator determinante para a negligência no tratamento das novas expressões lexicais ou gramaticais do sistema, na convicção de que elas se configuram como **anomalias**, no sentido que os filósofos estóicos atribuem a essa designação.

¹ O termo **criatividade**, nesse contexto, difere-se daquele empregado por Chomsky ao se referir à criatividade no uso da linguagem.

Uma acepção naturalista da linguagem, tal como a postulada pelos estóicos, defende uma relação necessária entre as formas lexicais e os conceitos, o que implica admitir uma regularidade universal do sistema conceptual que, por sua vez, coincidiria com a regularidade completa de sua expressão linguística (MOURA NEVES 1987, p.95). Qualquer desvio ou irregularidade, nessa perspectiva, é caracterizado como **anomalia**.

Na verdade, o que se está discutindo é uma idealização da organização linguística do sistema: isto é, para que se registrem “anomalias”, é necessário assumir como cânon a expectativa de que as combinações sintáticas e semânticas estejam em harmonia, de tal modo que a representação linguística de um conceito seja seu homólogo perfeito. Essa idealização da iconicidade diagramática/estrutural reaparece com força na linguística dos anos oitenta (de corte funcionalista ou cognitivista), como atesta a hipótese de Haiman (1980).

A própria noção de **motivação**, esposada nos grandes textos de Langacker ou de Lakoff, de 1987, ecoa essa postulação de iconicidade, endossada, talvez, por razões políticas, no afã de estabelecer antagonismo às teses formalistas que fundamentam o programa chomskyano (vide, por exemplo, CHOMSKY 1957, p.13-17). As produções gramaticais da linguagem manteriam cristalizadas as relações internas que garantem a similaridade entre o signo e a sua significação. As rupturas nessas relações é que constituiriam distorções indesejáveis.

Essa identificação de anomalias, em discordância com as previsíveis analogias, é especialmente interessante, porque aponta para uma distinção que os estóicos precisam fazer para tratar do que é regular **versus** o que é irregular, e que corresponde a uma formalização do **distanciamento entre “a origem da linguagem e o seu funcionamento”**. (MOURA NEVES 1987, p. 97). No discurso linguístico dos oitenta, essa dimensão da “origem da linguagem” reaparece como a relação de **motivação** (vide LAKOFF, 1987, para caracterizar o estatuto epistemológico dessa noção). Explicar a linguagem e sua geratividade passava por **desvendar a motivação das formas convencionalizadas** (“gramaticalizadas”), tornadas opacas (ou fossilizadas) na deriva histórica, ou a **motivação das formas inéditas, irregulares**, presentes no uso linguístico real.

Dentro dessa perspectiva motivacionista, é esperável que não só as produções canônicas se instanciem com frequência, mas que também as anomalias se realizem e,

eventualmente, se regularizem. O **priming**, isto é, o gatilho para essas irregularidades, não está apenas no seu licenciamento pelas combinações previstas, mas também no seu licenciamento pelas necessidades comunicativas dos usuários do sistema.

São essas condições pragmáticas, por exemplo, que autorizam a enunciação de uma Construção como **comida a chute**, para referir o procedimento de pesagem da comida em uma situação em que as balanças estavam inoperantes para a medição rotineira da **comida a quilo**²; ou a Construção **comida a rodo**, para tratar da abundância de salgados e doces em um casamento, por exemplo. Essas condições pragmáticas refletem a consolidação da estrutura licenciada como **Construção**, isto é, como instrução de significação evocada por uma estrutura semântico-sintática associada, apta a gerar outras expressões aparentadas.

Nessa perspectiva, a emergência das **anomalias** pode diagnosticar uma demanda do sistema linguístico para cobrir domínios conceptuais em que as estruturas disponíveis estejam desgastadas ou sejam insuficientes, ou, ainda, sejam necessárias para obter formas mais econômicas ou menos restritivas de expressão. De muitos modos, a irregularidade estrutural dessas novas produções corresponde a um processo de **reanálise**³ necessário para o funcionamento do sistema.

As motivações para a produção dessas anomalias podem estar associadas às **necessidades para o uso**, o que explicaria, por exemplo, a expansão da expressão “**morrer de infarto**” para “**morrer de rir**”, “**morrer de trabalhar**”.

Mas essa reformulação pode ser resultante também de **motivações internas à própria estrutura** do sistema, o que justificaria, por exemplo, o aumento na frequência do uso da Construção “**um monte de N**”, em alternância ao uso da expressão “**muitos N**”. Nesse caso, as motivações estariam vinculadas ao que Michaelis (2004) e Hopper & Traugott (2004) classificam como tendências de reformulação a favor do que é “informativo/claro” e “rápido e fácil”: enquanto a expressão “**um monte de**” seleciona todo Tipo de Nome (Entidade ou Evento), independentemente de seu Perfilamento como

² Exemplo analisado por Salomão, de uma Construção colhida na manchete do Jornal do Brasil de 20 de março de 2002 (**Carioca almoça “comida a chute”**). Essa análise está disponível em: < <http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/10/cap04.pdf> > Acesso em: 10 mar. 2009.

³ Estou utilizando o termo **reanálise** no sentido empregado por Hopper and Traugott ,2004, para tratar das modificações nas propriedades sintáticas, morfológicas e semânticas das formas.

Contável ou Massivo, o Quantificador **muitos** é muito mais restritivo na autorização de suas co-ocorrências.

A compreensão, então, de que a geratividade na linguagem contempla anomalias e estruturas canônicas torna necessário um tratamento teórico mais adequado das enunciações anômalas, historicamente relegadas à periferia dos estudos da linguagem. Modificar essa distribuição territorial, isto é, tratar no mesmo plano a investigação das “anomalias” e a das regularidades, implica em dispor de uma explicação teórico-analítica que aplique **os mesmos princípios** à geração de todas as enunciações, à incorporação destas ao sistema linguístico, e à autorização de seus usos.

Essas questões se tornam empiricamente ainda mais relevantes dentro das investigações orientadas pela linguística de corpus, segundo a qual a linguagem deve ser abordada como um **sistema probabilístico** (HALLIDAY, 1991, 1992, 1993; GRIES & STEFANOWITCH, 2003; GRIES, 2005;), dentro do qual co-instanciações de signos, usadas por uma certa comunidade, classificam-se como **mais ou menos frequentes, sempre recorrentes ou nunca usados**. A análise orientada por essa hipótese sobre a linguagem modifica o status das Construções “anômalas” e demanda um novo quadro teórico para dar conta de sua produtividade e de sua replicabilidade no sistema.

Nosso foco descritivo incidirá sobre as expressões de Quantificação Nominal em Português, especialmente sobre as condições combinatórias requeridas para que se harmonizem o Quantificador e o Sintagma designativo de Entidade Quantificada. Exemplificam esse problema:

- (1) (a) **uns** alunos
- (b) **muitos** alunos
- (c) **muita** confusão
- (d) **alguma** confusão
- (e) **um monte de** alunos
- (f) **uma parte da** confusão

Como se vê, a expressão Quantificadora pode ser monolexêmica (a-d) ou polilexêmica (e-f). Além disso, o Sintagma Quantificado precisa, sintaticamente, observar a “concordância” de Gênero entre Quantificadores (monolexêmicos) e Sintagma Nominal

e, semanticamente, praticar a harmonização entre o Número (Singular ou Plural) e o Perfil (Contável ou Massivo) do Quantificador e da Entidade Quantificada.

Assim é que nos casos de (a-d) o Quantificador assume o Gênero do Núcleo Nominal e harmoniza-se com ele em termos da distinção Contável (a-b) *versus* Massivo (c-d). Os Quantificadores polilexêmicos em (e-f), por conterem eles próprios um Núcleo Nominal, ficam neutralizados quanto à variação de Gênero do Nome designativo da Entidade Quantificada; por outro lado, são também semanticamente neutros quanto ao Perfilamento da Entidade Quantificada (poderíamos ter, variavelmente, ***uma parte dos alunos*** e ***um monte de confusão***).

Os Quantificadores polilexêmicos, independentemente do grau de convencionalidade a eles associados (***uma parte de Nome*** está muito mais cristalizada do que ***uma chuva de Nome***, conforme observaremos), ilustram, à maravilha, dois temas que, nesta tese, interpelamos:

- (i) o desencontro sintático-semântico, e
- (ii) a emergência de novas expressões linguísticas (sejam Unidades Lexicais, sejam Construções Gramaticais).

A consideração dessas condições nos permitirá a análise do uso de lexemas como ***monte, chuva, enxurrada, caminhão, porrada*** em expressões de Quantificação (*monte de beijos, chuva de ambulâncias, enxurrada de cartas, um caminhão de filhos, uma porrada de telefonemas*).

Esta abordagem do fenômeno linguístico do **desencontro** requer também tratar do mecanismo linguístico utilizado para a solução do conflito. Para isso, introduziremos o conceito de **Coerção**, que opera a **conversão** dos valores dos atributos sintático-semânticos dos elementos constituintes das expressões estudadas.

Essa conversão, entretanto, não é necessariamente um mecanismo uniforme, que opera sempre na mesma direção. Assim, podemos tratar da conversão de um atributo do Núcleo, como no caso do exemplo, ***dois cafés***, em que uma Entidade Massiva é conceptualizada como (mais de uma) Entidade Individuada (Contável). Ou o **processo de Coerção** pode ser ainda mais radical e transformar uma estrutura sintagmática, dotada de

sua própria estrutura sintático-semântica, em uma Unidade Lexical, investida da função de Quantificador, em uma Construção de Quantificação.

O presente trabalho pretende descrever e analisar o processo de emergência do subtipo das Construções de Quantificação Nominal (CQNs) formadas com **chuva de** e **monte de**, na perspectiva da teoria construcionista baseada-no-uso. Assumindo que a geratividade da linguagem, por ter como **input** e **output** as demandas comunicativas e as práticas simbólicas de uma dada comunidade linguística, pode produzir estruturas linguísticas originariamente anômalas, o que pretendemos é identificar os três elementos que norteiam esse processo:

- (a) identificar o gatilho conceptual e linguístico que disponibiliza essas CQNs ;
- (b) descrever a natureza de suas estruturas “desencontradas”, e o processo de resolução do conflito no uso praticado;
- (c) sugerir as trilhas pelas quais se obtém a estabilização dessas estruturas no sistema linguístico do Português.

Considerando-se que o processo gerativo identificado nessas CQNs corresponde a uma interação desencontrada dos requisitos sintático-semânticos de seus elementos constituintes, entendemos que o estudo aqui apresentado requer para sua consecução:

- (1) uma teoria das **Construções gramaticais**, que nos permita descrever as condições da **composicionalidade** das expressões usadas;
- (2) uma teoria da representação semântica das Construções, que leve em conta a **estrutura de Qualia e a semântica dos frames** das expressões usadas, bem como as **metáforas conceptuais** que motivam as expressões investigadas;
- (3) uma teoria do **conflito observado no processo da combinação interna da Construção** e o processo de **Coerção** utilizado para a resolução desse conflito;
- (4) uma teoria do **processo de gramaticalização destas Construções**, enfrentando a noção de anomalia das Construções residuais e explicando a sua produtividade no PB.

Esses fundamentos teóricos são requeridos para se proceda à análise das expressões, estabilizadas como Construções de Quantificação Nominais (CQNs) ***Chuva de Nome*** e ***Monte de Nome***, o que faremos em duas perspectivas:

- (i) Como Construções que ilustram o fenômeno linguístico do ***desencontro***. Para tanto, será necessário investigar de que modo opera, com motivação metafórica, o **processo de Coerção** dos constituintes dessas Construções para que o conflito sintático e semântico neles existentes seja solucionado.
- (ii) Como Construções do Português, em **processo de gramaticalização no domínio da Quantificação**, o que implica examinar a evolução diacrônica dessas Construções no PB.

O acompanhamento diacrônico do uso dessas Construções desencontradas oferecerá evidências da sua integração ao sistema e da sua acomodação como expressões de uso rotineiro pelos falantes do Português.

Esta tese será organizada de acordo com o esquema abaixo:

- 1) No **Capítulo 2**, apresentaremos a fundamentação para orientar o tratamento teórico-analítico das **Construções desencontradas**, o que inclui o Construcionismo, como hipótese geral sobre a Gramática, mais uma abordagem cognitiva de significação, que requer para sua descrição a semântica dos frames, a estrutura de *Qualia* do sentido linguístico e a Teoria da Metáfora Conceptual.
- 2) No **Capítulo 3**, trataremos dos **procedimentos de pesquisa** adotados na investigação das expressões analisadas, em consonância com os estudos da Linguística de Corpus.
- 3) O **Capítulo 4** é destinado à **enunciação e detalhamento do problema** a ser investigado.
- 4) O **Capítulo 5** corresponde à **análise da Construção de Quantificação Nominal** em Português, partindo das insuficiências na abordagem tradicional da Quantificação Nominal e defendendo uma nova perspectiva para a análise dos Sintagmas Quantificados.

- 5) Segundo o enfoque apresentado no capítulo anterior, o **Capítulo 6** será dedicado ao **estudo das duas CQNs selecionadas, *Monte de N* e *Chuva de N***, reinterpretadas em seus polos semântico e sintático e acompanhadas em sua evolução diacrônica.
- 6) No **último capítulo**, serão apresentadas nossas **conclusões teórico-analíticas** a respeito do fenômeno linguístico do desencontro e seu impacto na teoria da Gramática.

2. CONSTRUÇÕES, COERÇÃO, USO E GRAMATICALIZAÇÃO

2.1 O que são Construções

A abordagem construcionista que assumimos, inspirada nos trabalhos já clássicos de Lakoff (1987) e de Fillmore, Kay & O'Connor (1988), é aquela que se apresenta detalhada e defendida em Goldberg (1995; 2004; 2006).

As hipóteses fundadoras dessa abordagem são, resumidamente, apresentadas nas subseções subseqüentes.

2.1.1. As Construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico

Essa concepção de Construção se baseia na ruptura da dicotomia clássica entre os formantes lexicais e as regras gramaticais, defendendo, nos termos de Fillmore et al. (1988), Goldberg (1995), Jackendoff (2002) e Langacker (2005), um contínuo entre o léxico e a gramática, que abarca desde os fenômenos linguísticos idiossincráticos até aqueles mais gerais. Dessa forma, a Gramática das Construções **garante a todas as expressões da linguagem o mesmo tratamento**, independentemente de serem reconhecidas como elementos da gramática nuclear ou como produções periféricas e residuais.

Considerem-se as Construções a seguir:

- (2) (i) *O **carcereiro** acompanhou o **prisioneiro** até a sua cela.*
- (ii) ***Boba** é você⁴.*
- (iii) ***Três pãezinhos e dois leites**, aqui.*
- (iv) ***Agora eu fui**.*
- (v) ***Casa de ferreiro o espeto é de pau**.*

Todas as Construções acima são instâncias de fenômenos linguísticos bastante frequentes no Português, que envolvem o **processo de derivação** de palavras (i), inversões da Construção Sujeito-Predicado em condições interacionalmente marcadas (ii), estruturas de **Quantificação Nominal** (iii), **expressões formulaicas de despedida**,

⁴ Exemplo sugerido por SALOMÃO (2008) de inversão de ordem linear por demanda comunicativa de réplica.

usadas em discurso informal e presencial (iv), ou provérbios (v), que mesclam condições particulares de enunciação a esquemas conceptuais genéricos.

Apesar de essas Construções serem representativas do sistema linguístico do PB, todas elas envolvem um **desvio no cumprimento das orientações esperadas** na gramática nuclear, o que as classificaria como produções residuais ou periféricas:

- (a) em (i), os dois termos (**carcereiro** e **prisoneiro**) obedecem ao mesmo processo de derivação lexical a partir de duas raízes nominais **sinônimas**, e, apesar disso, se apresentam em óbvia oposição semântica;
- (b) em (ii), o predicado (**boba**) é invertido, por determinações da necessidade de réplica em um contexto conversacional. A inversão do predicado em português registra demandas pragmáticas específicas, e pode gerar situações estranhas se tomado como regra geral de retorno conversacional (imaginem um aluno replicando ao professor que lhe diz: *Você foi reprovado*; ou um assaltante replicando ao policial que lhe diz: *Você está preso*);
- (c) em (iii), o padrão de Quantificação é violado na medida em que se trata o elemento Incontável (**pão** e **leite**) como Contável, **omitindo-se** o uso do partitivo como medida (*bisnaga* e *saco*) e flexionando-se as “substâncias” no plural (**pães** e **leites**);
- (d) em (iv), essa expressão formulaica muito utilizada atualmente para despedidas rompe com as orientações mais elementares de **aspecto e tempo verbal**, com a combinação de uma expressão de tempo presente (*agora*) com o perfeito (*fui*), para indicar o **progressivo** (*agora eu fui = eu estou indo*);
- (e) em (v), tem-se o uso de um provérbio com estruturas sintática e semântica bastante complexas, para replicar ou comentar situações inteiramente prosaicas. Apesar da complicada ordenação sintática e de todas as complexidades inerentes à representação semântica da contrafactualidade, esse provérbio tem emprego corriqueiro, independentemente da idade ou da escolaridade do falante.

Os desvios identificados na produção das Construções acima descritas remetem à segunda dimensão na definição de uma Construção:

2.1.2 Uma Construção pode implicar em impreditibilidade na sua composição: nem sempre o todo é a soma das partes

Historicamente, o processo de identificação de uma Construção obedece à máxima detalhada por Goldberg (1995), segundo a qual

“C é uma Construção se, e **apenas se**, C é um pareamento de forma e significado <Fi,Si> de tal modo que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si **não é estritamente previsível a partir das partes que compõem C, ou a partir de outras Construções previamente estabelecidas.**” (GOLDBERG,1995,p.4).

Nessa perspectiva, a expressão **chuva de ambulâncias** instancia uma Construção em Português, já que ela é licenciada segundo o critério da imprevisibilidade acima descrito: o N2 (**ambulâncias**) não é o complemento esperado para o SP **chuva de**, e contrasta com usos mais convencionais, tais como *chuva de verão* ou *chuva de granizo*.

Da mesma forma, **comida a chute** também é uma Construção em Português, considerando-se que há uma quebra no preenchimento da projeção do Núcleo por um Nome, especialmente em contraste com a Construção **comida a quilo**; e também “**três pãezinhos e dois leites**”, formada através de uma Quantificação individuada de Nomes Incontáveis por analogia ao uso bem-comportado de “**duas xícaras de café**”: a gramática tradicional, reconhecendo a “concordância ideológica”, chamaria de siléptica essa coincidência.

Essa característica na combinação das partes de uma expressão linguística aponta para **a inversão do direcionamento do princípio de composicionalidade** na associação de seus termos.

A proposta fregeana de que o “*significado do todo é uma simples função do significado de suas partes e de seu modo de composição, isto é, da regra sintática usada para combiná-los*” (citação em GOLBERG, 1984, p.13) é inaplicável para a grande parte das Construções produtivas em Português.

Essa inaplicabilidade tanto pode ser verificada na formação lexical de itens isolados, como na significação total de uma Construção mais complexa.

2.1.3 Construções são pareamentos de forma e de sentido

Chuva de ambulâncias, um monte de reclamações, uma porção de neguinho, comida a chute, “ela é muito peguete”, “o Pedro ficou com três essa noite”, “viu? Quebrou a cara!”, “Márcia está ligeiramente grávida”, todas essas expressões são instâncias de Construções produtivas em Português, licenciadas pela vinculação sistemática entre sua forma e seu sentido. Cada um desses dois polos tem estruturas específicas. **O polo do sentido** pode ser pensado em duas dimensões (uma conceptual e outra discursiva), assim como o **polo da forma** (a dimensão física do significante e a sua dimensão morfofossintática) (cf. SALOMÃO, 2009).

A dimensão conceptual⁵ envolve a estrutura *de Qualia*⁶, os esquemas imagéticos, os frames, as metáforas e metonímias convencionalizadas, as estruturas de integração conceptual. A dimensão discursiva, por sua vez, inclui os espaços mentais, a moldura comunicativa, o registro e o gênero textual do discurso em questão.

Por exemplo, o enunciado *“Moço, me dá um vale-transporte”*⁷ poderá mobilizar compreensões diferenciadas conforme quem sejam o falante e o ouvinte; qual a moldura comunicativa em que esse enunciado se insere; e também quais os esquemas imagéticos que orientam a comunicação. Assim, o valor monetário do **vale-transporte** será a base da interpretação do enunciado quando dito por um garoto a um senhor em um ponto de ônibus, por exemplo. Mas serão outras referências de **vale-transporte** que serão acionadas, se esse enunciado for proferido por um alguém que esteja no guichê de um ponto de venda de vales-transporte.

Para dar conta do enunciado *“Os meninos já vazaram”*, por sua vez, é necessário retomar também o **registro informal** da produção; assim como para tratar da Construção

⁵ Para um detalhamento apropriado dessa discussão, remeto ao artigo *Tudo certo como dois e dois são cinco* de Salomão (2009).

⁶ Os aspectos semânticos básicos, conhecidos como *Qualia* (plural de *qualis*), foram primeiro observados por Aristóteles, e retomados em Pustejovski (1993, 1995). Um *Qualis* é uma informação contida na definição enciclopédica de uma palavra. (FRANÇA, A., LEMLE, M. et al. *Conexões Conceptuais*: um estudo de ERPs sobre a inescapável sintaxe na semântica. Disponível em http://www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/aniela.pdf). Vide mais informações na seção 2.2.3 desta tese

⁷ Esse exemplo foi utilizado na minha dissertação *“O processo de referenciação no processo de aprendizagem da língua estrangeira: uma abordagem sócio-cognitiva”* (1998), para ilustrar a configuração do domínio conceptual do item lexical **vale-transporte**.

adverbial **atenciosamente**, utilizada como fórmula de encerramento de correspondências oficiais (cf SALOMÃO 2009), ou de **Abs**, utilizada como fórmula de encerramentos de e-mails, precisaremos identificar o tipo de registro e do gênero textual do discurso praticado.

A dimensão da forma, além de incluir os padrões prosódicos e rítmicos e de organização, que distinguirão, por exemplo, entre os enunciados “*Você é boba*”, “*Você é booba!*” e “*Boba é você*”, envolve também as informações sobre a **classe sintática** dos constituintes da Construção e as relações estruturais entre esses constituintes: por exemplo, qual é o Núcleo do Sintagma; qual é a função gramatical dos constituintes (sujeito, objeto); quais são os constituintes pré-definidos na instanciação de uma Construção (por exemplo, na passiva, o verbo auxiliar **ser** mais a forma participial do verbo complemento)⁸.

2.1.4. Construções são estruturas regulares na linguagem

Gaeta (2007) e Cullicover (2008), observando a produção de Construções, destacam uma característica que lhes é intrínseca: a saber, **sua semelhança com estruturas regulares da linguagem**: isto é, uma Construção “**faz lembrar**”, porque **se parece com, alguma outra estrutura em uso**.

Essa recuperação do velho frente ao novo não rejeita a criatividade no uso da linguagem, mas **soluciona alguns hiatos** bastante desconfortáveis na acepção heterodoxa segunda a qual as Construções seriam sempre idiosincrasias idiomáticas.

O primeiro hiato se refere à necessidade de se **explicar como as crianças adquirem as Construções, independentemente do grau de sua complexidade sintática ou semântica ou de sua dimensão figurativa**. Na verdade, o fato de a aprendizagem da linguagem por partes de crianças muito novas corresponder à “construção de Construções” constitui um dos principais argumentos para se retirar as Construções da posição periférica que ocupavam nos estudos da linguagem e trazê-las para o centro da gramática (TOMASELLO, 2003; GOLDBERG, 2006).

⁸ Para uma explicação mais detalhada desse tópico, remeto a Cullicover (2008), Salomão (2009), Cullicover & Jackendoff (2005), Goldberg (2006).

A hipótese de Tomasello, primeiramente enunciada em seu diário de campo de 1992, de que as “ilhas verbais” desempenham um papel crítico na aprendizagem da linguagem fortalece esta percepção de que a produtividade da gramática seja “baseada-em-itens”, decalcada das expressões mais freqüentes ou mais relevantes numa dada situação comunicativa (cf. Bybee, 2007; Barlow & Kemmer, 2002).

Nesse sentido, pode-se esperar que a Construção **comida a chute** seja entendida (e usada) a partir de **comida a quilo**. Já bem mais convencionalizada, **morrer de raiva** é licenciada originariamente por expressões do tipo *morrer de infarto*, embora tenha adquirido neste processo um sobretom de intensificação, ausente da Construção motivadora.

Assim como as crianças aprendem a língua a partir de **expressões-âncora**, os falantes (adultos ou não) tratarão de **expandi-la percorrendo o mesmo caminho**.

A explicação mais óbvia e mais convincente está exatamente na **semelhança** que essas Construções apresentam com outras estruturas modelares da linguagem, o que permitirá generalizações sobre a sua estrutura e a aplicação a eles de regras gerais de composição.

O segundo hiato se refere à **alta produtividade de algumas Construções em contraste com a produtividade quase nula de outras Construções, produzidas ao saber do momento**, numa singularidade da expressão criativa.

Por exemplo, a Construção N P N (**nota sobre nota, reclamação após reclamação, telefonema depois de telefonema**) é extremamente produtiva no PB – como em Inglês⁹ também: *day by day, year after year*), permitindo sua replicação em inúmeras ocorrências. Por outro lado, a Construção com duplicação de adjetivo é pouco produtiva, por não se espelhar em nenhuma outra, restringindo-se a produções na estrutura Adj-POR-Adj¹⁰: o surgimento de Construções como **doido por doido, bigodudo por bigodudo, barrigudo por barrigudo**, na estrutura Adj-Por- Adj, replica, no máximo, Construções licenciadas pragmaticamente das quais se ausenta a acepção de sequencialidade(*Barrigudo por barrigudo, fico com o meu mesmo*).

⁹ Cf . Jackendoff (2008).

¹⁰ A combinação ADJ-COM-ADJ (doido-com-doido) foi noticiada em raríssimas ocorrências, por decalque da expressão SUBSTANTIVO-COM-SUBSTANTIVO (homem-com-homem) e NUMERAL-COM-NUMERAL (dois-com-doís) e replicando a noção de resultado (*Doido com doido dá é nisso; Homem com homem dá lobisomem; dois com dois dá quatro*).

Esta distinção tem a ver com o processo histórico: algumas Construções criadas “ao sabor do momento” serão integradas à gramática como regularidades consolidadas; outras, embora compreensíveis e sentidas como “vernáculos” (nos termos do “Princípio da Naturalidade”¹¹, de Culicover (2008,p.8)), terão vida curta, marcadas como idiossincrasias. As razões para que essa diferença se estabeleça são complexas e as abordaremos no correr desta exposição.

Na verdade, conforme apontam Langacker (2005) e Jackendoff (2008), entre outros, uma Construção precisa provar ser produtiva, para passar a integrar o acervo da língua.

A produtividade de uma Construção pode ser verificada de dois modos:

- (a) mais informalmente, através de seu decalque em outras instanciações, como, por exemplo : **comida a quilo, comida a chute, comida a rodo**; *nota em cima de nota, mentira em cima de mentira, reclamação em cima de reclamação*; **chuva de ambulâncias, chuva de cartas, chuva de beijos**; **morrer de fome, morrer de cócega, morrer de rir, morrer de trabalhar**.
- (b) mais cientificamente, através da identificação, em corpus eletrônico, da frequência de suas ocorrências sincrônicas e de sua evolução diacrônica.

2.1.5. A produtividade das Construções manifesta-se no seu processo de gramaticalização (ou de lexicalização)

Tomasello (2003), ao defender que a aprendizagem da linguagem seja uma experiência baseada no uso, acentua que,

em contraste com a gramática gerativa e com outras abordagens formais, nas gramáticas baseadas no uso, a dimensão gramatical da linguagem é um produto de um conjunto de processos históricos e ontogenéticos aos quais se dá o nome de gramaticalização.(...) A gênese da gramática e do significado parte da recorrência das Construções específicas e segue na direção da abstração e da generalização (TOMASELLO 2003:5).

¹¹ “A naturalidade de uma Construção em uma língua é determinada pela extensão com que ela se conforma à estrutura geral dessa língua.” (2008, p. 8).

Nessa perspectiva complementar à dos estudos diacrônicos (HOPPER&TRAUGOTT 1993; 2004), esse processo da gramaticalização o focaliza como um procedimento de rotinização do uso das expressões linguísticas, que se estabilizam para cumprir funções específicas, através do aumento significativo da frequência de suas ocorrências. Ocorre, então, uma situação de **mútua alimentação**: as Construções produtivas se gramaticalizam; e a gramaticalização das Construções enseja um aumento na sua frequência de uso.

Para tratar da gramaticalização das Construções, é preciso, então, que se assuma a hipótese de que a **gramática é baseada no uso** (BARLOW&KEMMER, 2002; TOMASELLO, 2003; LANGACKER, 2005; BYBEE, 2007), já que são mesmo **as condições de uso (ou sua ausência)** que licenciam ou interditam a expressão linguística.

A tese central da Gramática baseada-no-uso é a de que há uma relação intrínseca entre as estruturas linguística e as instâncias de seu uso, e que a frequência com que estas estruturas é usada caracteriza uma **rotinização cognitiva**, ou um **entricheiramento**, nos termos de Langacker (1987, 1991). A rotinização cognitiva corresponde à atuação de padrões mentais recorrentes que, desencadeados por demandas pontuais, são depois armazenados na memória de longo prazo.

Essa ativação cognitiva por demanda reforça a relação intrínseca que há entre as situações de uso e o processamento mental que redundam na formação do sistema linguístico internalizado. Dessa forma,

“a habilidade linguística do falante é, na verdade, constituída por regularidades no processamento mental da linguagem. Sob esse ponto de vista, não faz sentido traçar uma distinção precisa entre o que tradicionalmente é chamado de “competência” e “performance”, já que a “performance” é, em si mesma, parte da competência do falante.” (BARLOW & KEMMER, 1999, xi)

A crucialidade das situações de uso para a constituição e o funcionamento do sistema linguístico exige que se reveja o papel do contexto nessas operações. Verhagen (1999) aborda a complexa interação entre as representações cognitivas e os fatores contextuais das situações de uso da linguagem para relevar a subespecificação que as formas linguísticas contribuem à interpretação de um enunciado : *“a linguagem por si mesma não carrega o significado; ela simplesmente fornece pistas para a construção do*

significado no contexto”, visão posta em circulação no campo da linguística cognitiva por Fauconnier (1994; 1997) .

A compreensão de que o uso linguístico constitui a condição epistemológica que distingue o estranhamento frente a uma Construção como “*morrer de abacate*” da aceitação de outra como “*Agora eu fui*” no PB exige, então, que um estudo apropriado da gramática do PB envolva uma **amostragem significativa de enunciados para verificar a frequência e a regularidade** dessas expressões que as credenciem a serem reconhecidas como Construções do Português .

Mukherjee¹² (2002), em seu estudo sobre a importância da linguística de corpus para as abordagens das gramáticas baseadas- no- uso, faz uma correlação entre alguns **traços típicos de usos da linguagem atestados em corpus** e as suas implicações para os estudos da gramática:

- (a) as formas linguística diferenciam-se quanto à sua frequência e distribuição e a frequência com que elas ocorrem informa a sua produtividade no sistema;
- (b) o uso linguístico é largamente baseado em padrões recorrentes, e é por essa recorrência que se pode distinguir entre o que é uso rotinizado e o que é produção criativa;
- (c) as escolhas gramaticais e lexicais são interdependentes.

A utilização de usos atestados em corpus certamente sustenta uma abordagem sincrônica do sistema linguístico corrente de uma dada comunidade de fala.

As questões que envolvem o surgimento e a consolidação dessas novas formas são colocadas por Michaelis (2003a, b; 2004a, b) para a discussão sobre **quais seriam as condições que favorecem o desenvolvimento diacrônico das Construções**, e são respondidas por Traugott (2007), em sua análise das Construções partitivas em Inglês. Traugott postula que as partitivas se tornaram Construções de Quantificação como resultado do processo de convencionalização de implicaturas de Quantificação com Construções modificadoras de grau **já existentes** na língua. Gaeta (2007) defende essa

¹² MUKHERJEE,2002.

condição de pré-existência como fator obrigatório no licenciamento dos “desencontros sincrônicos” que, de outra forma, seriam descritos como “*efeitos obscuros das mudanças na língua*” (GAETA, 2007, p. 90).

O estudo dos processos históricos (ou ontogenéticos, nos termos de TOMASELLO, 2003) revela a importância das condições de uso para que uma expressão linguística se gramaticalize (ou se lexicalize) como Construção de uma determinada língua.

2.1.6 Os constituintes da Construção são identificáveis individualmente

Langacker (2005) coloca como critério para identificação de uma Construção a possibilidade de **recuperar as suas partes constituintes**, de tal modo que os constituintes combinados na formação de uma estrutura, associada a uma nova representação semântica, possam ser reconhecidos em seus atributos semânticos e sintáticos originais. Dessa forma, uma Construção **não é uma fusão de termos**, mas uma combinação que produz um novo domínio.

Essa formação que opera pela projeção de atributos de domínios pré-existentes para a criação de um novo domínio corresponde ao processo cognitivo que Fauconnier e Turner (1996) denominam **blend**, ou mescla, e que

opera em espaços mentais que são tomados como inputs. No processo de mesclagem, a estrutura dos dois espaços de input é projetada para um terceiro espaço, a mescla. **A mescla herda estrutura parcial dos dois espaços de input e tem uma estrutura emergente própria** (1996, p. 12).

O processo de mesclagem pode envolver vários procedimentos distintos, tais como a ativação de diferentes espaços mentais, a modificação de suas estruturas originais, o estabelecimento de diferentes conexões entre os espaços, o recrutamento de frames distintos, etc. Como Fauconnier e Turner colocam, “*muitos fenômenos podem despertar a formação da mescla, tais como a analogia, a contrafactualidade, a metáfora e as Construções gramaticais*” (1996, p. 118).

Dentro do escopo deste estudo, serão apresentados apenas os procedimentos que ocorrem na formação das mesclagens operativas nas Construções gramaticais.

Para exemplificar o processo de mesclagem na produção de Construções gramaticais, Fauconnier e Turner valem-se do exemplo clássico de Goldberg “*She sneezed the napkin off the table*”.

Na nossa adaptação do exemplo para o Português, diremos que Fauconnier e Turner (1996) iniciam a sua explicação pela comparação entre três tipos de enunciados:

- (i) *Jack jogou o guardanapo pra fora da mesa.*
- (ii) *Jack espirrou. O guardanapo que estava em cima da mesa se mexeu e caiu da mesa.*
- (iii) *Jack espirrou o guardanapo pra fora da mesa (mantenho a tradução literal do termo **sneeze** para que o processo de mesclagem seja melhor compreendido).*

Em Português, a tradução literal desse exemplo é impossível: uma correspondência mais vernácula é “*Jack espirrou tão forte que o guardanapo voou da mesa*”.

Os domínios que se integram seriam os evocados por uma Sentença Inergativa (*Jack espirrou*) e outra Inacusativa (*O guardanapo voou da mesa*). **A compressão sintática (a mesclagem)** transitiviza o Verbo Inergativo e agrega semanticamente uma relação causativa entre uma **Ação** (*Jack espirrar*) e uma **Mudança de Estado** (*o guardanapo cair da mesa*).

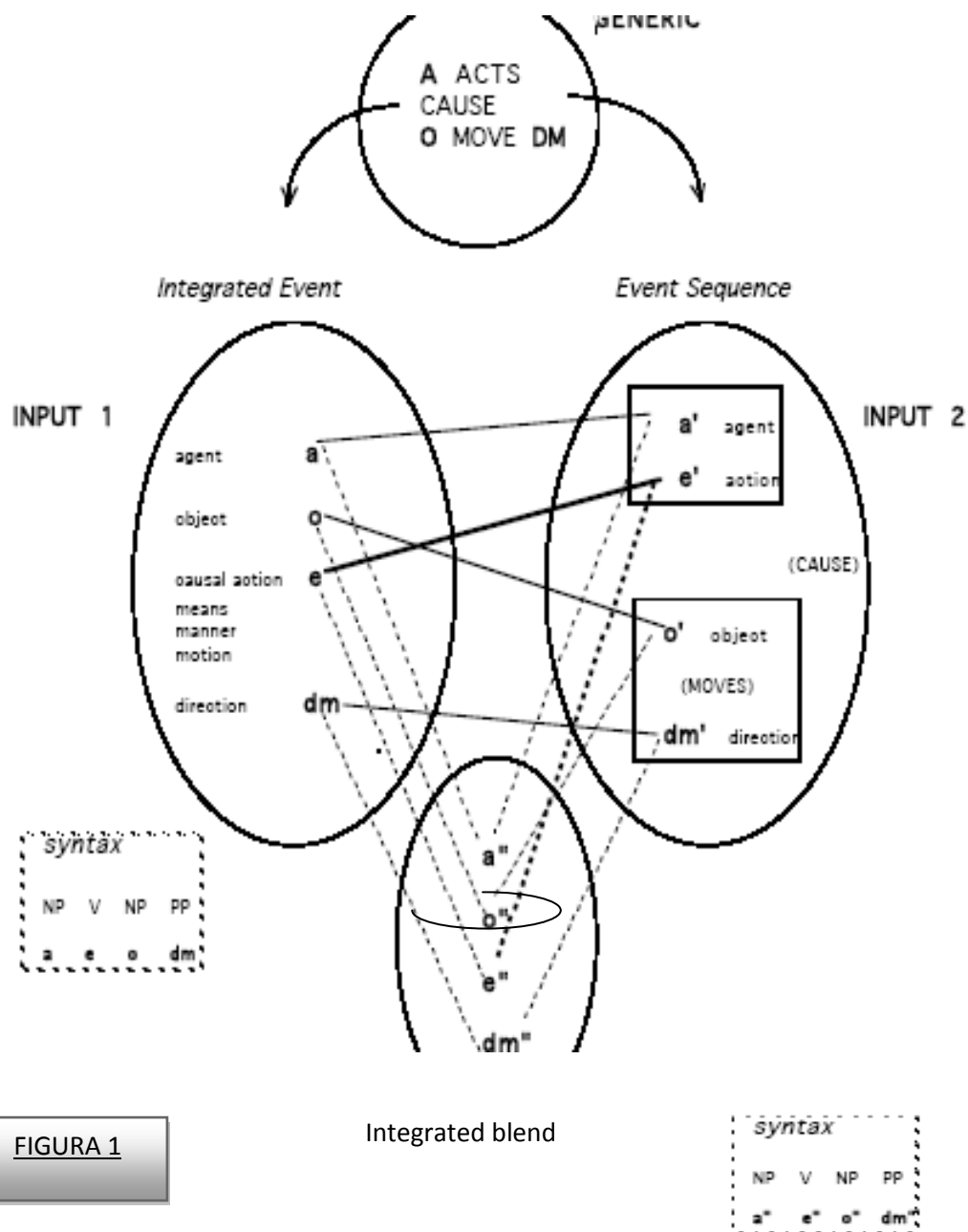


FIGURA 1

Na Construção de Movimento Causado, os **componentes sintáticos** procedem do domínio de Sequência dos Eventos, enquanto os **itens lexicais** procedem do domínio de Integração dos Eventos associado com a sequência causal. A projeção parcial dos elementos para a criação dessa mescla permite que se recuperem os constituintes da Construção, nos domínios-fonte.

A idéia de “mesclar” a teoria de integração conceptual com a Gramática das Construções é uma perspectiva fascinante, ideal acalentado expressamente por Fauconnier & Turner (2002). Entretanto, a ênfase desses autores nos processos de criação de sentido relegou a segundo plano os processos de integração sintática, tratados por Goldberg em seu estudo sobre as Construções de Estrutura Argumental. Nesse trabalho, entendemos que os processos de coerção que descreveremos caracterizam casos de mesclagem.

O quadro a seguir finaliza esta seção, resumindo as principais idéias da Gramática das Construções a serem consideradas no tratamento das **Construções de Quantificação Nominal**:

- As Construções são as unidades básicas do conhecimento lingüístico.
- As Construções são pareamentos de forma e de sentido.
- Em uma Construção, o todo pode não ser igual à soma das partes.
- Os elementos de uma Construção são identificáveis independentemente.
- As novas Construções emergem por decalque de Construções pré-existentes.
- As Construções são estruturas associadas a graus variáveis de produtividade.
- O incremento da produtividade das Construções manifesta-se em seu processo de gramaticalização (ou de lexicalização)

QUADRO 1

2.2 A representação semântica das Construções

Para tratar da representação semântica das Construções, na perspectiva em que elas foram descritas na seção anterior, é necessário reiterar duas idéias-mestras:

- (a) O significado da Construção **não é calculado pela aplicação unidirecional do princípio de composicionalidade**, uma vez que os arranjos sintáticos relevantes serão influenciados pelo conteúdo da matriz de atributos sintático-semânticos dos Núcleos lexicais: alguns valores destes traços serão unificados, ao passo que outros serão desfocados pela Construção, e
- (b) A projeção dos atributos sintático-semânticos das matrizes lexicais e o arranjo sintático que as integra na estrutura da Construção são influenciados pelas **condições de uso e pelas necessidades pragmáticas** criadas para a interpretação **da cena de experiência** que enquadra o uso dessa Construção (Por exemplo, na interpretação da enunciação em: “*Vou atrasar. Eu furei o pneu*”, a estrutura argumental do verbo **furar** será diferente daquela empregada na interpretação mais convencional para o enunciado: ***Eu furei o balão de gás***).

O cálculo do significado da Construção implica, então, em:

- (1) enquadrar pragmaticamente uma dada cena de experiência;
- (2) incluir e excluir atributos sintático-semânticos das matrizes dos Núcleos lexicais para impedir certas interpretações e permitir outras;
- (3) identificar a expressão e suas partes como instanciação de uma Construção licenciada pela gramática da língua.

Para tratar do detalhamento das estruturas semânticas das Construções, lançamos mão das formulações da Semântica de Frames, da Teoria do Léxico-Gerativo (especialmente, no que se refere à estrutura de *Qualia* da significação lexical) e da Teoria da Metáfora Conceptual, como apropriada pelos estudos construcionistas da Teoria Neural da Linguagem.

2.2.1 A semântica dos frames

Quando Fillmore (1977a) indica que “os significados são relativizados a cenas”, ele antecipa algumas discussões travadas mais à frente, tais como a discussão sobre o significado de uma **Construção** (FILLMORE and KAY, 1988; GOLDBERG, 2004) ou a

idéia do ajustamento dos argumentos semânticos de uma predicação, adotada nos estudos de Pustejovsky (1995).

Entende-se dessa postulação que os significados evocados por Unidades Lexicais (ULs) têm uma estrutura interna que é definida em relação a uma determinada cena de experiência, ou **frame**, definido por Petruck (2004) nos seguintes termos:

A FRAME is any system of concepts related in such a way that to understand any one concept it is necessary to understand the entire system; introducing any one concept results in all of them becoming available. In Frame Semantics, a word represents a category of experience; part of the research endeavor is the uncovering of reasons a speech community has for creating the category represented by the word and including that reason in the description of the meaning of the word (PETRUCK 2004, p. 2).

Um **frame**, então, refere-se a situações estereotipadas, reconhecíveis pelos falantes de uma dada comunidade, por capturar o conhecimento cultural e as experiências comuns a esses falantes. Tais estruturas conceituais são instanciadas através da seleção e combinação de Unidades Lexicais (Verbos, Nomes, Adjetivos e Preposições) relacionados a essa cena e pelo conjunto de papéis semânticos que correspondem aos participantes dessa situação idealizada.

Descrever o frame evocado por uma Unidade Lexical (UL) implica em identificar os participantes essenciais à cena correspondente (os Elementos Nucleares do Frame (ou EFn). Fazer a descrição lexicográfica desta UL requer que se especifique sua valência em termos das Classes Sintáticas e das Funções Gramaticais das expressões linguísticas que realizam os EFs.

Um elemento diferencial da semântica dos frames frente a outras abordagens das meta-relações semânticas dos argumentos de um Núcleo Lexical (por exemplo, a Teoria Temática das gramáticas chomskianas) é que as funções semânticas nos **frames** são relações micro-temáticas, específicas a cada frame. Assim, quando se trata da Cena Comercial, antes que um Agente genérico identificável nas valências de **comprar** e **vender**, diremos que o Sujeito de cada um destes Verbos é, respectivamente, o **Comprador** ou o **Vendedor**.

A Semântica de Frames é o arcabouço teórico de um grande projeto de linguística computacional hoje em desenvolvimento, o Projeto FrameNet, sediado no *International Computer Science Institute* (ICSI), em Berkeley, que tem Charles Fillmore como seu principal investigador. Tal projeto, cuja contraparte em Português começa a desenvolver-se (o projeto FrameNet Brasil, financiado pela FAPEMIG e pelo CNPq e sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora), emprega uma série de dispositivos descritivos dos frames e das ULs que se lhes correspondem. Ilustramos, a seguir, este tipo de tratamento , tendo escolhido como exemplo o caso canônico da literatura sobre frames, a CENA COMERCIAL, evocada pelo frame **Comércio_comprar**.

Comércio_comprar

Definição

São palavras que descrevem uma transação comercial básica envolvendo um Comprador e um Vendedor, na troca de Dinheiro por Mercadoria, e tomando-se a perspectiva do Comprador. As palavras variam individualmente nos padrões das efetivações dos elementos do frame que elas permitem. Por exemplo, o padrão típico para o verbo COMPRAR: COMPRADOR compra MERCADORIAS de um VENDEDOR em troca de DINHEIRO. Alfredo comprou um carro da Original por 30 mil reais.

Elementos do Frame (EF)

Nucleares:

Comprador [Cpd]

O comprador quer as Mercadorias e oferece Dinheiro para um Vendedor em troca dele.

Pedro comprou um casaco.

Regina comprou um livro da Neusa.

Mercadorias [Mcd]

O EF Mercadorias é qualquer coisa (incluindo trabalho ou tempo, por iplo) que é trocado por Dinheiro em uma transação.

Apenas um ganhador adquiriu os quadros.

Periféricos:

Duração [Dur]

TipoSemântico Duração

A extensão de tempo que as Mercadorias estão (ou estiveram) de posse do Comprador. (Esse EF só é relevante para as Unidades Lexicais (UL) *alugar* e *fazer um leasing*, que implicam uma mudança temporária de posse)

	Nossos vizinhos alugaram a casa deles por dez anos..
Modo []	
TipoSemântico	Qualquer descrição do evento de compra que não esteja coberto por EFs mais específicos, incluindo efeitos secundários (<i>silenciosamente, em voz alta</i>),e descrições gerais que comparem eventos. (<i>do mesmo modo</i>) Pode indicar também características relevantes do Comprador que afetam a compra (<i>deliberadamente, friamente, cuidadosamente, ansiosamente</i>)
Modo	
Maneiras [Mns]	A maneira através da qual se dá uma transação comercial.
TipoSemântico	
Descrição_dos_acontecimentos	
	Eles vão deixar você PAGAR com cheque?
Dinheiro [Din]	Dinheiro é o que é dado em troca das Mercadorias em uma transação.
	Sam COMPROU o carro por \$12,000.
Lugar [Lugar]	TipoSemântico Onde o evento ocorre.
Relação_locativa	
Propósito [Prop]	O propósito pelo qual um ato intencional é executado.
TipoSemântico	
Propósitodas mercadorias [POG]	O propósito intencional do Comprador em relação à mercadoria.
	Eu COMPREI a calculadora para calcular mais facilmente minhas dívidas.
Taxa [Taxa]	Em alguns casos, o preço ou pagamento é descrito por unidade de Mercadoria.
Jon ALUGOU um carro na taxa de 20 dólares por dia.	
Motivo [Motv]	O motivo pelo qual um evento ocorre.
TipoSemântico	
Recipiente []	O indivíduo que o Comprador quer que receba a Mercadoria.

	Você já COMPROU para mim três pares!
Vendedor [Vnd]	O vendedor tem posse sobre a Mercadoria e a troca por Dinheiro com um Comprador .
Tipo Semântico Origem	
	A maior parte do meu equipamento de audio, eu Comprei em uma loja perto de meu apartamento .
Tempo [Tempo]	Quando o evento ocorre.
TipoSemântico Tempo	
Unidade [Unidade]	Esse EF é qualquer unidade através da qual a mercadoria ou serviço pode ser medido.. Lee Compra batatas por quilo .
Unidades Lexicais	
<i>Comprar.v, adquirir.v, aquisição_((ato)).n</i>	
Criado por miriamp na data de 12 de julho de 2001, 12:38:02 PDT 2001 e traduzido/adaptado por mim, em 20 de fevereiro de 2009.	

QUADRO 2 FRAME SEMÂNTICO DE **COMPRAR**

A descrição de um frame inclui, pois, dois componentes básicos: as Unidades Lexicais (UL) e os Elementos do Frame (EF).

As Unidades Lexicais consistem no emparelhamento de um lexema com um frame por ele evocado.

Os Elementos do Frame, por sua vez, são classificados na perspectiva de **quão centrais** eles são na cena evocada, distinguindo-se como Nucleares, Periféricos ou Extra-Temáticos.

Os **EFs Nucleares** “instanciam componentes conceitualmente necessários para um frame” (FILLMORE 2006, p.26), tornando-o único e diferente dos demais.

Por exemplo, no frame **Vingança**, são Elementos Nucleares *o Vingador, o Castigo, o Ofensor, a Ofensa* e *a Vítima*, pois todas as ULs que evocam **Vingança** implicam, ou expressam em suas valências, esses papéis microtemáticos.

Os Elementos Nucleares são geralmente identificados pelo fato de ocuparem as posições sintáticas mais relevadas (*Sujeito* ou *Objeto Direto*), e assim tendem a ser automaticamente explicitados. Na verdade, mesmo quando esses EFs Nucleares não estão explicitados, eles são anotados como **Instanciações Nulas** (Definidas, Indefinidas ou Construcionais).

Um **EF Periférico**, por sua vez, define uma relação semântica que não é indispensável para tornar o frame único e diferenciado. Exemplos típicos de EFs periféricos são as noções de **Tempo**, **Distância**, **Maneira**, **Grau**, entre outros.

No Frame **Cozinhar**, exemplificado no enunciado: *No fogão a lenha, Zitinha cozinhou animadamente em 20 minutos um risoto com tomate seco e alho poró para comemorar a vitória do Botafogo*, os EFs Nucleares são o **Agente** (quem faz a comida, Zitinha) e a **Comida** (um risoto), e são EFs Periféricos **o Instrumento** e **o Ingrediente utilizado** (alho poró e tomate seco), **o Modo de Preparo**(animadamente), **o Local de Preparo** (fogão a lenha), **o Propósito**(para comemorar a vitória do Botafogo), **o Tempo Gasto** (20 minutos).

Um EF Extratemático, por sua vez, situa um frame dentro de outro frame, especialmente frames abstratos, que podem ser evocados **construcionalmente**. Por exemplo: *A Eliana, aquela querida, me fez um bolo delicioso*, evoca um cenário de **Transferência Causada**, ativado pela relação semântica **Beneficiário**, marcado em lilás.

O Projeto FrameNet articula-se com o arcabouço teórico da Gramática das Construções, tal como expresso no texto de referência do projeto (*FrameNet II: Extended Theory and Practice*, de RUPPENHOFER, ELLWORTH, PETRUCK, JOHNSON E SHEFFCZYK), embora a explicitação teórico-analítica dessas duas perspectivas complementares esteja por ser melhor trabalhada.

São disposições teóricas do Projeto FrameNet, e, especificamente, da Semântica de Frames, as postulações que alinhavamos a seguir:

- (i) Um mesmo lexema pode participar de diferentes Unidades Lexicais, no caso em que se associe a frames distintos, como ocorre com o Verbo **cozinhar** em:

(3)

*Maria cozinhou as batatas por 20 minutos, em que o frame evocado é o de **Aplicar_calor**.*

*Ana cozinhou uma canja para a sua mãe, em que o frame evocado é o de **Criação de_alimento**.*

*O pato tem que cozinhar por mais 40 minutos, em que o frame evocado é o de **Absorver_calor**.*

- (ii) O frame que organiza a semântica de uma Construção pode ser evocado por Núcleo Lexical que não seja o Núcleo sintático da sentença: nestes casos, em que o frame é evocado por Núcleo Nominal, Adjetival ou Preposicional, o Núcleo sintático da sentença será realizado por um Verbo-Suporte ou por uma Cópula:

(4)

<i>Ele deu [uma palestra] muito legal ontem.</i>	[deu]: verbo suporte]
<i>O livro estava [em cima da] mesa.</i>	[estava: verbo suporte]
<i>A menina ficou [danada da vida].</i>	[ficou: cópula]

- (iii) Os elementos do frame não são realizados apenas por funções gramaticais locais: eventualmente o Argumento Externo na valência da UL evocadora do frame pode instanciar-se em oração mais alta ou em um constituinte distinto.

(5)

*[O doutor] tentou **curar** o garoto palestino.*
*[Quem] você disse que **vem** para o jantar?*

- (iv) Os casos de desencontro sintático-semânticos podem realizar-se também em âmbito não-oracional, ou seja, no interior de Sintagmas Nominais que sejam Quantificadores, Especificadores, Avaliadores: nesses casos, em que o EF é constituinte adjunto ou complemento do Núcleo

Nominal, chama-se a estes Nomes “**Transparentes**” do ponto de vista da anotação semântica dos frames:

(6)

*Ela tomou **uma xícara de** café antes de sair.*
*Daqui dá prá ver **o telhado da** casa.*
***Um grupo** de visitantes invadiu o museu antes da abertura oficial*
*Ele recebeu **uma enxurrada** de scraps no Orkut ontem.*
*Comi **uma caixa de** bombons agora na Páscoa.*
*Ela teve que se encontrar com **o idiota** de seu namorado.*

(v) Elementos do Frame que sejam omitidos (i) por serem contextualmente recobráveis (Elementos Definidos Nulos: DNI), ou (ii) por serem conceptualizado de forma genérica (Elementos Indefinidos Nulos: INI) ou por terem sua ausência licenciada pela Construção que os instancia (Elementos Construcionalmente Nulos: CNI) são incluídos expressamente na anotação:

(7)

*Ele comprou um laptop e me **emprestou**. [DNI]*
*Ele **bebe** demais. [INI]*
*Me **empresta** o seu caderno? [CNI]*

(vi) Há Construções que acrescentam um Elemento de Frame ao Frame lexicalmente evocado. O caso clássico é o de Construções da Estrutura Argumental (CEA) como a Construção do Movimento Causado (GOLDBERG, 1995). Há outros casos de CEA em que não há acréscimo semântico e sim acréscimo sintático, como ilustrado pela Construção do Argumento Cindido (FERNANDES, em progresso):

(8)

*She **sneezed the napkin off the table.***
*A professora vai atrasar. **Ela furou o pneu.***
*Fala rápido que **meu celular tá quase acabando a bateria.***

Todas essas contribuições teóricas, riquíssimas em suas promessas analíticas, são pontos de apoio à discussão que empreenderemos.

2.2.2 Metáforas conceituais na motivação das Construções gramaticais

Tendo estabelecido que frames – esquemas conceituais – são unidades básicas da teoria semântica (cognitiva) que estamos adotando, é natural que nos ocupemos também das relações entre os frames. Além das **relações nas redes** (hierarquia, subcomposição, dependências), há outras classes de relações semânticas que mereceram grande atenção das ciências cognitivas nos últimos trinta anos.

Neste caso, não se trata de relações na rede, mas de relações de **mapeamento entre frames**, tradicionalmente identificadas nos estudos da linguagem como **relações figurativas: metafóricas e metonímicas**. **Metáforas** são situações de **mapeamento entre frames**, de tal modo que o domínio alvo é conceptualizado nos termos do domínio fonte. **Metonímias** são situações de mapeamento, de tal modo que a menção de um dos elementos do frame-alvo o ativa como um todo e o representa em condições de suficiência.

O grande desenvolvimento dos estudos contemporâneos da metáfora e da metonímia é deflagrado pelo trabalho pioneiro de Lakoff & Johnson (1980), objeto de elaborações sucessivas (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1990, 1993; LAKOFF & JOHNSON, 1999; BARCELONA, 2000; LAKOFF, 2001; GIBBS AND LAKOFF, 2008). Não é propósito deste trabalho focalizar esse fascinante eixo de investigação, ainda mais porque, na análise que proporemos, os elementos teóricos que recrutamos referem-se apenas aos processos metafóricos, não aos metonímicos.

Assim sendo, recorreremos a Salomão (2009) para sumariar as hipóteses nucleares da teoria conceptual da metáfora, que são as seguintes:

- “ (i) As metáforas são mapeamentos conceptuais, que integram o sistema conceptual, e não apenas expressões linguísticas.
 (ii) Os mapeamentos metafóricos envolvem domínios conceptuais (frames), que correspondem a qualquer organização coerente da experiência humana. São exemplos de metáfora conceptuais o entendimento da QUANTIDADE em termos da VERTICALIDADE, ou do AFETO como CALOR, ou ainda ATIVIDADE DE GOVERNAR conceptualizada como JOGAR FUTEBOL.
 (iii) Os mapeamentos metafóricos do domínio-fonte ao domínio alvo são sempre parciais.
 (iv) Existe um vasto sistema de mapeamentos metafóricos convencionalizados, aprendidos e usados automaticamente, que compõem o chamado “inconsciente linguístico.”
 (v) A linguagem metafórica recruta as metáforas conceptuais, inclusive para novos usos metafóricos, como linguagem poética. Diferentes expressões linguísticas podem evocar diferentes aspectos de uma mesma metáfora” (SALOMÃO, 2009).

Utilizando o exemplo da metáfora **ARGUMENTAÇÃO É GUERRA**, Lakoff & Johnson 1980, p.86 comentam que

expressões do vocabulário da Guerra, por ex: **atacar uma posição indefensável, estratégia, nova frente de ataque, ganhar, tomar espaço**, etc apresentam-se como uma maneira sistemática de se falar sobre os aspectos bélicos da discussão. Uma porção da rede conceptual de batalha caracteriza parcialmente o arquivo conceptual de um argumento e a linguagem adéqua-se a ela. (minha tradução)

Apesar de a estrutura metafórica ser bastante poderosa em suas ligações com as expressões linguísticas relacionadas, Lakoff e Johnson defendem que a ativação metafórica é sempre parcial: isto é, **um conceito não é o outro conceito**: um conceito é apenas entendido **em termos do outro conceito**.

Dessa forma, na metáfora TEMPO É DINHEIRO, não há como fazer corresponder totalmente os conceitos TEMPO e DINHEIRO, mas é possível ativar o frame TEMPO em termos dos Elementos do Frame Dinheiro (Medida, Valor, Extensão,...) para produzir expressões linguísticas tais como: “*Não perca o seu tempo comigo*”; “*Os dias que ele gastou fazendo o berço não valeram para nada*”; “*Quase não saí de casa esse mês por conta dos congelados, mas valeu*”. **Não há, portanto, a fusão** entre os conceitos do domínio-fonte com os do domínio-alvo, mas apenas a **projeção parcial do esquema-fonte**, preservada sempre a integridade conceptual do domínio-alvo. Assim, quando eu **dou a alguém uma idéia**, não é fato que eu, conseqüentemente, me torne incapaz de conceptualizá-la ou de exprimi-la.

Um dos principais desenvolvimentos dos estudos cognitivos da metáfora foi a descoberta das **metáforas primárias** (GRADY, 1997), que estabelecem relações conceptuais básicas entre frames também primários na rede conceptual. Assim, metáforas como QUANTIDADE É VERTICALIDADE ou ESTADOS SÃO LUGARES são mapeamentos fundadores de outras conceptualizações, essas chamadas **metáforas complexas**. Lakoff (2008), em seu tratamento analítico detalhado da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, postula que a ativação desta relação metafórica evoca quatro outras metáforas mais básicas, a saber: PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES, DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS AO MOVIMENTO, INTIMIDADE É PROXIMIDADE, UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER (LAKOFF, 2008,p. 36-37).

Do mesmo modo, no caso que analisaremos, a expressão **monte de** como marcador de **Quantidade** requer o mapeamento de duas metáforas primárias:

- (i) QUANTIDADE É VERTICALIDADE (PARA CIMA).
- (ii) CATEGORIAS SÃO CONTÊINERES.

Entendemos que as noções de frames, de rede de frames (tal como representada pelo sistema FrameGrapher do projeto FrameNet), e de mapeamentos figurativos interframes são elementos essenciais para abordar as estruturas semânticas das Construções de Quantificação Nominal que estamos estudando.

Entretanto, além da noção de frame e de metáfora para a explicação das inferenciações sistematicamente requeridas pela interpretação das expressões que estudaremos, há outras dimensões de geratividade semântica cuja formalização é solicitada pela nossa análise.

2.2.3. A Teoria Léxico-Gerativa e a concepção da estrutura de Qualia

A teoria semântica defendida por Pustejovsky (1995; 2001) em **O Léxico Gerativo** é, de muitos modos, um enfrentamento sistemático da noção fregeana do

princípio da composicionalidade, o que implica trazer essa teoria para o cerne das discussões sobre Construções gramaticais.

As duas principais noções que sustentam esse enfrentamento no tratamento da significação lexical são (a) a concepção de **estrutura de Qualia** e (b) os mecanismos para operações gerativas de “significados estendidos”, tais como a **Coerção**, objeto da próxima seção.

A utilização da **estrutura de Qualia** para a descrição de um item lexical é uma ferramenta para representação das categorias semânticas, já que reúne os diversos modos de predicação admitidos por um item lexical, considerados **aspectos essenciais do significado de uma palavra**.

A idéia dos *Qualia* é, em parte, inspirada na interpretação de Moravcsik (1975) sobre os modos de explanação (*aitiae*) de Aristóteles e é composta de quatro dimensões:

- (1) **Quale Constitutivo**: especifica a relação entre um objeto e suas partes; ou seja, especifica de que é feito o objeto.
- (2) **Quale Formal**: estabelece a relação do objeto com o ambiente em que ele se situa (orientação, magnitude, forma, dimensão, cor ou posição).
- (3) **Quale Télico**: especifica a finalidade e/ou a função do objeto.
- (4) **Quale Agentivo**: especifica a origem ou como o objeto foi construído.

A **estrutura de Qualia** permite estabelecer associações entre palavras e redes conceituais, conforme se pode observar no quadro abaixo, em que, além do detalhamento da **estrutura de Qualia** de uma palavra α , estão também incluídas a estrutura argumental e a estrutura de eventos de que a situação evocada pelo item α pode participar:

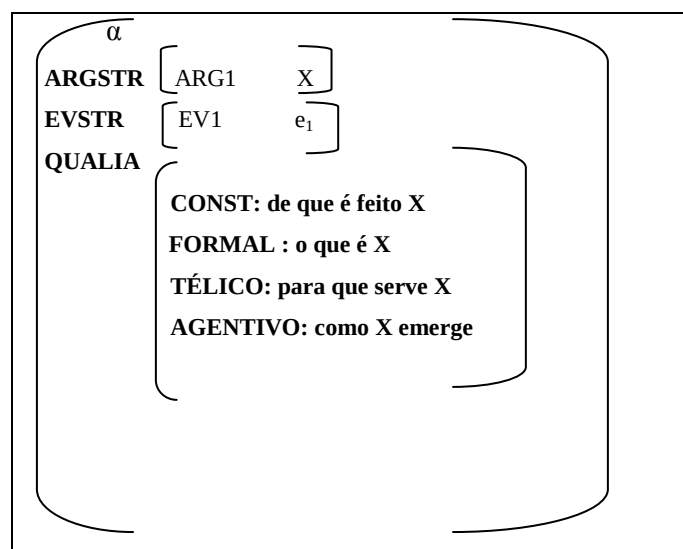


FIGURA 2 Representação genérica da estrutura de **Qualia** de um item lexical

Essa estrutura é aplicada também na distinção entre Tipos semânticos, que se classificam como **Entidades**, **Eventos** ou **Qualidade**, cada um destes Tipos podendo se dividir em 3 subcategorias, que são : *Natural* (N), *Funcional* (F) e *Complexo* (C), conforme se ilustra na figura a seguir:

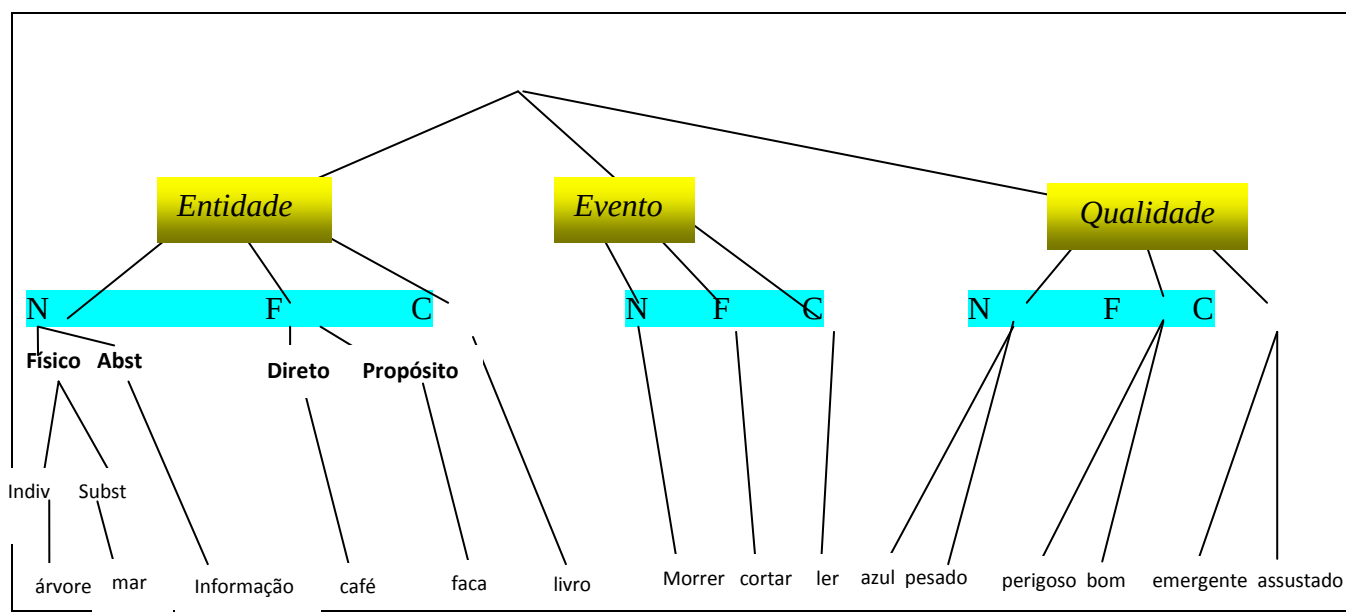


FIGURA 3 DIAGRAMA DE TIPOS SEMÂNTICOS NA TEORIA LÉXICO-GERATIVA

A classificação dos Tipos é feita segundo determinação dos elementos unificados da **Qualia**:

- (a) O Tipo **Natural** inclui conceitos cujas referências se diferenciam exclusivamente quanto aos **Qualia Formal** e **Constitutivo**.
- (b) O Tipo **Artefato** inclui conceitos que fazem referência às dimensões semânticas **Propósito**, **Função** e **Origem**.
- (c) O Tipo **Complexo** inclui conceitos que fazem uma referência à *relação entre os Tipos*.

Todos os Tipos são dinâmicos, isto é, um Tipo pode mudar sua categoria, bastando, para isso, que seja incluído mais um traço em sua prévia estrutura argumental.

Por exemplo, **laranja** evoca um Tipo Natural quando empregado na sentença: *Olha como estas **laranjas** estão **maduras***. Neste caso, a estrutura de Qualia desse item lexical é a seguinte:

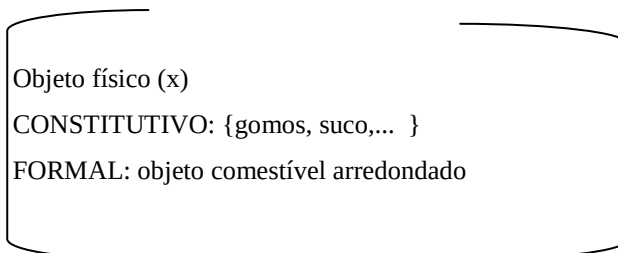


FIGURA 4 Representação da estrutura de *Qualia de laranja*

Se, entretanto, ao significado desse item for adicionado o elemento Télico (função: **ser comido**), o Tipo passa a ser **artificial** (ou **funcional**) e a sua estrutura argumental é distinta, como em: *As laranjas do sítio estão deliciosas*. A modificação na estrutura de *Qualia* fica assim diagramada:

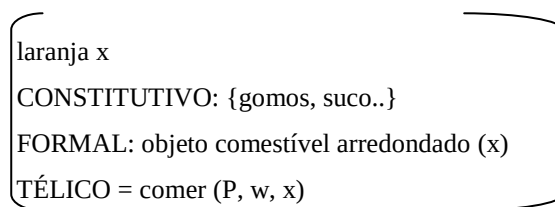


FIGURA 5 Inclusão do Traço Télico na estrutura de *Qualia de laranja*

em que em **comer (P,w,x)**, P é o processo executado por **alguém (w) em algo (x)**.

E se ao significado do item ele for adicionada a informação sobre a emergência deste item em um dado cenário, à estrutura de *Qualia* deverá ser acrescentada também o papel **Agentivo**, como em “*As laranjas para o lanche já estão descascadas.*”

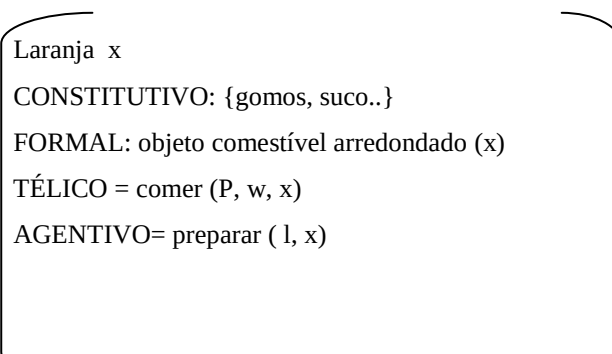


FIGURA 6 Inclusão do Traço Agentivo na estrutura de *Qualia de laranja*

O Tipo Complexo, também tratado como Objeto Pontuado (***Dot Object***), descreve itens lexicais que apresentam, segundo Pustejovsky (1995, 2005), uma **polissemia inerente**.

O item lexical **escola** é, por exemplo, um **Objeto Pontuado**, assim como podem sê-lo, também, os itens lexicais **livro, jornal, almoço**. Observem-se alguns exemplos de significados desses itens, nas sentenças (traduzidas) apresentadas em Pustejovsky (2005, p.2-3):

(9)

- a) *Mary não acredita no **livro**. (informação)*
*Mary vendeu o **livro** para João. (objeto físico)*
- b) *Eno, o gato, dormiu em cima do **jornal** de ontem. (objeto físico)*
*O **jornal** de ontem me deixou preocupado. (informação)*
- c) *Eu estou com o meu **almoço** no freezer. (objeto físico)*
*O seu **almoço** hoje demorou mais que o de ontem. (evento)*

Essa acepção de representação semântica como um **processo dinâmico** tem as seguintes implicações, todas elas relevantes para o tratamento das Construções gramaticais:

- (a) um item lexical não tem um significado fixo, podendo **migrar de um Tipo para o outro** (**Natural** para **Funcional**, por exemplo, como no caso do lexema **almoço**, no exemplo (c) acima; ou de **Entidade** para **Evento**, como em : *A **palestra** da Secretária de Saúde continha várias contradições* e *Eu o encontrei na **palestra** da Secretária de Saúde*).
- (b) a mudança no Tipo do item lexical pode implicar em uma mudança simultânea na sua **estrutura argumental** e, portanto, uma mudança no arranjo sintático de que esse item participa.
- (c) a mudança no Tipo do item lexical **nunca** apaga o seu atributo **formal**, o que permite a sua recuperabilidade em qualquer Construção em que ele seja empregado.

A configuração da estrutura de *Qualia* a ser adotada para cada item lexical é **definida pelo frame semântico, pela cena de experiência que esse item evoca como Unidade Lexical**. Por exemplo, a estrutura de *Qualia* do item lexical **enxurrada** para o

Frame Semântico **Atributos Naturais** (*A enxurrada de fim de verão alagou o centro de São Paulo.*) será diferente da configuração da sua estrutura de *Qualia* para o Frame Semântico **Movimento Massivo** (*A enxurrada de reclamações contra o aumento do IPTU congestionou os telefones da prefeitura.*).

A grande distinção entre a semântica de frames e a abordagem do Léxico-Generativo repousa em duas condições centrais:

- (i) Uma é epistemológica e é histórica: a semântica dos frames (assim como a teoria da metáfora conceptual) emerge da necessidade de oferecer à semântica um tratamento cognitivista em franco contraste às teorias formais do sentido; a teoria do Léxico-Generativo emerge para atender a necessidades do tratamento computacional da linguagem (Processamento de Linguagem Natural).
- (ii) O ponto de partida da semântica de frames (e da teoria da metáfora conceptual) são as estruturas conceptuais/cognitivas evocadas pelas expressões linguísticas; o ponto de partida da teoria do Léxico-Generativo são as expressões linguísticas, sua polissemia e os processos de sua integração sintático-conceptual.

Em que pesem as distinções de origem dessas duas abordagens, várias análises construcionistas recorrem a elas de forma complementar – e é assim que procederemos no tratamento que propomos.

2.3 O desencontro nas Construções e o fenômeno de Coerção

O fenômeno do **mismatch**, ou desencontro, vem se tornando uma das pautas mais caras para as discussões linguísticas recentes, especialmente para lingüistas cognitivos que assumem programaticamente o Princípio da Continuidade na cognição humana. Essa questão é também relevante para a Gramática das Construções, porque Construção é um **pareamento** de forma e sentido e a hipótese *default* a esse respeito é a homologia da arquitetura das estruturas semânticas e formais que constituem a Construção.

Mismatch, ou desencontro, se refere a uma discrepância sincrônica entre forma e significado, em que os mapeamentos da relação forma e função são “incongruentes em relação aos padrões mais gerais de correspondência na linguagem.” (FRANCIS &

MICHAELIS, 2003, p.2). As Construções portadoras desse desencontro apresentam, então, um conflito estrutural que pode ser semântico, sintático e até mesmo sintático e semântico.

Estudiosos construcionistas do fenômeno do desencontro, à frente Laura Michaelis, propõem que o mecanismo responsável para a resolução desse tipo de conflito é o mecanismo de **Coerção**, proposto por Pustejovsky para tratar de outro tipo de problema. Define-se **Coerção** como “*uma operação semântica que converte uma expressão, α , ao Tipo esperado pela função que a rege, β* ” (PUSTEJOVSKY, 1995, xi). Michaelis (2005.p.51) identifica a ocorrência desse mecanismo

“todas as vezes em que os requisitos da Construção prevalecem sobre os requisitos dos atributos lexicais, nos casos em que o item lexical e a Construção ao qual o item está inserido têm valores diferentes para um mesmo atributo.”

A Coerção seria, ao mesmo tempo, um fenômeno semântico-pragmático (TRAUGOTT, 2007, p.529), “uma reinterpretação contextual” (PUSTEJOVSKY, 1995, xiv) e um “efeito colateral de funções semióticas ordinárias dos marcadores gramaticais” (MICHAELIS, 2005, p.51). Funciona, na verdade, como um **mecanismo de acomodação** que Michaelis descreve como **Override Principle** (doravante tratado como Princípio da Ultrapassagem¹³):

Se um item lexical é semanticamente incompatível com o seu contexto sintático, o significado do item lexical conforma-se ao significado da estrutura no qual está integrado. (minha tradução)

A compreensão de que o mecanismo da Coerção é um fenômeno linguístico rotineiro e regular leva à compreensão de que as valências dos atributos do núcleo lexical e de suas projeções não precisam, portanto, ser harmoniosamente unificadas para garantir a gramaticalidade e a interpretabilidade das expressões geradas: a condição única e necessária, agora, é que **ocorra a conversão ou a troca- dos Tipos das projeções** para que os Tipos se acomodem às funções esperadas pelos Núcleos, solucionando o aparente conflito semântico entre as partes da Construção.

¹³Parece-me que a melhor tradução para **override**, nesse contexto, seja mesmo, dentre a oferta de termos em Português, a que inclui **cancelar, anular, negligenciar, ignorar**, entre outros, **ultrapassagem**: nessa perspectiva, compreende-se que trata-se de um procedimento para vencer/ultrapassar um obstáculo, reconhecendo-se sua existência e não operando pelo seu cancelamento ou anulação. Nessa orientação, mantém-se a ideia vinculada à tradução de Type-Shifting como Troca de Tipo; isto é, a estrutura/ o obstáculo original é mantido e recuperável, embora, para esse momento, ela/ele seja ultrapassada a favor da resolução do conflito na Construção em questão.

Essa **Conversão**, como a denomina Pustejovsky (1995), ou **troca**, como a trata Talmy (2006), ou **Troca de Tipo**, como explicitamente a caracteriza Michaelis (2005), é um procedimento quase imperceptível morfológica e sintaticamente, e pode ser realizada de modos diversos, conforme se detalhará na próxima subseção.

2.3.1. Troca de Tipos

A operação de Coerção envolve, essencialmente, a modificação no Tipo (ou seja, nas especificações dos atributos que participam das valências) do Núcleo do sintagma para ajustá-lo às funções previstas em suas projeções. Observem-se as conversões efetuadas nos exemplos abaixo:

- (a) a troca do atributo [SUBSTÂNCIA] para [ENTIDADE INDIVIDUADA], no caso de *I want a **beer*** e de *Me dá **dois cafés***.
- (b) a troca do atributo [ESTATIVO] para [TÉLICO], no caso de... *he's **believing every word*** e de *Duda está **ficando com*** o Pedro;
- (c) a troca do atributo [TODO] para [PARTE], no caso de *Tem um **alface** no seu dente aqui, ó*;
- (d) a troca da valência [INTRANSITIVO] para [TRANSITIVO], no caso de *A Record vai e **evolui** sua televisão*¹⁴.

Pustejovsky (1995; 1998) fala sobre classes diferentes de Coerção, conforme o Tipo do elemento que sofreu essa Coerção e conforme as modificações operadas no ranque (classe, categoria) e no domínio desse elemento. Dessa forma, quando o Tipo que sofreu a Coerção preserva a classe de seu Tipo, trata-se de uma **Coerção com Preservação da Classe** (isto é: mesmo após a aplicação da Coerção, o elemento mantém-se na mesma categoria Tipológica); quando, por outro lado, o Tipo que sofreu a Coerção troca de classe ou de categoria, tem-se um caso de **Coerção com Mudança de Classe**.

Observem-se exemplos desses dois Tipos de Coerção¹⁵:

- (10) (a) *Mary threw **the rock**.*
*Os meninos jogaram **a pedra**.*
- (b) ***The water** spoiled.*
***O leite** estragou.*

¹⁴ Propaganda da TV Record, em 2008, publicada em revistas e jornais.

¹⁵ Serão apresentados os exemplos em Inglês, de Pustejovsky (1995, xxii), e correspondentes próximos em Português.

Em (a), tem-se um exemplar de Coerção (Substância para Individuação) com **preservação da categoria** (o complemento do verbo **jogar** pertence ao **Tipo objeto físico**, do qual **rocha** é um sub-Tipo) e **ao mesmo domínio** (Entidade permanece Entidade). Em (b), há uma Coerção com Troca de categoria (o predicado é uma consideração avaliativa), mas o domínio é preservado (Entidade permanece Entidade).

Mas os Tipos podem também sofrer um outro modo de Coerção mais forte, o que pode fazer com que eles **troquem de domínio** (Entidade, Evento ou Propriedade) : nesse caso, trata-se de uma **Coerção com Troca de Domínio** (isto é, uma Entidade é interpolada como um Evento, por exemplo); se o domínio é mantido, ao contrário, trata-se de uma **Coerção com Preservação do Domínio**.

Observem-se, a seguir, exemplos ilustrativos dessas coerções:

- (11) (a) *John enjoyed **the flower**.*
 *João curtiu **a flor**.*
 (b) *John began **the building***
 *João começou **o prédio**.*

Em (a), a Categoria está mantida, mas houve troca de Domínio (a compreensão da Construção *curtir a flor* implica compreender que **a entidade flor** está sendo considerada como referência ao **evento** (que é o objeto da experiência prazerosa: *sentir o perfume da flor, ou a maciez de suas pétalas, etc.*). Em (b), por sua vez, tanto a Categoria quanto o Domínio são trocados: o Evento da Construção torna-se Télico em termos da *Quale Agentiva* da estrutura; o Nome **prédio** passa por sua vez de Entidade a Evento, já que reporta metonimicamente a “construção do prédio”.

Nesse processo de Coerção de Mudança de Tipo e Mudança de Domínio, Pustejovsky (2008) aponta para modificações na estrutura de *Qualia* dos itens coagidos, que tanto podem ter algum dos argumentos apagados ou podem passar a incluir, no traço formal, algum atributo que não pertencia à *Qualia* original.

Essa modificação pode representar um **Aproveitamento do Tipo (type exploitation)**, quando o núcleo seleciona apenas uma parte da semântica associada com seus argumentos; ou em **Introdução do Tipo (type introduction)**, quando uma nova estrutura **passa a envolver (wrap)** o Tipo na posição de argumento.¹⁶

¹⁶

Pustejovsky (2008: 5)

Como exemplo de **Coerção por um aproveitamento do Tipo**, tem-se a unificação de **comprar** e **livro**, em *Maria comprou um livro*. **Livro** é um Tipo complexo - objeto físico •informação- que tem apenas a parte semântica referente a **objeto físico** selecionada para a unificação.

Como exemplo de **Coerção por introdução do Tipo**, tem-se a unificação de **ler** e **fofoca**, em *Maria leu uma fofoca sobre você*. Como o argumento esperado como complemento do verbo **ler** precisa ser um Tipo complexo (objeto físico •informação) e **fofoca** não se inclui nessa descrição, **fofoca** acaba adquirindo uma **configuração física** ao ser embrulhada/ envolvida pelos argumentos do Tipo esperado, através da Coerção por Introdução de Tipo.

Talmy (1977; 2006, cap5) também trata do fenômeno de **Trocas (Shifts)** na resolução dos conflitos semânticos presentes em Construções e em sentenças. Assim como Pustejovsky, Talmy (2006) descreve os ajustes efetuados através das operações executadas entre classes numa perspectiva focada mais na dimensão conceptual do que na dimensão lexical. Nos ajustes entre as partes da Construção e entre os elementos em um contexto, Talmy enumera os seguintes¹⁷ procedimentos:

- (I) alargamento conceptual ou cancelamento de componente de um esquema de classe-fechada;
- (II) substituição de componente com especificação de classe-aberta;
- (III) blend (mescla);
- (IV) justaposição.

O primeiro desses procedimentos determina modificações nas **valências dos atributos de termos pertencentes a uma classe fechada** (Preposições, Advérbios, marcas aspectuais dos Verbos), que levam ou a um alargamento do campo de aplicação ou a um cancelamento de alguma das valências, de modo a garantir a resolução do

¹⁷ Talmy faz menção a um quinto mecanismo de resolução de conflito, que ele denomina **ilusão e bloqueamento**, uma atitude cognitiva em que o interlocutor ignora e bloqueia o conflito semântico na Construção e no contexto, depois das tentativas inócuas de resolvê-lo por um dos outros quatro procedimentos. Apesar de se tratar de processo extremamente relevante para os estudos de interação verbal, não me deterei neste ponto aqui.

conflito. Geralmente, esses ajustes derivam de modificações nos esquemas semânticos originais desses componentes.

Observem-se os exemplos a seguir:

- (12) (a) *Ela mostrou o balancete da FADEPE **no** retroprojektor.*
 (b) *Ela voltou em casa **por cinco minutos**.*

Os esquemas em que estão alojados os termos destacados dos exemplos (preposições **em** e **por**) acima remetem, respectivamente, para uma delimitação de uma entidade dentro de limites definidos (*Ela está **na** cidade; Ela colocou a torta **no** forno; Ela copiou o endereço **no** caderno de História*) e para a indicação de um período de duração de atividade (*Estudei em Florianópolis por dois anos; ela cozinhou por três horas antes de sair*). Essas associações imediatas não são confirmadas nos usos de **no** e **por** nos contextos acima: no exemplo (a), passa-se a compreender que se usou o retroprojektor para apoiar uma exposição verbal dos dados do balancete (metonimicamente, o balancete estaria **em um** slide projetado pelo retroprojektor); no exemplo (b), estabelece-se uma sequência **transição/estado/transição**, sendo que a duração evocada refere-se à fase **estado**, enquadrado como subframe associado a **voltar**.

O segundo procedimento envolve uma modificação nas especificações de um componente de classe-aberta (N, V, A,...), especificações que são substituídas para promover um acordo com especificações do componente de classe-fechada presentes na Construção. Observem-se os exemplos (a) e (b):

- (13) (a) *Ela está **quebrando** pedaços de tijolo para seu artesanato.*\
- (b) *Ela **constrói** casas **como profissão**.*
- (c) *Na briga da gang, o Zé **amassou a cara** do Beto.*

No primeiro enunciado (a), nota-se que as especificações do componente de classe-aberta (**quebrar**: ação com início e fim intrínsecos) são substituídas a favor daquelas do componente da classe fechada (**a forma gerundial**, que evoca a idéia de continuidade progressiva). No segundo exemplo, (b), tem-se a utilização do presente para tratar de uma atividade contínua, inferida pela associação com o adjunto **como profissão**. Em (c), nota-se que atributos semânticos relacionados ao constituinte **cara** (**integridade, solidez**) são cancelados para a resolução do conflito com o componente **amassar**, cujo frame pressupõe a **maleabilidade** do Paciente da Ação.

Os procedimentos III e IV indicados por Talmy (mesclagem e justaposição) se aproximam, dado que ambos operam pela criação de um domínio que integra elementos de dois frames independentes e distintos.

(14) (a) *Ela **pairava** sobre a audiência.*

(b) *Ela está **ligeiramente grávida**.*

Em (a), ao frame ELOCUÇÃO PÚBLICA acrescenta-se elemento do frame MOVIMENTO FÍSICO AÉREO DE UMA ENTIDADE EM SUSPENSÃO, para atribuir ao EF **Orador** a característica de dominar a **Audiência** (por ocupar metaforicamente posição fisicamente superior, em situação de maior importância). Em (b), a situação de GRAVIDEZ, que não admite gradabilidade, ao ser modificada pelo advérbio modalizador, passa a referir ou um estágio de gravidez inicial (pouco visível), ou uma condição incerta de asserção de gravidez.

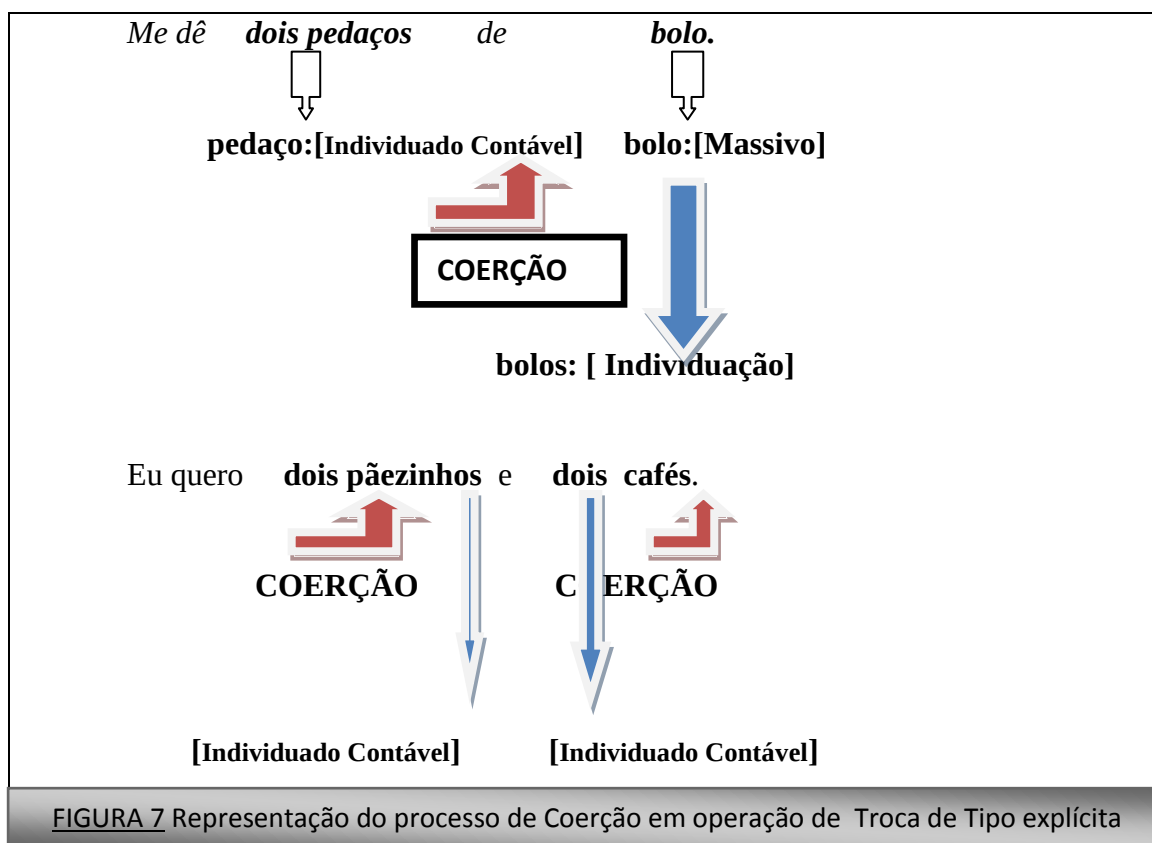
Michaelis (2005, p.54-55) também trata do mecanismo da Coerção na produção de duas Trocas de Tipos, que ela distingue como sendo Trocas de Tipo **explícitas** ou Trocas de Tipo **implícitas**. Para ambas, Michaelis remete à concepção de **mismatch**, ou seja, a uma combinação inadequada, ou uma má-combinação, como se pode verificar nos exemplos adaptados a seguir:

- | | | |
|------|---|-----------------------|
| (15) | (a) <i>Ela tomou dois refrigerantes.</i> | (combinação lexical) |
| | (b) <i>Ela tomou dois ventos já gripada.</i> | (desencontro lexical) |
| | (c) <i>Ela comprou uns livros antes de viajar.</i> | (combinação lexical) |
| | (d) <i>As crianças têm umas belezas sedutoras.</i> | (desencontro lexical) |

Trocas de Tipo explícita constituem trocas “*na designação de um item lexical (ou de suas projeções) motivada por uma Construção gramatical com a qual esse item lexical é convencionalmente combinado*” (MICHAELIS, 2004b,p. 28). O exemplo mencionado por Traugott (2007:528), em sua discussão sobre esse conceito na abordagem dos partitivos em Inglês, refere-se ao uso de expressões partitivas (*um pedaço, uma fatia, uma xícara, uma colher*) com complementos que são **Nomes Massivos** (*a piece of bread; a glass of wine, etc*). Em Português, por sua vez, essa troca

de Tipo explícita se dá também com a combinação Numeral + Nomes Massivos (*Eu quero dois leites e três pãezinhos*).

Acompanhe-se essa operação de **troca de Tipo explícita** no desenho ilustrativo a seguir:



A **Troca de Tipo implícita**, por outro lado, refere-se “à troca na designação de um item lexical (ou de suas projeções) para resolver o conflito semântico entre a palavra e a Construção, de acordo com o **Princípio da Ultrapassagem**; um procedimento inferencial que serve de ponte para hiatos semânticos na morfosintaxe” (MICHAELIS 2004a: 47). O exemplo mencionado por Traugott (2007, p.528) refere-se à aplicação de expressões partitivas para objetos Contáveis (*bounded nouns*): assim, se o complemento de classe-aberta é Contável, ele sofrerá Coerção e será configurado como Incontável (*mass*), para que se solucione o conflito gerado pelo uso da expressão partitiva. (Give me *a shred of sheet*, onde *a shred* refere-se a *uma tira, um pedaço* e *sheet* refere-se à *folha de papel*).

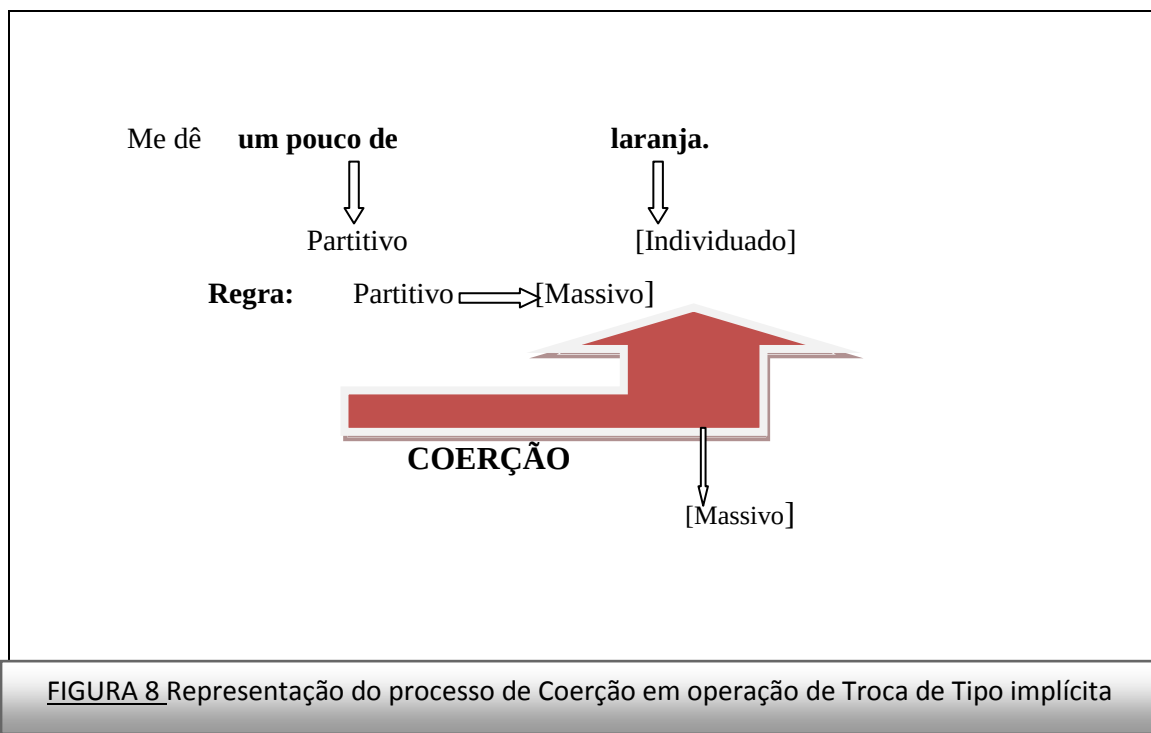
Observem-se alguns exemplos de Construções produzidas pela Troca de Tipo implícita:

(16)

- (a) *Me dê **um pouco de laranja.***
 (b) *Ela encheu **dois sacos de limão e dois baldes de jabuticaba** no domingo.*
 (c) ***Pra receita, vou precisar de uma xícara de azeitona.***

Aparentemente, estaríamos lidando com a combinação de elementos harmoniosos, ao combinarmos um Partitivo com um Núcleo que designa Entidades Individuáveis (Contáveis). A semântica da Construção prevalece, entretanto: *um pouco de laranja* tem uma referência como **Quantidade Indefinida e não diretamente Indivíduoável**, pois pode referir contextos diversos: *duas laranjas* (numa fruteira), *uma dúzia de laranjas* (num caixote de laranjas), etc.

Acompanhe-se essa operação de troca de Tipo implícita no desenho ilustrativo a seguir:



Um tipo interessante de Coerção é aquele observado nas Construções que são foco deste estudo

(17)

- (a) ***Um monte de reclamações** chegaram à mesa do Diretor da empresa.*
 (b) *O soldado foi recebido com **uma chuva de beijos.***

Em todos os dois exemplos, as Construções carregam uma carga semântica equivalente a **uma Grande Quantidade Indefinida**, funcionando como Determinante na Construção de Quantificação Nominal no Português.

Givón¹⁸ (1979, p.24-27) considera como um estágio no processo de gramaticalização aquela etapa em que “um item lexical, no curso do tempo, adquire um novo status como forma gramatical ou morfo-sintática, e, nesse processo, passa a codificar relações que não eram codificadas anteriormente ou que eram diferentemente codificadas”. Essa ocorrência traz para o centro de nossa discussão a relação entre **mismatch/ desencontro e gramaticalização**.

2.4 Desencontro e gramaticalização

Gaeta (2007 , p. 3), evocando Francis & Michaelis (2003,p.5), reconhece que os desencontros semânticos nas Construções propõem às concepções de gramática e às arquiteturas gramaticais um grande desafio dado que **os conflitos visíveis na unificação dos Atributos do Núcleo com os de sua projeção são resolvidos através de distorções sintáticas no funcionamento regular das estruturas**.

Entretanto, a resolução dos conflitos através da Coerção, isto é, através do processo de **reinterpretação contextual das Construções pontualmente desalinhadas** (Nomes Contáveis passam a ser compreendidos como Incontáveis e vice-versa; verbos intransitivos passam a ser tratados como transitivos) traz consigo outros desafios, que ultrapassam a arena das distinções entre semântica e sintaxe e são despejados no terreno mais polêmico dos estudos da linguagem, que é o **campo de seus usos**.

As questões que se colocam agora são:

- (i) as ocorrências de **desencontro** são previsíveis?
- (ii) os desencontros semânticos nas Construções são absorvidos pelo **uso regular** da linguagem?
- (iii) as ocorrências de **desencontro** são lexicalizadas ou gramaticalizadas na linguagem?

¹⁸ GIVÓN, Talmy . *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press,1979.

Para dar conta dessa dupla identificação - **inputs e outputs** das Construções com desencontros- é difícil seguir a linha de orientação de Francis & Michaelis(2003) e visualizá-la apenas em termos sincrônicos.

Mas o acompanhamento diacrônico das ocorrências, entretanto, também não é suficiente para dar suporte sólido aos efeitos da modificação pela qual passaram estas Construções. Afinal, o que essas Construções retratam é uma instanciamento de um **ajustamento semântico e sintático de seus constituintes, que faz com que elas sejam projetadas para outro nível de funcionamento gramatical**. Não se está tratando, então, apenas de uma mudança na representação semântica de unidades lexicais: o fenômeno associado à formação dessas Construções é um caso interessante e produtivo de **gramaticalização**.

Na consideração do processo de gramaticalização de itens ou Construções, alguns pontos precisam ser obrigatoriamente retomados, como os apresentados por Hopper e Traugott (2004, p. 3-8):

- (1) diferentemente da analogia, que é um outro mecanismo para a renovação da linguagem, **a gramaticalização afeta o sistema linguístico mesmo, com a criação de novas categorias;**
- (2) **a gramaticalização ocorre por demanda do próprio sistema**, que precisa substituir formas mais velhas, pouco eficientes, por outras novas, com aproximadamente o mesmo valor;
- (3) a gramaticalização envolve a troca do significado lexical pelo **significado gramatical;**
- (4) a gramaticalização cria **novos instrumentos para a linguagem**, ao invés de simplesmente modificar aqueles já existentes;
- (5) o processo de gramaticalização **não funciona na perspectiva meilletiana de equacionar mudança com deterioração**: nem as formas que estão sendo substituídas precisam ser ostracizadas do sistema nem a demanda pela renovação significa que o sistema linguístico está em crise;
- (6) durante o processo de gramaticalização, **as formas mais velhas e as formas mais novas coexistirão em um processo de sedimentação em camadas**, no qual as formas mais novas terminarão por ocupar os níveis mais elevados e as

formas mais velhas permanecerão disponíveis para o sistema, só que não de maneira tão óbvia.

Dessa forma, o foco no desenvolvimento diacrônico das Construções desencontradas é instrumental para trazer à tona, como aponta Gaeta (2007, p.3), uma importante característica da **gramaticalização**, que é o efeito de sedimentação em camadas, isto é, “a coexistência das formas de mais velhas e das formas mais novas de significados”. (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p.49). Além do mais, se esses desalinhamentos forem tratados apenas como ocorrências sincrônicas, pode-se facilmente remetê-los novamente para a área periférica da gramática, sob a justificativa de que eles constituem efeitos obscuros nos usos da língua.

Hopper e Traugott (2003) defendem que, por trazer à luz a desintegração e dispersão das formas, os desencontros enfatizam “como a gramaticalização tende a menosprezar a noção de estabilidade, de clareza na definição de limites entre as categorias e entre os grupos formais estruturados.” (2003, p.165). Ora, se a gramaticalização opera a partir dessa desestruturação de grupos estáveis, então a relação entre gramaticalização e desencontro é definitivamente uma relação de reciprocidade intrínseca.

Gaeta (2007) descreve essa relação de reciprocidade apontando que “os desencontros são o resultado direto da gramaticalização que, por sua vez, é o processo responsável pela estruturação anormal (comum aos *mismatches*)” (2007, p.5).

E continua:

“a expansão do processo de gramaticalização pode induzir a desencontros indiretamente porque novas Construções resultam da generalização das mudanças ocorridas, todas elas incompatíveis com os padrões gerais da linguagem.” (2007, p.6)

Por exemplo, Creissels (2006, cf. GAETA, 2007) menciona a “**expansão do erro**” no Basco, em que o processo de gramaticalização de uma Construção intransitiva com sujeito absolutivo levou à produção de desencontros também em Construções com verbos transitivos, que passaram a ser também governados por sujeitos absolutivos. Ocorrências semelhantes são observadas em alguns dialetos russos, com a expansão do

processo de gramaticalização de Construções com possessivo para outras com sujeitos não-nominativos.

No Português, é possível verificar essa tendência em alguns exemplares de desencontro, tais como:

- (a) no processo de transformação de Quantidades Indefinidas em Entidades Delimitadas: a Quantidade Contínua é tomada como Quantidade Individuada, produzindo o tipo de desencontro presente em “*três pães e dois leites*”;
- (b) no processo de omissão do complemento (*Null Instantiation*) de verbos transitivos relacionados a hábitos socialmente controvertidos (de *beber* para *cheirar*, *fumar*, etc);
- (c) no processo de flexão do verbo existencial *haver*, quando o complemento é [Plural], por decalque da flexão do verbo *existir*;
- (d) no processo de utilização do Todo para referência ao Partitivo, em Construções com o verbo existencial *ter*, sempre no singular, independentemente do Complemento, Contável ou não: *Tem alface no seu dente; tem café na sua gola; tem batom no seu colarinho, tem mensagem para você; tem dinheiro no meu bolso; tem comida pra você na geladeira; tem erro no seu texto; tem aluno te esperando no departamento*; esses usos decalcam a Construção Existencial (Impessoal) com o verbo *haver*.

Gaeta(2007), discutindo os impactos e os diferentes ritmos do processo de gramaticalização, aponta para alguns motivos que podem favorecer ou atrasar as mudanças previstas no processo:

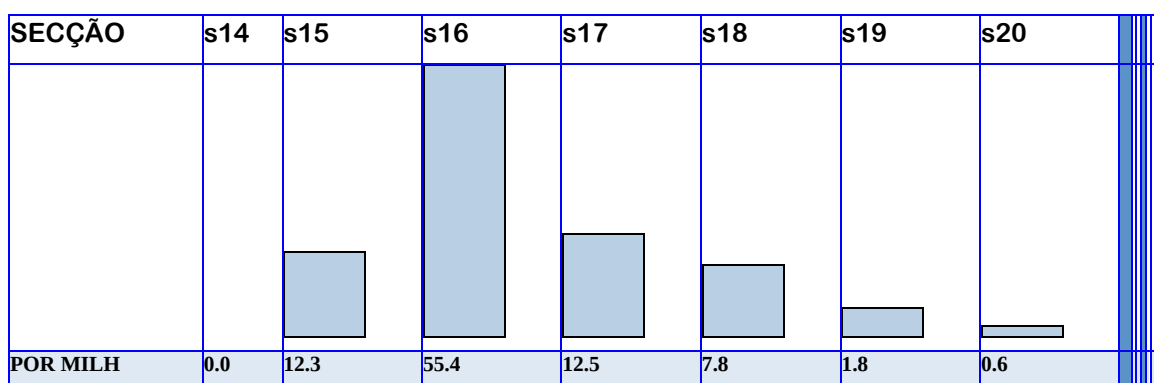
- (1) a gramaticalização pode ser estimulada e apressada, caso um domínio qualquer esteja sem cobertura sólida ou suficiente;
- (2) mesmo quando um domínio está sem cobertura sólida ou suficiente, a gramaticalização pode ser atrasada ou dificultada, caso a forma nova não seja suficientemente produtiva para substituir a forma mais velha;
- (3) a gramaticalização pode ser atrasada ou dificultada, se a aplicação da nova forma estiver combinada com restrições severas, que impedem a sua esquematização e generalização;
- (4) a gramaticalização poderá ser atrasada ou dificultada por restrições culturais ou sociais.

Como exemplo de (1), temos as Construções “*Meu celular tá acabando a bateria*”, entendida como extensão das Construções de “Alçamento do Possuidor” (FERNANDES, em progresso) “*Eu quebrei a perna*”, “*Eu destronquei o pé*”.

Como exemplo de (2), temos a ocorrência do Quantificador **uma pá de** (*uma pá de namorados, uma pá de bobagens*) , uso bastante comum no Brasil, durante a década de 80 e que não se consolidou.

Como exemplo de (3), temos as Construções com **derivações lexicais**, em que o Nome de ação emprega uma Parte do Corpo, ou em que uma experiência corpórea é utilizada metaforicamente, para representar comportamentos moralmente duvidosos. (“*O Serra passou uma rasteira no Aécio na última convenção do PSDB*”. “*Ele arrota mais do que tem*”).

Como exemplo de (4), temos a flexão do verbo *haver*, abortada em seu processo de regularização por imposição normativa em contextos escolares, conforme atesta o diagrama seguinte:



QUADRO 3 Evolução diacrônica da forma ***houveram***, conforme diagrama procedente do Corpus do Português.

As razões anteriormente alinhadas indicam, como caminho do presente estudo, que não apenas descreveremos desencontros no interior dos Sintagmas Nominais em Português, mas que também teremos que focalizar a dimensão diacrônica através da qual a frequência de registro desses desencontros podem sugerir a tendência à gramaticalização dessas Construções como expressões de Quantificação Nominal em Português.

Para garantir o tratamento adequado à análise das expressões que queremos investigar, de tal modo que possam contemplar tanto a sua produtividade quanto a sua evolução diacrônica, é preciso que se acrescente, à fundamentação teórica até aqui detalhada, a descrição de alguns elementos da Linguística de Corpus, considerando-se a sua relevância para os estudos cognitivistas e funcionalistas.

2.5 A importância da Linguística de Corpus para o estudo do uso lingüístico

A Linguística de Corpus, importante tendência emergente nos estudos contemporâneos da linguagem e crucial para a abordagem que pretendemos desenvolver, encontra uma boa representação de suas propostas em texto de divulgação no Brasil, de autoria de Berber Sardinha (2000). Nos termos endossados por este autor, define-se que

Corpus é um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise'.¹⁹

A Linguística de Corpus propõe, então, a exploração da linguagem através de evidências empíricas, garantidas através de uma amostragem significativa de exemplos atestados, todos eles gerados por textos autênticos, isto é, fragmentos de usos da linguagem, produzidos por falantes nativos da língua em estudo.

O quadro conceitual que orienta o trabalho da Linguística de Corpus é definido, como aponta Sardinha (2000), por **uma abordagem empirista e por uma visão da linguagem enquanto sistema probabilístico**. A partir do empirismo, assume-se que o conhecimento se origina da experiência, o que implica, nesse caso, em “*dar primazia aos dados provenientes da observação da linguagem, em geral reunidos sob a forma de um corpus.*” (2000: 350).

A adoção de uma abordagem empirista para o trabalho de investigação e exploração da linguagem não exclui, absolutamente, a compreensão de que essa observação será muito melhor orientada se ela estiver moldada e combinada com o

¹⁹ Sanchez(1995, p. 8-9, cf. SARDINHA ,2000).

estabelecimento de hipóteses antecipadas previamente ao trabalho de consulta e de análise dos dados. Entretanto, o empirismo será também inspiração importante para o caso de, não havendo dados significativamente relevantes para atestar a frequência da ocorrência em questão, decidir quanto à conformação, exclusão ou alteração das hipóteses em exame.

De todo modo, a adoção de abordagem baseada no empirismo minimiza, de muitos modos, os riscos inerentes às análises racionalistas dos fenômenos linguísticos, em que o conhecimento desses fenômenos provém de princípios estabelecidos *a priori*, de tal modo que as hipóteses previamente levantadas costumam ter suas confirmações distorcidas. Uma discussão freqüente em textos de linguística gerativa concerne à legitimidade dos exemplos, ou à divergência sobre a sua aceitabilidade.

A visão da linguagem como **sistema probabilístico**, que é o segundo pilar da Linguística de Corpus, também ajuda a enfrentar a tendência corrente, segundo a qual na linguagem tudo é possível - ou tudo é impossível. A linguagem tomada como *possibilidade*, tal como a coloca a linguística gerativa chomskyana (cf. KENNEDY, 1998), define *a priori* quais agrupamentos sintáticos são possíveis (i.e, bem-formados), dado o conhecimento que um falante nativo tem de sua língua; aqueles que não forem imediatamente reconhecidos como bem-formados ou que gerarem algum estranhamento para esse falante acabam sendo classificados como impossíveis, ou mal-formados, o que os exclui ou os aloja em algum limbo lingüístico.

A adoção da visão da linguagem como um sistema probabilístico (segundo Sardinha, visão defendida por HALLIDAY 1991;1992;1993) permitirá que sejam efetivamente descritos **todos os agrupamentos linguísticos gerados nos contextos de uso de uma comunidade**, ao mesmo tempo em se deduzirá da frequência de sua ocorrência o **estágio de consolidação gramatical** em que um dado elemento do uso se encontra, ou a combinação em que ele é mais e menos recorrente.

A introdução do **critério de frequência** para a exploração dos fenômenos linguísticos é, certamente, uma contribuição muitíssimo importante para a hipótese sobre a gramática baseada- no- uso. Por um lado, a identificação da frequência de ocorrência de um elemento linguístico em contextos de uso exige que sejam simultaneamente identificados **os contextos em que a comunidade de falantes usa tal elemento e os contextos em que dificilmente ele seria atestado**.

Por outro lado, a identificação das **diferenças de frequência** entre os diversos traços dos elementos linguísticos permite compreender que essas diferenças **não são aleatórias**. O fato de que instâncias de **Morrer de V**, por exemplo, sejam mais frequentes do que instâncias de **Morrer de N** sugere possibilidades estruturais de ocorrência em contexto dessa Construção e estabelece restrições probabilísticas sobre a atração ou a rejeição a lexemas no **slot** variável da Construção **Morrer de X**, de tal modo que se possa prever que ***morrer de trabalhar*** é muitíssimo mais previsível do que ***morrer de aula***.

Verifica-se, então, que a correlação entre a ocorrência de um Elemento, de um Traço ou de uma Construção e seus respectivos contextos de ocorrência é regular e não-aleatória, apontando, conforme pondera Sardinha (2000), para uma correlação entre características linguísticas e situacionais, ou seja, entre as formas e seus contextos de uso.

A identificação das regularidades, na Linguística de Corpus, não é, pois, um critério de discriminação e de exclusão, diferentemente do que seria assumido numa linguística de matriz chomskyana. Como a Linguística de Corpus não trabalha com princípios **a priori**, e como os dados que refletem o corpus são exemplos de produções autênticas de falantes nativos em diferentes contextos de uso da linguagem, as regularidades e recorrências atestadas na consulta dos corpora são apenas **indicadores de qual elemento uma comunidade de fala usa muito, usa pouco ou não usa de jeito nenhum**.

Mais do que isso, como há corpora organizados que permitem uma observação da evolução diacrônica dos diversos Elementos, Traços e Construções, a identificação de regularidades e recorrências nos diversos períodos históricos é crítica para o estudo dos processos de gramaticalização ou de lexicalização em uma língua.

Dessa forma, a inclusão da metodologia desenvolvida pela Linguística de Corpus para a investigação dos fenômenos linguísticos, tais como o **fenômeno do desencontro** na produção das expressões investigadas ***Chuva de N*** e ***Monte de N***, permitirá que a análise seja confrontada em exemplos atestados de uso dessas Construções por falantes nativos do Português.

Especialmente para o caso do **fenômeno do desencontro**, sintático, semântico ou sintático-semântico, a Linguística de Corpus se coloca como uma base metodológica obrigatória. Em primeiro lugar, as Construções formadas a partir desse fenômeno já

seriam, por si mesmas, periféricas, dado que sua produção é **um desvio no processo de harmonização esperado na combinação dos Traços do Núcleo e de seus Complementos**. Em segundo lugar, em se aceitando que a língua pode, eventualmente, gerar Construções desarmonicas, a expectativa seria a de que essa produção fosse pouco frequente, correspondendo a criações momentâneas e individuais.

A comprovação da distribuição regular e recorrente de Construções desencontradas em exemplos atestados no uso dos falantes do Português constitui, assim, prova inequívoca de que Construções desencontradas são Construções do Português e que a sua análise demanda novo referencial teórico que possa tratar delas como um fenômeno produtivo na linguagem.

Esse capítulo apresentou as contribuições teóricas que fundamentam a investigação do **fenômeno linguístico do desencontro em Construções usadas** para a **Quantificação de Nomes** em Português. Dessa forma, as expressões *Monte de X* e *Chuva de X*, objetos de nosso estudo, serão analisadas considerando-se que:

- (i) Construções **são pareamentos de forma e sentido** que se **assemelham** a estruturas pré-existentes no sistema.
- (ii) A **combinação dos constituintes** de uma Construção pode produzir estruturas **aparentemente anômalas, resultado de uma combinação** desarmoniosa entre os Traços do Núcleo e de seus complementos.
- (iii) A unificação desarmoniosa pode ser **pragmaticamente motivada** por demandas de uma comunidade de fala, e ela é provocada pela **evocação de uma nova cena de experiência pelo item lexical que é Núcleo dessa Construção**.
- (iv) A **resolução do conflito** nessa combinação é determinada pela **Coerção** que um dos elementos da Construção exercerá sobre os demais e que envolverá:
 - (iv.1) a modificação na **estrutura de Qualia** dos elementos unificados; e
 - (iv.2) um **rearranjo sintático** na combinação desses elementos.
- (v) A nova estrutura resultante desses processos corresponde a uma **reanálise** de estruturas já existentes, e ela será **gramaticalizada ou lexicalizada se o uso a licenciar como estrutura regular e frequentemente recorrente**.

3. OS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Os procedimentos para a pesquisa desenvolvida nesta tese são classificados em quatro grupos:

- (i) **seleção** dos corpora e **filtragem** de seus recursos de acordo com os propósitos do estudo;
- (ii) **coleta e formação das bases de dados relevantes;**
- (iii) **amostragem dos dados;**
- (iv) **cálculo da frequência de ocorrência e determinação de distribuição sincrônica e diacrônica dos Quantificadores Nominais** da forma {*mult-*} e das expressões ***Monte de N₂*** e ***Chuva de N₂***.

3.1. A escolha dos corpora

Tendo em vista os critérios observados na Linguística de Corpus para a adequada seleção de um corpus (dimensão física dos dados e diversidade de sua composição discursiva e dialetal), selecionamos, como **corpus-matriz** de nossa investigação, o **Corpus do Português**, e como **corpus-suporte**, atendendo a objetivos analíticos específicos, os corpora do Português armazenado no Projeto VISL.

É preciso esclarecer que houve, inicialmente, a intenção de incluir na base de dados para investigação um corpus predominantemente oral, no qual se pudesse analisar o processo de consolidação e cristalização das expressões ***Monte de N*** e ***Chuva de N*** no uso de falantes letrados. O corpus NURC foi selecionado nessa tentativa. A busca, entretanto, foi frustrante: para raríssimas ocorrências de ***monte de***, contabilizou-se um número irrelevante de ocorrência dos Quantificadores canônicos ***muito/muitos***. Em função desse fato, decidimos trabalhar apenas com os corpora acima mencionados.

3.1.1 O Corpus Matriz: O Corpus do Português²⁰

O Corpus do Português é organizado pelos professores Mark Davies, da Brigham Young University, e Michael J. Ferreira, da Georgetown University. O corpus contém quarenta e cinco milhões de palavras, e compreende registros de usos linguísticos desde o século 14, sendo assim relevante para estudos que, além da perspectiva sincrônica, objetivem também o acompanhamento da evolução diacrônica.

Quantitativamente, o Corpus do Português, além de apresentar uma adequada extensão, obedece também aos critérios de representatividade em termos de variedade de registros e variedade de gêneros e tipos textuais, que o constituem com um acesso de quase 57.000 textos.

As buscas comparativas no corpus podem ser orientadas segundo três frentes distintas, quais sejam:

Registro: comparações entre uso oral, ficção, jornalístico, e acadêmico.

Dialeto: comparações entre o Português Brasileiro e o Português Europeu disponibilizadas apenas no século XX.

Período histórico: comparação entre os usos do século XIV até o século XX.

Além da busca comparativa, pode-se efetuar também a busca simples, para a identificação da frequência de ocorrência da forma linguística em um dado registro, dialeto ou período histórico, assim como a identificação dos contextos de ocorrência dessas formas linguísticas.

²⁰ Davies, Mark and Michael Ferreira. (2006-) Corpus do Português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

Observe-se a reprodução do *printscreen* na tela de busca:

The screenshot shows the 'Corpus do Português' search interface in a Windows Internet Explorer browser. The search term 'monte de' is entered in the 'PESQUISAR' field. The 'MOSTRAR' menu is set to 'LISTA'. The search results table shows a total of 572 occurrences for 'monte de'. Below the table, the 'PALAVRAS-CHAVE EM CONTEXTO (KWIC)' section displays four examples of the phrase in context, each with a source code (e.g., 19Or:Br:Intrv:Cid) and a snippet of text.

VER CONTEXTO: CLIQUE NA PALAVRA (TODAS AS SEÇÕES), NO NÚMERO (UMA SEÇÃO), OU [CONTEXTO] (VÁRIAS)	TOT
1	572

PALAVRAS-CHAVE EM CONTEXTO (KWIC)		Mais informação...
CLIQUE NO TÍTULO PARA MAIS CONTEXTO		
SEÇÕES: NO LIMITS		
1	19Or:Br:Intrv:Cid	A gente dorme, joga dominó, lê livros, assiste televisão, faz um monte de coisa e o tempo não passa. JC - Co
2	19Or:Br:Intrv:Cid	A gente dorme, joga dominó, lê livros, assiste televisão, faz um monte de coisa e o tempo não passa. JC - Co
3	19Or:Br:Intrv:Pov	amarradas). Eu quis me matar porque não aguentava mais aquilo. Ficava vendo um monte de coisa o tempo l
4	19Or:Br:Intrv:ISP	Maria de Lurdes ficou doente. fui fazer uma visita à casa e encontrei um monte de papéis em cima do sofá ch

FIGURA 9 Printscreen da tela de busca por Lista no Corpus do Português

A busca pode ser feita para a identificação do número de ocorrências simples. Para tanto, seleciona-se em **MOSTRAR**, no topo da tela, a opção **LISTA**. A expressão **Monte de**, por exemplo, tem um total de 572 ocorrências. Como se vê na tela, no Menu **PESQUISAR**, não foram selecionadas seções ou séculos específicos para identificação da ocorrência da expressão.

O espaço à direita da tela inicial apresenta, além do número de ocorrências (572), a exemplificação das mesmas como **palavras-chave em contexto**, selecionadas através do CONCORD-KWIC. Cada página contém 100 exemplos (para a expressão **Monte de**, como se vê, há 6 páginas: 5 com 100 exemplos e a última com 72), que são rotulados segundo suas fontes :19Or: BR:Intrv:Cid, que rotula o primeiro dos exemplos, indica que o exemplo data dos anos 1900s, no dialeto brasileiro, e da seção de entrevistas do caderno Cidade do jornal.

Caso se deseje o contexto ampliado, clica-se no exemplo selecionado:

FONTE:

Data	(200s)
Título	Lúcio Oshima

Expanded context:

falta funcionário. Toda a documentação é resolvida em São Paulo e demora muito. JC - O que vocês fazem durante o dia para passar o tempo? Oshima - Como eu estava dizendo, aqui não tem estrutura. Eles só deixam a gente tomar sol no período da manha. Falam que não tem funcionário suficiente e eu até entendo, mas é duro. No final de semana ficamos sem sair da cela. Lá fora o tempo passa rápido, mas aqui é duro. A gente dorme, joga dominó, lê livros, assiste televisão, faz um **monte de** coisa e o tempo não passa. JC - Como é o tratamento que vocês recebem? Oshima - É bom, mas poderia ser melhor. Se tem funcionário para soltar a gente de manha para tomar sol, porque não soltam também à tarde? O problema é que não confiam muito, mas nós temos bom comportamento. Quando a gente sai,

FIGURA 10 Reprodução de informação sobre a fonte e contexto ampliado na busca no Corpus do Português

Caso se pretenda fazer uma busca diacrônica da evolução da ocorrência da expressão **Monte de** ao longo dos séculos, seleciona-se a opção **DIAGRAMA** em **MOSTRAR**, e a opção **IGNORAR** na seção que se refere à seleção de séculos.

Observe-se o *printscreen* dessa tela:

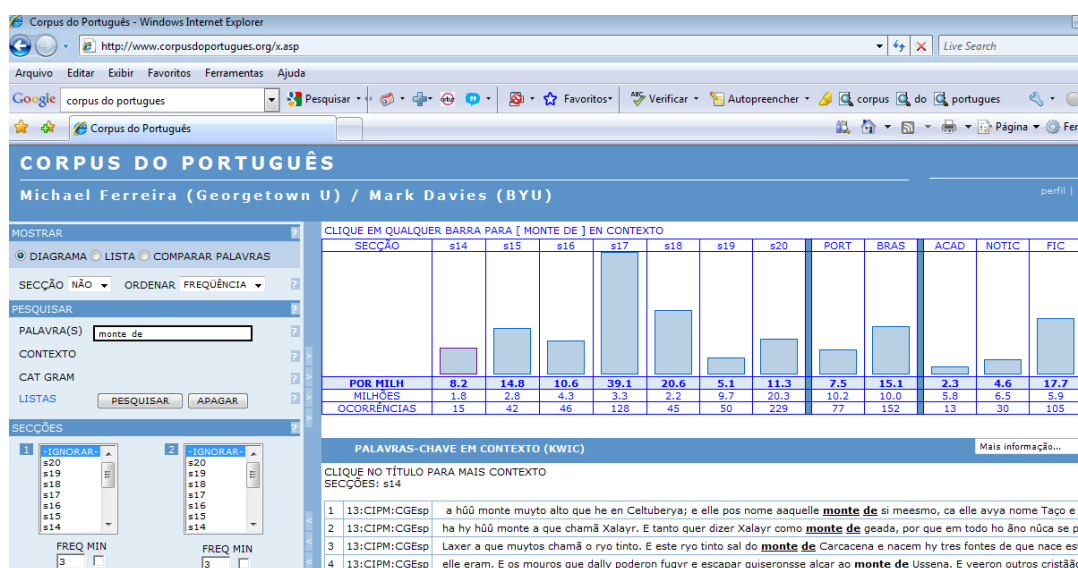


FIGURA 11 Printscreen da tela de busca por Diagrama no Corpus do Português

Nesse caso, estamos tratando da identificação da frequência de ocorrência por séculos, aferida no total de palavras disponíveis como registro para cada século:

SECÇÃO	s14	s15	s16	s17	s18	s19	s20	PORT	BRAS	ACAD	NOTIC	FIC	ORAL
POR MILH	8.2	14.8	10.6	39.1	20.6	5.1	11.3	7.5	15.1	2.3	4.6	17.7	38.9
MILHÕES	1.8	2.8	4.3	3.3	2.2	9.7	20.3	10.2	10.0	5.8	6.5	5.9	2.1
OCORRÊNCIAS	15	42	46	128	45	50	229	77	152	13	30	105	81

FIGURA 12 Informação sobre frequência de ocorrência no Corpus do Português

O item MILHÕES é o mesmo para qualquer busca a ser realizada no corpus. No **século 14**, portanto, o Corpus do Português dispõe de 1.8 milhões de palavras; no **século 20**, por outro lado, o Corpus dispõe de 20.3 milhões de palavras. No **dialetto do Português do Brasil**, o CP, doravante assumido como referência para o Corpus do Português, contém 10 milhões de palavras; para o registro em **Notícias**, 6.5 milhões e, para o registro **Oral**, 2.1 milhões.

O item OCORRÊNCIAS refere-se ao **número absoluto de exemplos da palavra-chave em contexto**. No século 14, portanto, a expressão *Monte de* tem 15 ocorrências, apresentadas quando se clica na coluna referente ao século: no lado direito da tela, na seção inferior, como já mencionado na descrição para **Lista**, há o registro e rotulação das ocorrências:

5	13:CIPM:CGEsp	falssamēte acusarō e seu linhagem que delles vehesse, bem assy como David maldisse o <u>monte de</u> Gelboe por que mataror
6	13:CIPM:HGP13	coussa sseia a quantos esta carta virē como nos don ffrey Johan, abbat de <u>Monte de</u> Ramo e o conuēto de esse méesimo li
7	13:CIPM:HGP13	guerra, os meos al Rey e os meos a parte querelosa. Feyta en <u>Monte de</u> Ramo #X dias de Juyo. Era de mill & #CCC & #XL i
8	13:CIPM:HGP13	coussa seya a quantos esta carta virē como nos don frey Johan, abbat de <u>Monte de</u> Ramo, & o cōuēto desse meesimo lugar i
9	13:CIPM:HGP13	mr, os meos al Rey et os meos a parte querelosa. Feyta en <u>Monte de</u> Ramo, #XXV dias de Mayo, era de mill & #CCC & #XL i
10	13:CIPM:HGP13	seya a quantos esta carta virē como nos, don frey Johan, abbat de <u>Monte de</u> Ramo, & o cōuento desse meesimo lugar, dar

FIGURA 13 Exemplos atestados do uso de **Monte** no século XIII

O item POR MILHÕES refere-se à **frequência da ocorrência da expressão, considerado o universo total de palavras disponíveis no corpus para aquele século** em questão. No **século 14**, a frequência é de 8.2 por milhões de palavras armazenadas; no **século 17**, a frequência sobe para 39.1.

As categorias dialeto e gênero/tipo textual não identificam, na totalização de ocorrências, o período cronológico de ocorrência da forma, que será indicado na legenda. Pode-se, por exemplo, verificar que as 13 ocorrências no gênero acadêmico da expressão **monte de** concentram-se todas no século XX, e que são, quase todas, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE EM CONTEXTO (KWIC)		Mais informação...
1	19Ac:Br:Enc	, associada a figuras do Antigo Testamento, seguindo a tradição barroca. O sacro monte de Braga, em Portugal, deve ter
2	19Ac:Br:Lac:Thes	já fez algum?: Ah! Acho que por isso que eu tive um monte de filhos, eu não sou a favor, evitar normal, abortar nem pen
3	19Ac:Br:Lac:Thes	é grande, agora dou mais valor à vida, antes não ligava para um monte de coisas, agora dou valor a tudo, valorizo cada
4	19Ac:Br:Lac:Thes	casa faltava comida. Eu chegava em casa e via minha mãe, com aquele monte de roupa lavando, ela tinha uma ferida na
5	19Ac:Br:Lac:Thes	acabou desviando para "porque você está dando aula de Física?" E aí levantou aquele monte de hipóteses: por falta de o
6	19Ac:Br:Lac:Thes	apontando para uma redefinição do foco da sua investigação: SERGIO -- Você falou um monte de problemas. Escolhe um
7	19Ac:Pt:Enc	##citânia_de_Briteiros Estação arqueológica portuguesa, situada a cerca de 15 km de Guimarães, no monte de São Rom

FIGURA 14 Exemplos atestados do uso de **Monte** no século XIII com referência às fontes

Procuramos demonstrar, nesta seção, que o Corpus do Português qualifica-se como corpus representativo, obedecendo aos critérios previstos em Biber (1998) e Sardinha (2000), o que o credencia como base de dados adequada aos propósitos de nossa investigação.

3.1.2. O Corpus Suporte

Apesar de o Corpus do Português ser, em termos gerais, satisfatório, decidimos incluir também outros dados para realizar procedimentos analíticos previstos na tese. A inclusão desse corpus suporte justifica-se pela necessidade de buscar um número mais ampliado de ocorrência das expressões investigadas no século XX, de modo a avaliar a consolidação contemporânea das estruturas investigadas e a regularidade e a diversidade de seu uso.

3.1.2.1 Os Corpora do Projeto VISL Português

A sigla VISL anônimo para “*Visual Interactive Syntax Learning*” (Aprendizagem da Sintaxe Interativa Visual), e é um projeto de pesquisa que vem sendo desenvolvido no Instituto de Linguagem e Comunicação da Universidade do Sul da Dinamarca desde 1996. Inicialmente, os pesquisadores trabalhavam com quatro línguas (Inglês, Francês, Alemão e Português), com a inclusão subsequente do Dinamarquês, do Espanhol e do Esperanto. Atualmente, o Projeto inclui um número mais ampliado de línguas românicas e germânicas.

Conforme descrito na página principal deste projeto, o VISL opera pela anotação manual de dados em páginas em HTML, scripts em CGI e com os programas Java- e Perl-.

O VISL, com seu software dedicado ao ensino de gramática e oferecendo uma interface flexível e interativa, é um instrumental poderoso para a estruturação e o ensino de árvores sintáticas e para a análise gramatical de itens e sentenças via computador. Para a nossa pesquisa, entretanto, limitamos nosso uso dos recursos desse Projeto ao acesso aos corpora do Português nele organizado, e a uma de suas ferramentas para busca específica, como se vê a seguir.

Observe-se o *printscreen* da tela inicial de busca do Corpus no VISL:

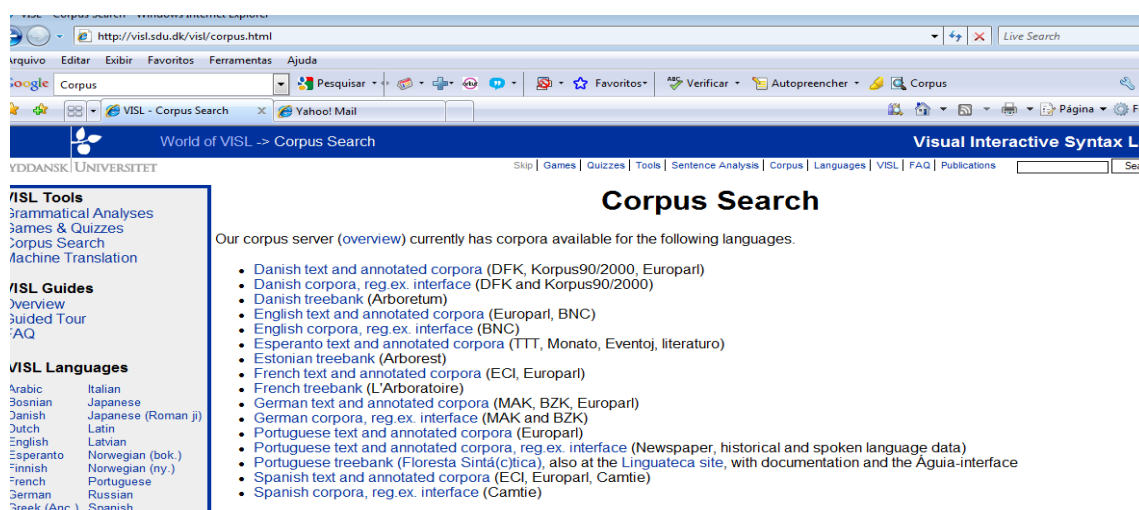


FIGURA 15 *Printscreen* da tela inicial do VISL

Para o Português, o corpus total consta de 350 milhões de palavras, subdivididos em cinco corpora.

Dois deles, **Floresta Público** e **Floresta Folha**, fazem parte do Projeto Floresta Sintá(c)tica²¹: **Floresta Público**, 115 mil tokens, e **Floresta-Folha**, 24 mil tokens.

Os três outros corpora apresentam um número maior de tokens: **Europarl**²², 27.2 milhões tokens; **Folha de São Paulo**, 24.2 milhões tokens; **Wikipédia**, 11.3 milhões tokens.

Para buscas em Português, estão também disponíveis os diversos sub-corpora do Público, datados de 1991 a 1998, e que totalizam 56.4 milhões tokens. A quantidade dos dados dos corpora responde adequadamente, portanto, ao critério da representatividade requisitada.

Para se fazer a busca, o procedimento consiste em, após selecionado um dos corpus, digitar a palavra/expressão no espaço adequado.

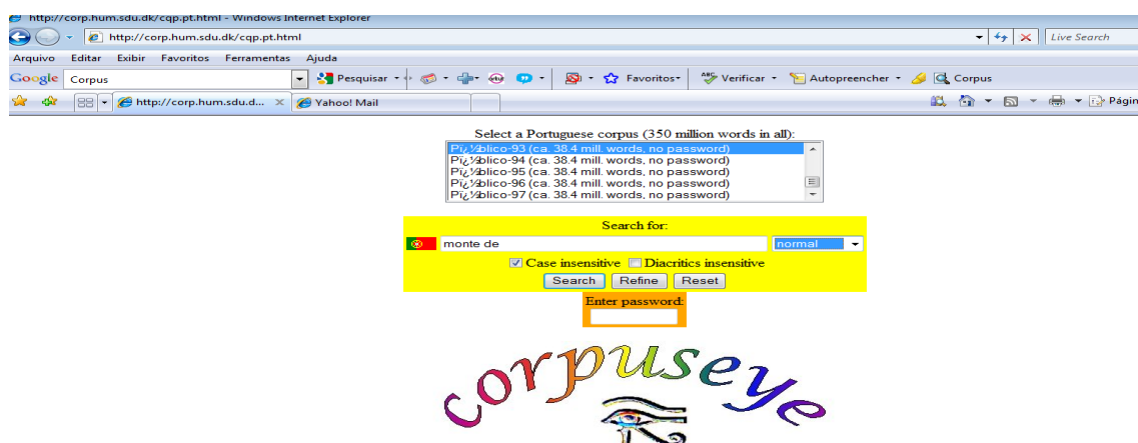


FIGURA 16 Tela de busca de item no VISL com seleção do corpus

²¹ O *Projecto Floresta Sintá(c)tica* é um trabalho em colaboração entre a [Linguateca](#) e o [projecto VISL](#). Contém textos em português (do Brasil e de Portugal) anotados (analisados) automaticamente pelo analisador sintático PALAVRAS ([Bick 2000](#)) e revistos manualmente por linguistas. Atualmente, o *corpus da Floresta Sintá(c)tica* tem 4 partes, que se distinguem quanto ao gênero textual, quanto ao modo (escrito vs falado) e quanto ao grau de revisão linguística: o [Bosque](#), totalmente revisto por linguistas; a [Selva](#), parcialmente revisto, a [Floresta Virgem](#) e a [Amazônia](#), não revistos. Junto, todo esse material soma cerca de 261 mil frases (6.7 milhões de palavras) sintaticamente analisadas.

²² The Europarl parallel corpus is extracted from the proceedings of the [European Parliament](#). It includes versions in 11 European languages: Romanic (French, Italian, Spanish, Portuguese), Germanic (English, Dutch, German, Danish, Swedish), Greek and Finnish., conforme acessado em <http://www.statmt.org/europarl/>

O resultado da busca oferece o número de ocorrências da palavra/expressão no corpus, e o usuário pode utilizar os exemplos de duas formas: (a) através da tecla de comando EXPORT, os exemplos selecionados são salvos em um arquivo à parte em .txt (após a exportação, essa tecla-comando é substituída por uma com o Nome DELETE); e (b) através da tecla de comando INF, pode-se recuperar o contexto ampliado do exemplo, que é acompanhado pela descrição sintática de seus termos. Observe-se o detalhamento dessas duas opções:

Para a palavra **Monte**, foram encontradas 415 ocorrências no corpus Público-93. Os exemplos são listados em grupos de 40 por página de exibição.

rel

ontext
Context
dge
Edge
e (freq/rel)

100

h

Searched for: [word='monte' %c]
In corpus: POR_PUBLICO_93
Found 415 results (415).
1 - 40 [next](#)

export [INFO](#) metros em corta-mato , pelo_meio de o monte . " Não acredito em políticos "

export [INFO](#) em Riversleigh , 200 quilômetros a norte de o monte Isa (Queensland) , por uma equipa de arqueólogos

export [INFO](#) casinos de porta aberta , já leva em as mãos um monte de papéis ilustrados .

export [INFO](#) em o centro de o tanque fazendo um " pé " - monte de uva entre duas pranchas redondas de madeira , seguro

export [INFO](#) carro , a sensação é de estar a afundar- se em um monte de espuma solta .

export [INFO](#) « O Presidente já está desde ontem em o seu monte em o Vau , este ano ensombrado por o simulacro de "

export [INFO](#) « Um monte mais elevado aqui , outro além , obrigam a estrada

export [INFO](#) irá ultrapassar em altitude o observatório de o monte Mauna_Kea (Hawai , EUA) , instalado a 4200 metros

export [INFO](#) « Chegáramos a a Lapa_da_Cadela , um outro monte onde se conta foi dada caça a escravos fugitivos .

export [INFO](#) , a cidade de Sukhumi , pouco mais é do_que um monte de escombros , o resultado de uma guerra_civil que

export [INFO](#) « É hoje um monte de lama e morte .

export [INFO](#) estas revistas - e pousou a mão sobre o grande monte de revistas em_cima_de a sua mesa - foram apreendidas

export [INFO](#) « Em a encosta de um monte e junto a o que resta de o seu rebanho , relatá- nos

export [INFO](#) « Aterraram em o " monte de pó " que é o aeroporto local e por ali estacionam

FIGURA 17 Exemplos atestados do uso de **Monte** no Corpus PÚBLICO 93

Nem todos esses exemplos são relevantes à nossa pesquisa: para os que são relevantes, usamos o comando EXPORT; para os não-relevantes, usamos o comando DELETE.

Para trabalhar com os exemplos listados, foi acionada a tecla-comando EXPORT:

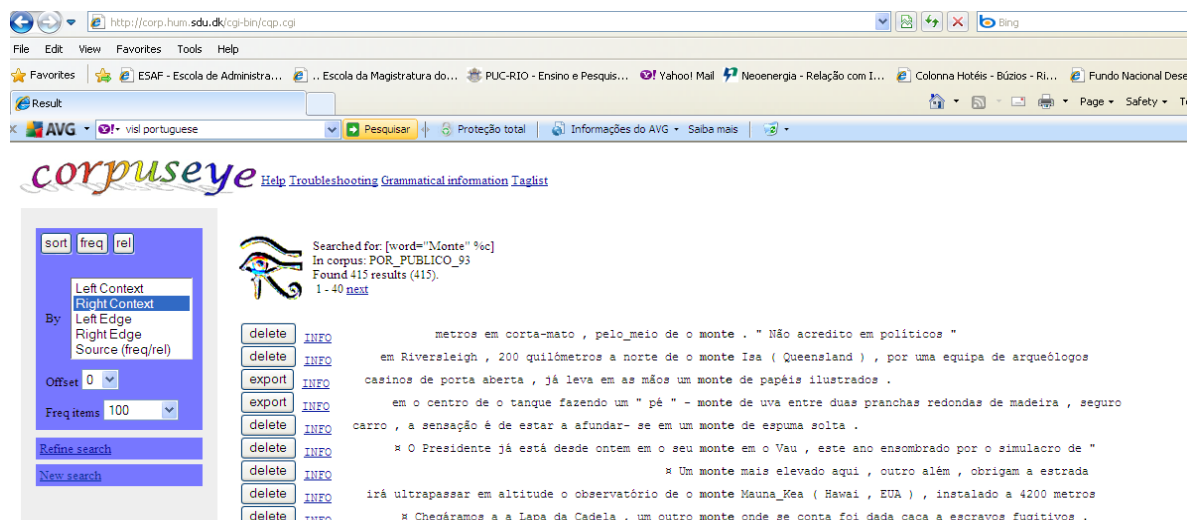


FIGURA 18 Demonstração do processo de exportação de exemplo de uso selecionado

Para buscas mais filtradas, com seleção de exemplos de **uma palavra em função sintática específica** (Sujeito, Complemento Nominal, etc.), e **com características morfológicas específicas** (Masculino, Plural); e para o acompanhamento da **combinação da palavra pesquisada com outras pré-definidas**, utiliza-se o comando REFINE SEARCH:

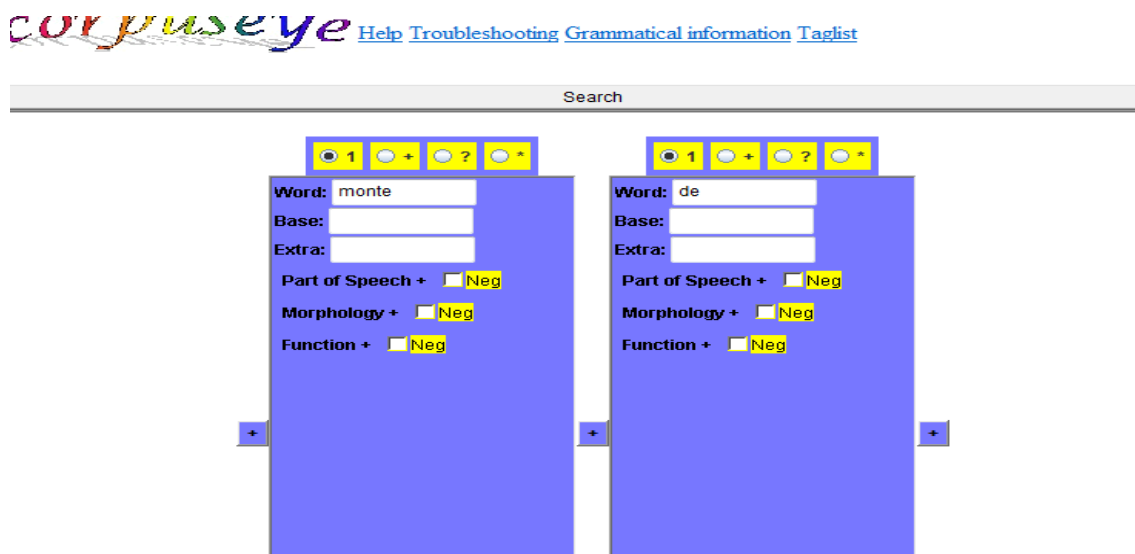


FIGURA 19 Tela de demonstração da Busca Refinada para **Monte de**

A introdução de novas palavras para o contexto buscado pode ser feito com projeção anterior ou posterior à palavra. Para tanto, clica-se na tecla + , que imediatamente aciona um outro campo como os visualizados acima. Para se fazer a seleção da **Parte da Sentença, Características Morfológicas ou Função** de cada uma das palavras, clica-se na tecla + dos itens e marca-se a seleção:

The image shows the 'corpuseye' search interface. At the top is a search bar with the text 'Search'. Below it are three panels, each with a set of controls (radio buttons and a plus sign) and a list of options. The first panel is for the word 'monte', the second for 'de', and the third is empty. Each panel has fields for 'Word:', 'Base:', and 'Extra:'. Below these are checkboxes for 'Part of Speech +', 'Morphology +', and 'Function -'. The 'monte' panel has 'Subject' checked under 'Function -'. The 'de' panel has 'Noun' checked under 'Part of Speech +'. The third panel has 'Noun' checked under 'Part of Speech -'. Each panel also has a '+' button on the left side.

FIGURA 20 Tela de demonstração da Busca Refinada para *Monte de N* na posição de Sujeito

No exemplo ilustrado acima, a busca quis identificar, no corpus, a expressão *Monte de* na função de SUJEITO²³ da oração. Para os resultados, clica-se na tecla SEARCH, no topo da página:

²³ Há ocorrências de erros na Busca, como no caso acima ilustrado, em que a requisição para o uso de *Monte de N* na função de **Sujeito** pode ter, como exemplo demonstrativo do Corpus, uma sentença como “*tentam nos enfiar goela abaixo um monte de estupidez sem precedente*”, em que **um monte de estupidez** exerce a função de Objeto Direto. Essa circunstância requer a checagem manual dos subcorpora obtidos.

precisamente de que modo, e em que proporção, esses corpora servirão como base metodológica para a investigação realizada.

3.1.2.1.1. Corpus do Português

Esse corpus será a base para o estudo do uso **sincrônico** e da **evolução diacrônica** dos Quantificadores *Muito/Muita* e *Muitos/Muitas* e das expressões pesquisadas *Chuva de N* e *Monte de N*, através da investigação de exemplos atestados por século e de suas respectivas frequências.

Os exemplos selecionados, tanto na análise censitária das pequenas populações quanto nas amostragens das grandes populações, foram investigados na perspectiva da confirmação das ocorrências; foram ignoradas as fontes, os dialetos e os gêneros/tipos textuais dos contextos de suas ocorrências, portanto.

Para a inclusão dessas referências, seria necessário, no mínimo, contrastar gêneros e escolas literárias específicas, características editoriais dos jornais, diferenças dialetais internas entre o PB e o PE. Como não dispúnhamos de tempo para realizar esses contratos, as hipóteses construídas sobre os Quantificadores e as expressões investigadas incorporam **o viés da insensibilidade à variação estilística.**

3.1.2.1.2 Corpora do Português do Projeto VISL

Os corpora do Português do Projeto VISL serão utilizados na análise da **ocorrência sincrônica** das expressões *Chuva de X* e *Monte de X* ao longo do século XX, para subsidiar a investigação sobre a consolidação e a cristalização dessas Construções; os dados e os recursos do VISL permitem também o estudo sobre o grau de atração e de rejeição dessas expressões com o constituinte X (N) que as complementa.

Especialmente, a coleta de ocorrências dessas Construções em subcorpora comparáveis (**Público** 91 a 98) permitiu que se checassem hipóteses compatíveis aplicadas a um mesmo universo.

Os critérios para a busca de exemplos atestados será, como no CP, o da busca simples pela seleção da palavra/expressão, ignorando-se as referências por fonte e os

demais recursos acoplados ao *software*, tais como a análise sintática detalhada dos contextos dos exemplos (que, no caso, é irrelevante).

Como o comando de Busca Refinada opera exatamente sobre os exemplos listados, esse recurso será utilizado para o estudo dos processos de concordância nominal e verbal no contexto das expressões estudadas, assim como para a identificação do grau de transparência metafórica dos seus núcleos.

3.2 Formação da base de dados

No caso do **Corpus do Português**, foram copiados os exemplos relativos a **cada um dos séculos e ao conjunto de todos eles**. Esses exemplos foram armazenados em Excel, gravados na extensão .xls, para a organização dos subcorpora, e gravados novamente em .csv, para a leitura do arquivo pelo programa R²⁴.

Para realizar a busca, foram digitadas no espaço para PESQUISA, com seleção para DIAGRAMA e sem seleção de séculos em *Seção*, as palavras:

Muito- Muita- Muitos- Muitas- Monte de- Chuva de

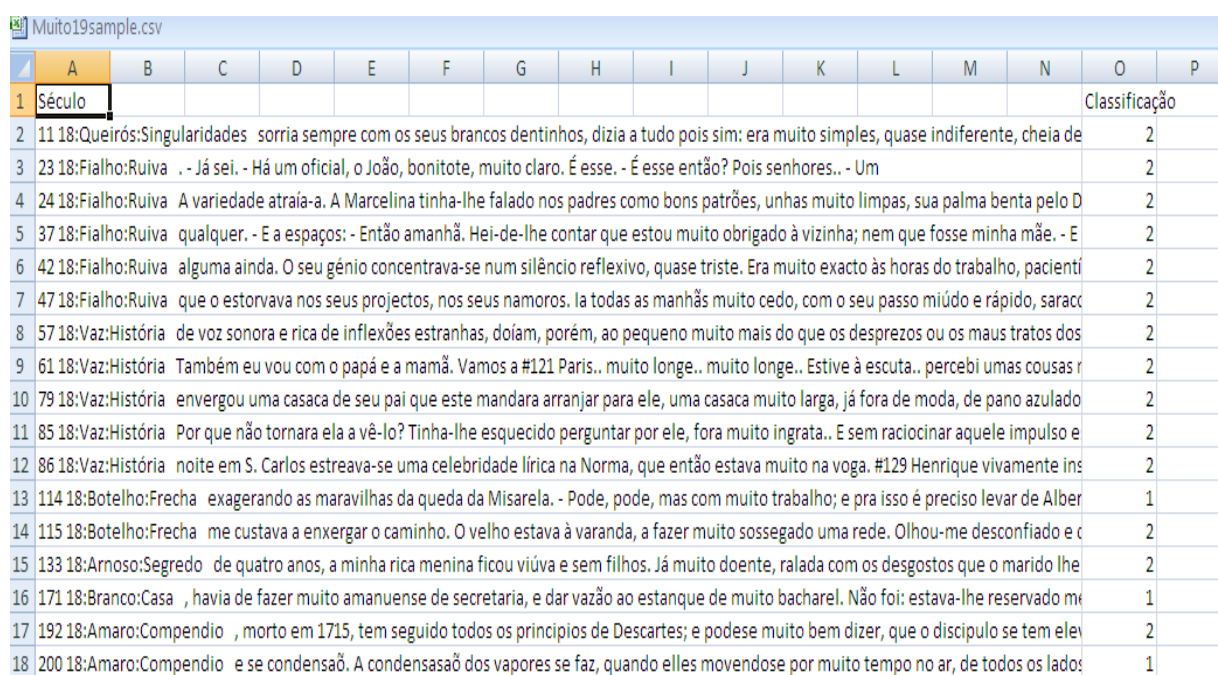
Para o procedimento de coleta e de armazenamento, foram copiados e salvos todos os exemplos oferecidos no CP.

Século	Frase
1	sorrindo, com vida; estendiam os braços a procurá-la; roídos de vermes, muitos vinham, como na dança do Roberto, roçar-lhe pelos quadris os membros esqueléticos e
1	ferreiros de mãos calosas descansavam na borda dos pedestais, tasquinhando as suas merendas; muitos bebiam pelas garrafas, fazendo saúde aos compadres. E todo o
1	nem metade do custo das cautelas; todo o mundo era feliz e sorria; muitos gastavam em ninharias, em bonecos e em fitas, um dinheiro louco. Só
1	do escândalo, nunca se vira uma pouca-vergonha assim, o mundo estava perdido. Muitos diziam: - Já a comadre bebe! Mas deixa que o pai saberá..
1	, pelo amor de Deus! Isso não é agora morte de homem. Há muitos modos de governo. Estávamos servidas se fôssemos agora a morrer por todos os malandros
1	. - Não, menina, hoje não espero. Fará favor de lhe dar muitos recados. - Então.. até amanhã.. - Até amanhã.. se Deus quiser
1	à branc. No sombrio palácio onde a fui descobrir, não entrava, havia muitos anos, ninguém estranho à família da casa, reduzida já então, além duns
1	na esperança de aproar a Cabo Verde, conquanto se temesse daquela costa infamada de muitos naufrágios, desde que portugueses se andam à cata de ouro e opróbrio
1	a applicação de todas estas cousas, não pertendo desaprovar os diferentes methodos, que muitos Sabios tem dado ao Público, antes eu os acho muito bons, e dignos
1	; os Hoschios, (1) os Wallius, (2) e outros muitos , que se tinham immortalizado pelos seus Cantos, foraõ amortalhados no pó das Bibliotecas
1	os Puteanos, os Steyaert, os Verbeyen, os Van Espen, e outros muitos , cujos nomes nunca serão obscurecidos pela noite dos tempos!(2) Que os nossos visinhos
1	prodígios, por milagres de toda a especie, e firmada com o sangue de muitos Martyres. A moral do Christianismo he tão sublime, que sómente hum Deos he
1	mais esclarecidos, admittiaõ tambem essa multidão de Deoses? R. Não; porque muitos a consideravaõ como huma chimera, á qual, não obstante, elles pareciaõ assentir
1	Huma cor avermelhada, e espalhada por todas as partes das nuvens mostra no ar muitos vapores, que subtilizados, e rarificados, são presagio de haver ventos. Das
1	condensarse pela frescura da noite, perdem pouco a pouco a sua agitação, accumulãse muitos juntos, e cahem de manhã em pequenas partes insensíveis, como chuva
1	de écco, que se faz nas nuvens; para o que tambem pôdem contribuir muitos corpos duros, que se achão sobre a terra, que nos recambiaõ essas rouladas
1	certamente o melhor Medico. P. He muito antiga a Anatomia? R. Muitos Escriptores fazem subir a origem della até as primeiras idades do mundo: e sabese
1	os Daguesseau, os Maupeon, os Ormesson, e huma tropa d' outros muitos , cujos nomes nunca jamais serão obscurecidos pela tenebrosa noite dos tempos.
1	he muito facil provar; que ella já era conhecida pelos antigos; porque em muitos dos seus escriptos se acha hum sequito de testemunhos, que mostraõ, que elles
1	o Universo, despresáraõ, he verdade, o estudo da Grammatica pelo tempo de muitos Seculos; e não tinhaõ então outra regra mais, do que hum uso muito
1	se tem tambem distinguido muito na carreira Lyrica. Achaõse nas Odes deste Jesuita Sarmate muitos raios do genio de Horacio, posto que enfraquecidos por idéas muita
1	Addiçaõ, em que acima fallastes? R. A Addiçaõ nos ensina a ajuntar muitos números para conhecermos por elles a sua somma, ou o seu total 69
1	se elevou sómente pelo seu proprio merecimento; e vencendo a fortuna á força de muitos trabalhos, aperfeicou muito a Geometria: e Frederico Commandino, que pref
1	á roda do Sol. P. Como considerais vós a Lua? R. Muitos Astronomos a consideraõ como Satélite da Terra, que nós habitamos, pois que ella
1	não fazem reflectir taõ bem a luz do Sol, assim como as outras. Muitos Astronomos tem pensado, que essas manchas eraõ mares, bosques, e montanhas;
1	a superstição, o amor proprio, e o interesse tem durado pelo espaço de muitos Seculos. No tempo da Rainha Catharina De Medicis nada se fazia em França sem
1	deve ter por fabuloso? R. Não, certamente; porque supposto, que muitos sabios, como he verdade, enganados por razoens plausiveis, e especiosas, tenhaõ
1	mais longe. Os P. P. Kircher, e Regnault tinhaõ já executado com muitos , e bons successos outros varios Espelhos da mesma especie. P. Quem foi

FIGURA 22 Arquivo salvo no EXCEL, extensão .xls, dos exemplos em contexto do uso de MUITOS no século XIX

²⁴ O Programa R será apresentado em detalhes a seguir, na página 79.

Para que esse arquivo pudesse ser posteriormente gravado na extensão.csv, já com a classificação para as expressões pesquisadas, para a leitura pelo programa R, foram introduzidas 3 categorias: Século, Frase e Classificação. As duas primeiras categorias permitiram a separação cronológica dos exemplos atestados, e a terceira categoria apresentou a classificação atribuída à ocorrência considerada (**Quantificador**, codificado como 1, e **Outros usos**, codificado como 2).



	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
1	Século															Classificação
2	11 18:Queirós:Singularidades	sorria sempre com os seus brancos dentinhos, dizia a tudo pois sim: era muito simples, quase indiferente, cheia de														2
3	23 18:Fialho:Ruiva	. - Já sei. - Há um oficial, o João, bonitote, muito claro. É esse. - É esse então? Pois senhores.. - Um														2
4	24 18:Fialho:Ruiva	A variedade atraía-a. A Marcelina tinha-lhe falado nos padres como bons patrões, unhas muito limpas, sua palma benta pelo D														2
5	37 18:Fialho:Ruiva	qualquer. - E a espaços: - Então amanhã. Hei-de-lhe contar que estou muito obrigado à vizinha; nem que fosse minha mãe. - E														2
6	42 18:Fialho:Ruiva	alguma ainda. O seu gênio concentrava-se num silêncio reflexivo, quase triste. Era muito exacto às horas do trabalho, pacienti														2
7	47 18:Fialho:Ruiva	que o estorvava nos seus projectos, nos seus namoros. Ia todas as manhãs muito cedo, com o seu passo miúdo e rápido, sarac														2
8	57 18:Vaz:História	de voz sonora e rica de inflexões estranhas, doíam, porém, ao pequeno muito mais do que os desprezos ou os maus tratos dos														2
9	61 18:Vaz:História	Também eu vou com o papá e a mamã. Vamos a #121 Paris.. muito longe.. muito longe.. Estive à escuta.. percebi umas cousas r														2
10	79 18:Vaz:História	envergou uma casaca de seu pai que este mandara arranjar para ele, uma casaca muito larga, já fora de moda, de pano azulado														2
11	85 18:Vaz:História	Por que não tornara ela a vê-lo? Tinha-lhe esquecido perguntar por ele, fora muito ingrata.. E sem raciocinar aquele impulso e														2
12	86 18:Vaz:História	noite em S. Carlos estreava-se uma celebridade lírica na Norma, que então estava muito na voga. #129 Henrique vivamente ins														2
13	114 18:Botelho:Frecha	exagerando as maravilhas da queda da Misarela. - Pode, pode, mas com muito trabalho; e pra isso é preciso levar de Alber														1
14	115 18:Botelho:Frecha	me custava a enxergar o caminho. O velho estava à varanda, a fazer muito sossegado uma rede. Olhou-me desconfiado e c														2
15	133 18:Arnos:Segredo	de quatro anos, a minha rica menina ficou viúva e sem filhos. Já muito doente, ralada com os desgostos que o marido lhe														2
16	171 18:Branco:Casa	, havia de fazer muito amanuense de secretaria, e dar vazão ao estanque de muito bacharel. Não foi: estava-lhe reservado me														1
17	192 18:Amaro:Compendio	, morto em 1715, tem seguido todos os princípios de Descartes; e podese muito bem dizer, que o discípulo se tem elev														2
18	200 18:Amaro:Compendio	e se condensaão. A condensasaão dos vapores se faz, quando elles movendose por muito tempo no ar, de todos os lados														1

FIGURA 23 Arquivo salvo no EXCEL, extensão .csv, dos exemplos em contexto do uso de MUITO no século XIX.

Esse procedimento de filtragem dos dados foi aplicado a todas as expressões estudadas, distinguindo-se nos subcorpora investigados os usos de **Monte de N** ou **Chuva de N** como Quantificadores dos outros usos dessas expressões.

No caso dos corpora do VISL Português, foram copiados apenas os exemplos de uso das expressões **Monte de** e **Chuva de**. Não foram incluídos para o armazenamento os exemplos de ocorrência dos Quantificadores **Muito/Muita** e **Muitos/Muitas**, considerando-se que o número de exemplos atestados desses Quantificadores no Corpus do Português era suficientemente representativo.

De qualquer forma, os procedimentos de coleta e armazenamento foram semelhantes:

- exportados os dados pelo programa interno do VISL, esses dados foram armazenados em Excel, salvos na extensão .xls e na extensão .csv;
- aplicada a Busca Refinada para filtragem de ocorrências das CQNs na função de **sujeito**, as ocorrências representativas foram armazenadas em Excel, salvos na extensão .xls e na extensão .csv.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
57														
58														
59														
60														
61														
62														
63														
64														
65														
66														
67														
68														
69														
70														
71														
72														
73														
74														
75														
76														
77														
78														
79														
80														
81														
82														

FIGURA 24 Arquivo salvo no EXCEL, extensão .xls, dos exemplos em contexto do uso de CHUVA DE X no corpus Público 94.

3.3 Procedimentos para amostragem em populações extensas

Para o cálculo da amostragem nas populações, foi solicitada ajuda ao Departamento de Estatística da Universidade Federal de Juiz de Fora, através do Professor Doutor Ronaldo Rocha Bastos, que fez o cálculo da amostragem para as expressões pesquisadas com margem de precisão igual a 2%, 3%, 4% e 5%. Para uma estimação de frequência alta, seria possível operar com uma margem de erro de até 5 pontos percentuais para mais ou para menos. Foi usada a distribuição binominal, com nível de confiança de 95%, correção para populações finitas e efeito de desenho 1, por se tratar de amostragem aleatória simples.

O cálculo da amostragem foi feito para as ocorrências dos Quantificadores Nominais **Muito** e **Muitos**, **Muita** e **Muitas**. Para as expressões **Chuva de X** e **Monte de X**, trabalhou-se, no levantamento do Corpus do Português²⁵, por recomendação do professor Bastos, com toda a população, em um **levantamento censitário**, dado que a população era pequena. O quadro, abaixo, demonstra o total das amostragens analisadas para cada um dos Quantificadores Nominais e para as duas expressões. Para todas as amostras, a margem de precisão foi de 2,000 pontos percentuais e o nível de confiança é de 95%:

	Muito						
	Século14	Século15	Século16	Século17	Século18	Século19	Século20
População total	333	2946	8590	6330	2937	21087	35982
Amostra	274	1010	1304	1237	1009	1433	1474
	Muitos						
	Século14	Século15	Século16	Século17	Século18	Século19	Século20
População total	210	1301	3252	2645	1556	2571	6637
Amostra	185	705	1044	972	774	962	1248
	Muitas						
	Século14	Século15	Século16	Século17	Século18	Século19	Século20
População total	167	1247	3254	1726	1254	2738	6284
Amostra	147	675	1044	634	623	1024	1181
	Muita						
	Século14	Século15	Século16	Século17	Século18	Século19	Século20
População total	48	355	2357	716	394	2197	3722
Amostra	48	192	856	264	195	822	1218

TABELA 1- Amostragem nas ocorrências no Corpus do Português

²⁵ Apesar de não se ter trabalhado com seleção de amostragem nos corpora do VISL/ Português, as informações quantitativas sobre a ocorrência das formas investigadas também demonstram uma ocorrência volumosa da forma **Muito**, muito maior quando em contraste com as outras três variáveis, com frequência de ocorrência mais semelhante: **Muito**: 23731; **Muitos**: 4921; **Muita**: 3432; **Muitas**: 2858

Para as expressões ***Chuva de X*** e ***Monte de X***, trabalhou-se com a coleta e armazenamento de todos os exemplos relevantes nas populações do século XIV ao século XX:

Monte de:

séc14	séc15	séc16	séc17	séc18	séc19	séc20
15	42	46	128	45	50	229

TABELA 2- Ocorrências do uso de ***Monte de*** ao longo dos séculos

Chuva de:

séc14	séc15	séc16	séc17	séc18	séc19	séc20
0	0	6	3	7	75	101

TABELA 3- Ocorrências do uso de ***Chuva de*** ao longo dos séculos

Para a coleta da amostragem, foram utilizados os arquivos gravados em Excel, extensão.xls, lançados como banco de dados no programa SPSS, para o sorteio aleatório dos dados .

3.4 O programa SPSS

O SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) é um programa para executar análises estatísticas, manipular dados e gerar tabelas e gráficos que resumem os dados.

As análises executáveis pelo SPSS compreendem desde simples estatísticas descritivas (média, desvio padrão e tabela de frequências) até a análise de variância, modelos de regressão e análises multivariadas.

Esse *software* dispõe de diversas ferramentas para manipulação de dados (seleção de amostragem, recodificação e criação de novas variáveis) e procedimentos para a combinação de diversos bancos de dados.

Para o sorteio da amostragem, foram realizados os seguintes procedimentos:

1. Abriu-se um arquivo novo no SPSS, para a importação dos dados gravados dos Quantificadores *Muito(a)* e *Muitos (as)* no Excel.

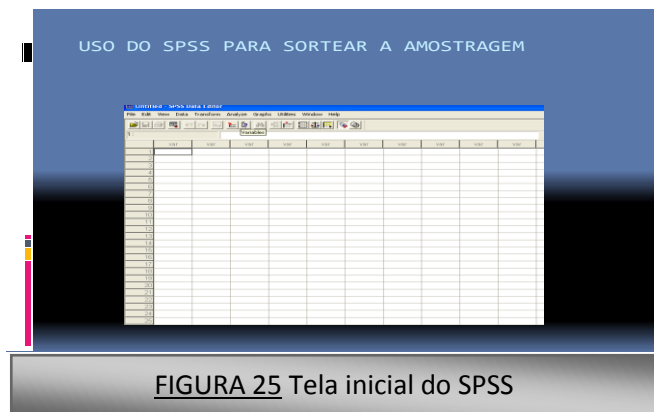


FIGURA 25 Tela inicial do SPSS

2. O arquivo importado foi tratado, considerando-se a largura das colunas.

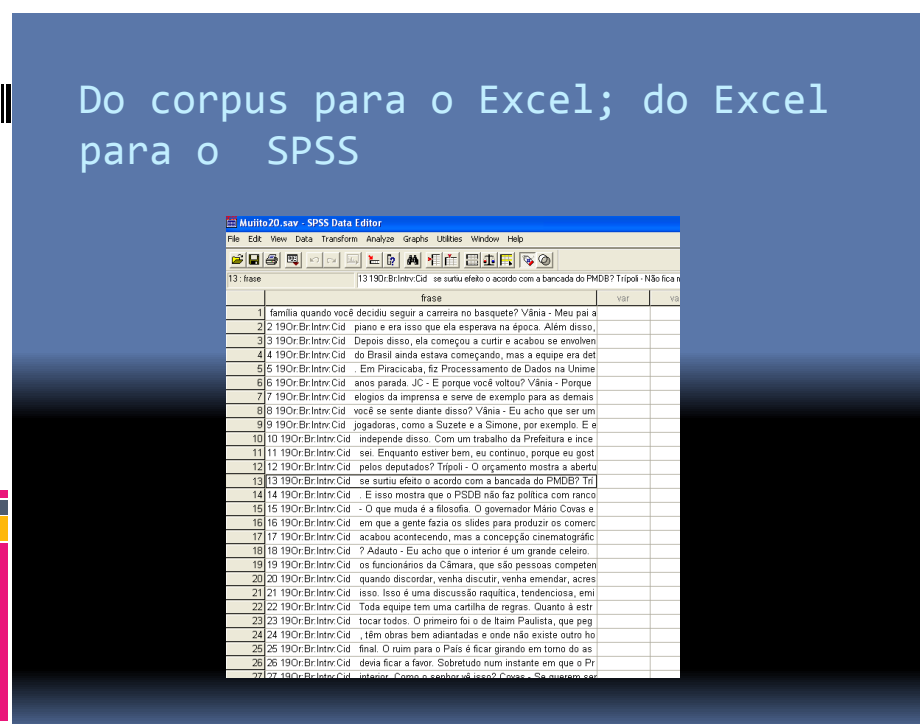


FIGURA 26 Tela de demonstração do transporte dos dados do Excel para o SPSS

3. Inseridos os dados disponíveis relativos à população de Quantificadores ocorrentes em um dos séculos, selecionou-se o comando: SELECT CASE- RANDOM SAMPLE. Na janela, digitou-se a dimensão exata da população e o número calculado para uma

amostragem com 2% de margem de erro. Para os outros exemplos, selecionou-se o comando DELETE.

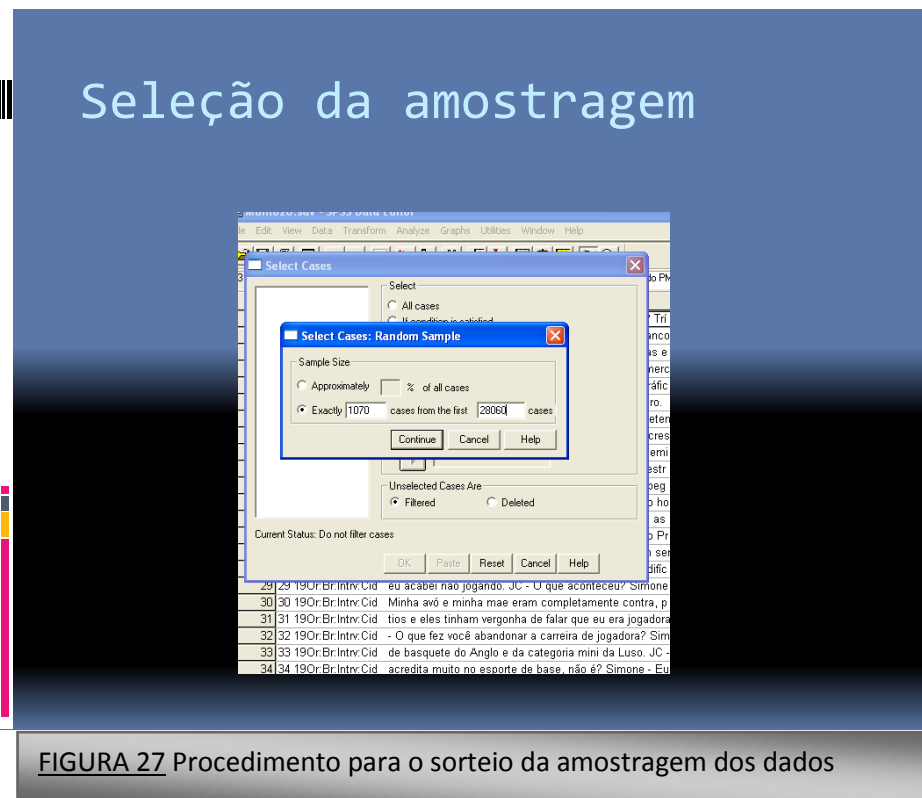


FIGURA 27 Procedimento para o sorteio da amostragem dos dados

Dos procedimentos acima detalhados, resultaram subcorpora relativos aos Quantificadores, correspondentes aos dados amostrados para cada um dos séculos.

3.5 Cálculo das frequências

Para realizar o cálculo de frequência e da distribuição das instâncias relevantes dos Quantificadores e das expressões, foi inicialmente necessário **distingui-las das versões homônimas ou polissêmicas**, cuja incidência não interessava à pesquisa. Para tanto, procedeu-se inicialmente à categorização das ocorrências.

No caso do **Quantificador Muito** foi necessário distingui-lo do **Advérbio Muito**. O Quantificador **Muito** (e suas variantes **Muita, Muitos, Muitas**) foi categorizado pelo algarismo 1, quando acompanhado ou desacompanhado do Nome. Todas as outras ocorrências homônimas foram categorizadas pelo algarismo 2.

A categorização para as ocorrências apuradas na amostragem tem o seguinte perfil:

(I) ocorrências de **Muito** e **Muitos** como **Quantificador**, categorizadas pelo algarismo 1.

(a) ocorrências do Quantificador acompanhados do Sintagma Nominal

15: Resende:	João cerimônias reais, de que el-rey recebia grande contentamento. E foy isto feito com <u>muito louvor</u> e serviço de Deos, católica	1
15: Resende :	mas ainda com ella fazia <u>muita guerra</u> aos migos que em grande maneira o temiam. E assi teve	1
16: FMMelo:	Já disse um discreto que a fidelidade do cão toda consistia em <u>muito interesse</u> e pouca-vergonha	1
17:	cousa minha a prolixidade, a falta de clareza, e ordem, com outros <u>muitos defeitos</u> .	1
17:Silva:Escola	seja honesta, virtuosa, verdadeira, e suscinta; pois do muito fallar nascem <u>muitos defeitos</u> ;	1
17:Silva:Escola	, nem bebendo a cada bocado: pois assim como no muito esterco se criaõ <u>muitos bichos</u> ,	1
18:Alencar: Gaúcho	Catita lançou-se de uma pirueta no torvelinho, com a veemência de um desejo por <u>muito tempo</u> sofreado.	1
18:Taunay: Inocência	e inteligente. Mas.. fala demais. É-me precioso, porque apanha borboletas com <u>muito talento</u> e jeito.	1
19Or:Br:Intrv:Cid,"	tantos outros lugares.. JC - Como foram esses 14 anos. Você deve ter <u>muitas experiências</u> , não?	1
19Or:Br:Intrv:Cid,"	como qualquer outro esporte, não é só jogar bola. Tem muita dedicação, <u>muitas exigências</u> e renúncias.	1
19Or:Br:Intrv:Cid,"	Eles querem investir em algo que dê retorno imediato. Esse ano mesmo, tivemos <u>muitas dificuldades</u>	1
19Or:Br:Intrv:Cid,"	Se a pessoa sabe fazer feijão, então ela deve ensinar isso, porque tem <u>MUITA gente</u> que não sabe fazer feijão.	1

QUADRO 4- Instanciações de *Muito* como Quantificador acompanhado de N

(b) ocorrências do Quantificador desacompanhado de Sintagma Nominal

13: CIPM:CGEsp quando aquele vyron, começarõ de fugir e os cristããos de os seguir e matar <u>muitos</u> delles, ca morreron hi cinquoenta cavaleiros gazullos muy fortes e valentes e passarõ de	1
14: Lopes: Fernando andavom em Castella, que ell entendia que poderiam rregnar. E esta enteengom tiinham <u>muitos</u> , dizendo huus aos outros que o iffante dom Joham queriam aver por seu rrei	1
16: FM Melo: Apolo engane com essas tropelias ou trejeitos. Apolo - Eu o conheço, e já <u>muitos</u> o conhecem. Só quem com moedas de ouro fino lhe comprou o ouro falso	1
17: Lusitano: Carta de Marcial, não sendo nesta materia Autor de muito boa nota, posto que <u>muitos</u> não queiram consentir em tal. Diz este poeta louvando o Imperador Domiciano: Vox	1
17: Lusitano: Carta não comprehendem aquellas obras, nas quaes se allegaõ alguns versos, ainda que sejaõ <u>muitos</u> , para prova do que se affirma. O meu ponto saõ aquellas composiçoens,	1

QUADRO 5- Ocorrências do Quantificador desacompanhado de N

(II) ocorrência de **Muito** como **Advérbio**, categorizadas pelo algarismo 2

15: Resende:Joao tam apartados huns dos outros que em pessoas se nam podiam ver, <u>lhe pedia muito</u> por merce que lhe mandasse logo frades e clerigos e todas as cousas necessarias pera	2
16: FM Melo: Apolo quando era espadachim, hua rodela de cortiça <u>muito mole</u> e um broquel de aço muito duro; e como a cortiça fosse branda e se deixasse penetrar das contrárias espadas	2
16: FM Melo: Apolo que por suas obras, em lugar de respeito, mereciam vitupério. Lisboa é <u>muito grande</u> , é mata espessa, donde se criam monstros de disforme malícia.	2
16: FM Melo: Apolo . Fonte Nova - <u>Muito folgarei</u> de vos ouvir. Fonte Velha - E eu <u>muito mais</u> , porque, sendo já desta idade e amiga de saber, nunca topei	2
18: Queirós: Singularidades sorria sempre com os seus brancos dentinhos, dizia a tudo pois sim: era <u>muito simples</u> , quase indiferente, cheia de transigências. Amava decerto Macário, mas com	2
18: Amaro: Compendio , morto em 1715, tem seguido todos os principios de Descartes; e pode-se <u>muito bem</u> dizer, que o discipulo se tem elevado muito sobre o Mestre na sua	2
18: Vaz: História Por que não tornara ela a vê-lo? Tinha-lhe esquecido perguntar por ele, fora <u>muito ingrata</u> .. E sem raciocinar aquele impulso estranho, parou, esperou em uma atitude	2

QUADRO 6- Ocorrências de **Muito** como Advérbio

No caso das expressões *Chuva de N₂* ou *Monte de N₂*, foi necessário distinguir com o algarismo 2 as instâncias em que N₂ era o argumento/adjunto do Núcleo sintático-semântico N₁ das instâncias que nos interessavam, nas quais N₂ correspondia ao Núcleo semântico do Sintagma e categorizadas, por isso, com o algarismo 1.

(I) ocorrências de *Monte de X* ou *Chuva de X* categorizadas pelo algarismo 2

Noite cachimbo. [13 de agosto] Acordei sobressaltada, com o vapor jogando muito. A chuva de ontem continuou noite adentro. Ventava e trovejava. Pela vigia entravam borrifos de 2

"Primo Antonio morreu hoje, 10 de fevereiro de 1844, depois de uma chuva de pedra que destelhou a casa de D. Zezé " 2

começo da sua mancebia, andou ão hermo, e a sua cella era ão monte de Nitria. Este sancto homẽ ataa a fim de sua uida, que foy 2

aruores que se chama do cidral que he ao aneal que parte des contra o monte de cima da trauesia com oliual de lopo 2

QUADRO 7- Exemplos de expressões categorizadas como 2

(II) ocorrências de *Monte de X* ou *Chuva de X*, categorizadas pelo algarismo 1

E aquele monte de candidato de a televisão não tem capacidade nem pra organizar 1

Um monte de artistas vai querer ver o concerto. 1

a via despeitada a meio, P' ra não zangá-la.. sacudia alegre Uma chuva de pétalas no seio.. Eu, fitando esta cena, repetia Naquela noite lânguida 1

pedir licença nem dar contas a alguém. O tercêto rebentou de novo e uma chuva de impropérios e de maldições caiu sobre mim. - Idade! exclamou 1

fazia rolar por terra. Leacádia abriu num berreiro. E foi debaixo de uma chuva de _bofetadas e pontapés que acabou de amarrar a roupa. - Agora eu vi 1

QUADRO 8-Exemplos de expressões categorizadas como 1

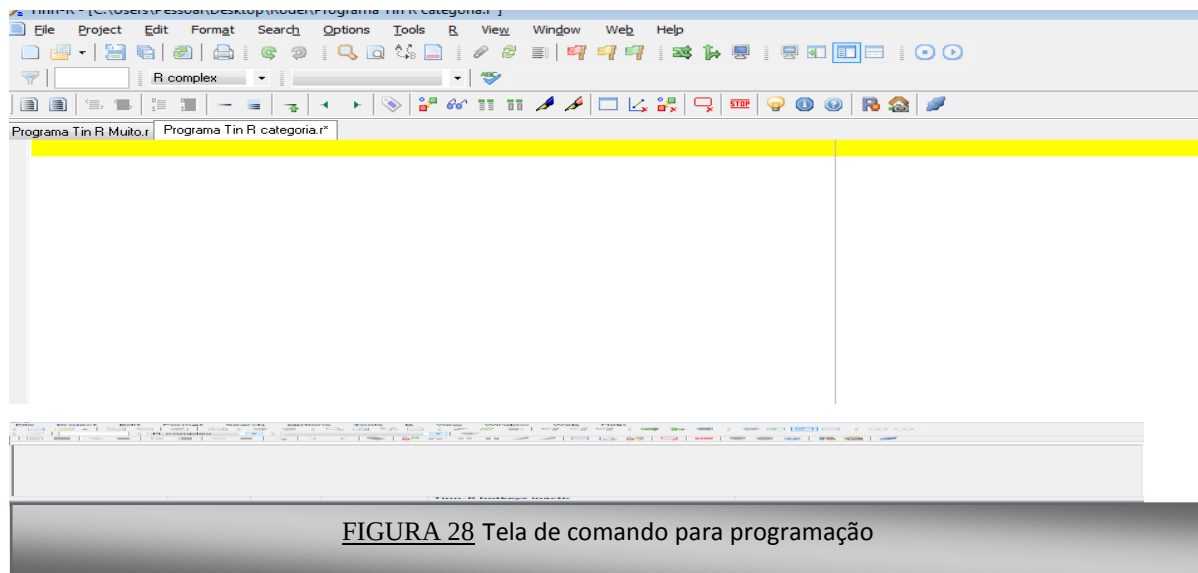
A categorização das instâncias obtidas da base de dados gera, pois, subcorpora distintos que precisam ser reagrupados para permitir o estudo dos conjuntos de instâncias pertinentes à nossa investigação. Para esta tarefa, lançamos mão do Programa R.

3.6 O Programa R

O Programa R é um ambiente para análise estatística, baseado na linguagem S, e distribuído como software livre. Foi desenvolvido nos laboratórios da AT &T, no final dos anos 80; a partir de 1995, alguns professores de estatística da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, deram início ao “Projeto R”²⁶. A meta principal era desenvolver um programa estatístico poderoso, baseado em S, e de domínio público.

O R é formado por uma coleção de rotinas para análises descritivas e gráficas e também para modelagem estatística. Como é um software livre, o R constantemente recebe contribuições de colaboradores voluntário de vários países, que também disponibilizam um grande Número de bibliotecas (pacotes) para usuários de diversas áreas.

O R é acompanhado do Tinn-R, que é o seu Editor de Texto. Para abrir o programa R, no caso do editor Tinn-R, seleciona-se no menu R a opção **Start preferred Rgui**. Esse comando abre duas janelas na tela (o programa R e o editor Tinn-R): na primeira tela, será digitado o comando relevante (“linha de programação”), por exemplo, o programa para definição de frequência; no console será registrado o resultado de cada um dos comandos executados.



²⁶ No nosso caso, a existência desse programa foi trazido à nossa atenção pela Professora Heliana Mello, membro da Banca de nosso Exame de Qualificação. Desde então, o estudamos e passamos a utilizá-lo.

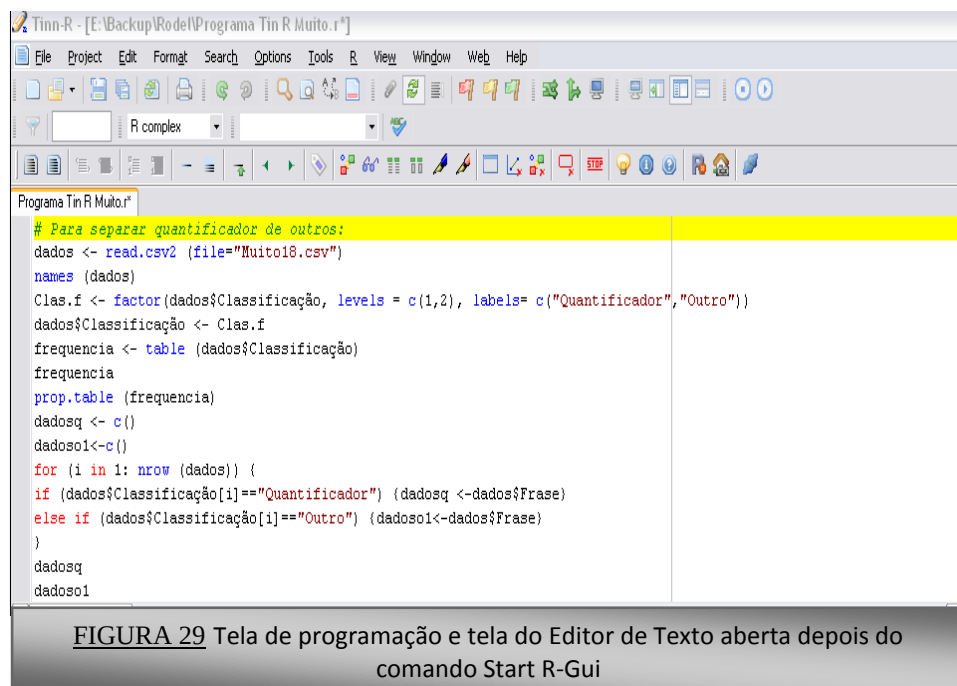


FIGURA 29 Tela de programação e tela do Editor de Texto aberta depois do comando Start R-Gui

Para o cálculo de frequência dos usos de **Muito** (e suas flexões) como Quantificadores seguidos ou não de SN, em oposição ao uso de **Muito** como Advérbio ou como, o R foi programado como se segue:

MUITO:

```

# Para separar quantificador de adverbial:
dados <- read.csv2 (file="Muito16.csv")
names (dados)
Clas.f <- factor(dados$Classificação, levels = c(1,2), labels= c("Quantificador", "Outro"))
dados$Classificação <- Clas.f
frequencia <- table (dados$Classificação)
frequencia
prop.table (frequencia)
dadosq <- c()
dadoso1<-c()
for (i in 1: nrow (dados)) {
  if (dados$Classificação[i]=="Quantificador") {dadosq <-dados$Frase}
  else if (dados$Classificação[i]=="Outro") {dadoso1<-dados$Frase}
}
dadosq
dadoso1

```

QUADRO 9: Programação do R para obter a frequência de ocorrência de **Muito** como Quantificador e em Outros usos e para a separação dos respectivos subcorpora

```

\#Para separar quantificador de outro
dados <- read.csv2 (file="Chuvade19.csv")
names (dados)
Clas.f <- factor(dados$Classificação, levels = c(1,2,), labels= c("Quantificador","Outros"))
dados$Classificação <- Clas.f
frequencia <- table (dados$Classificação)
frequencia
prop.table (frequencia)
dadosqu <- c()
dadoso2 <- c()
for (i in 1: nrow (dados)) {
if (dados$Classificação[i]=="Quantificador") {dadosqu <-dados$Frase}
else if (dados$Classificação[i]=="Outro") {dadoso2<-dados$Frase}
}
dadosqu
dadoso2

```

QUADRO 10: Programação do R obter a frequência de ocorrência de **Monte de** e **Chuva de** como Quantificador e para outras ocorrências e para a separação dos respectivos subcorpora

Após a programação ser aplicada para cada um dos arquivos salvos em .csv, os comandos fizeram a leitura dos arquivos, gerando a frequência relativa para cada uma das classificações:

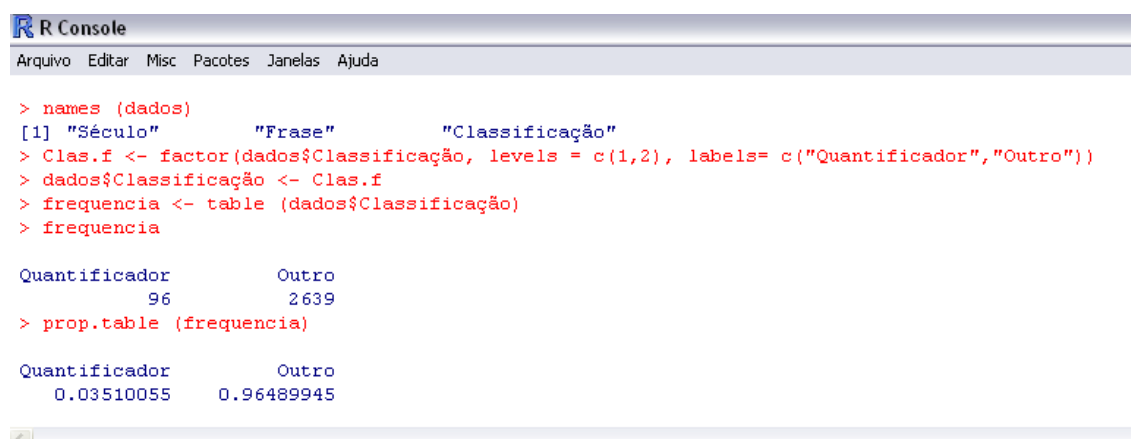
```

Tinn-R - [E:\Backup\Rodol\Programa Tin R Muito.r]
File Project Edit Format Search Options Tools R View Window Web Help
R complex
Programa Tin R Muito.r
# Para separar quantificador de outros:
dados <- read.csv2 (file="Muito18.csv")
names (dados)
Clas.f <- factor(dados$Classificação, levels = c(1,2), labels= c("Quantificador","Outro"))
dados$Classificação <- Clas.f
frequencia <- table (dados$Classificação)
frequencia
prop.table (frequencia)
dadosq <- c()
dadoso1<-c()
for (i in 1: nrow (dados)) {
if (dados$Classificação[i]=="Quantificador") {dadosq <-dados$Frase}
else if (dados$Classificação[i]=="Outro") {dadoso1<-dados$Frase}
}
dadosq
dadoso1

```

FIGURA 30 Programação no R para cálculo da frequência de uso e para a separação dos subcorpora

O arquivo que está sendo lido, como se vê na tela acima, é o dos exemplos amostrados da ocorrência de **Muito no século 18**. A frequência é calculada em termos absolutos e como frequência relativa:



```

R Console
Arquivo Editar Misc Pacotes Janelas Ajuda

> names (dados)
[1] "Século"      "Frase"      "Classificação"
> Clas.f <- factor(dados$Classificação, levels = c(1,2), labels= c("Quantificador","Outro"))
> dados$Classificação <- Clas.f
> frequencia <- table (dados$Classificação)
> frequencia

Quantificador      Outro
           96      2639
> prop.table (frequencia)

Quantificador      Outro
    0.03510055    0.96489945

```

FIGURA 31 Cálculo de frequência relativa e absoluta.

A programação também foi aplicada para os arquivos que continham os exemplos atestados do uso da expressão **Chuva de X** e **Monte de X**, para o cálculo da frequência no uso como Quantificador **versus** todos os outros usos:



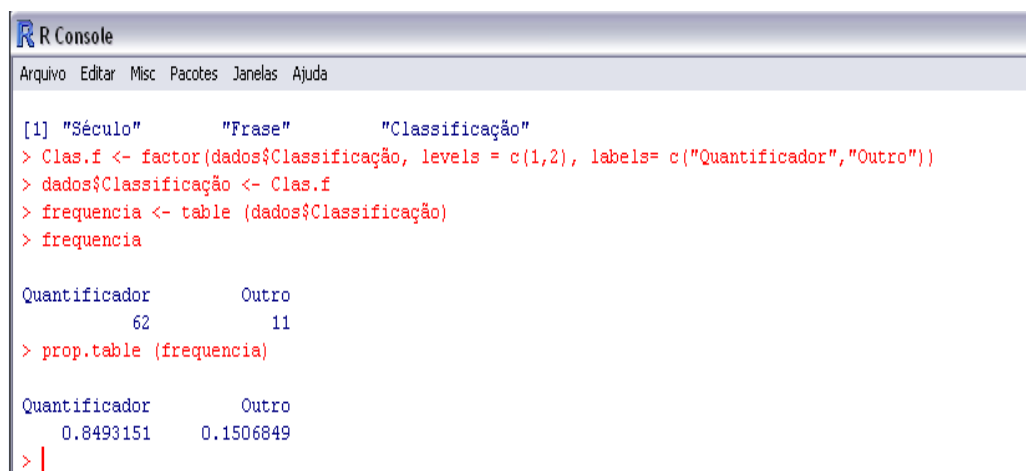
```

# Programa 1 in M1 Muito.R
# Para separar quantificador de outros:
dados <- read.csv2 (file="Chuvade19.csv")
names (dados)
Clas.f <- factor(dados$Classificação, levels = c(1,2), labels= c("Quantificador","Outro"))
dados$Classificação <- Clas.f
frequencia <- table (dados$Classificação)
frequencia
prop.table (frequencia)
dadosq <- c()
dadoso1<-c()
for (i in 1: nrow (dados)) {
  if (dados$Classificação[i]=="Quantificador") {dadosq <-dados$Frase}
  else if (dados$Classificação[i]=="Outro") {dadoso1<-dados$Frase}
}

```

FIGURA 32 Programação do R para cálculo de frequência e para separação de subcorpora

O arquivo que está sendo lido, como se vê na tela acima, é o dos exemplos amostrados de *Chuva de N no século 19*. A frequência é calculada em termos absolutos e relativos:



```

R Console
Arquivo Editar Misc Pacotes Janelas Ajuda

[1] "Século"      "Frase"      "Classificação"
> Clas.f <- factor(dados$Classificação, levels = c(1,2), labels= c("Quantificador","Outro"))
> dados$Classificação <- Clas.f
> frequencia <- table (dados$Classificação)
> frequencia

Quantificador      Outro
             62             11
> prop.table (frequencia)

Quantificador      Outro
      0.8493151      0.1506849
> |

```

FIGURA 33 Resultado da aferição da frequência relativa e absoluta para *Chuva de* no século XIX

O R também foi utilizado, nos arquivos gravados com os dados coletados dos corpora do VISL Português, para identificar a frequência de ocorrência dos itens que preenchem o *slot* N₂ (Entidade (EM), Substância (S), Informação(INF), Evento(EVEN), Objeto Contável (CO)) para as Construções *Chuva de N₂* e *Monte de N₂*:

```

[1] "Frase"      "Categoria"
> frequencia <- table (dados$Categoria)
> frequencia

1CO    1EN 1EVEN  1INF    1S    2
 89   102    9   27    9   19
> |

```

FIGURA 34 Frequência de ocorrência das classes semânticas em posição de N₂ nas Construções *Monte de N* e *Chuva de N*

4. NOSSO PROBLEMA

As expressões que queremos investigar neste trabalho se constituem como

- (i) Construções que **emergem do uso para a marcação de Quantidade dos Nomes** em Português
- e
- (ii) Construções que **instanciam o fenômeno linguístico do desencontro** no Português.

Essas duas condições, que são comuns a expressões tais como *chuva de ambulâncias, monte de beijos, enxurrada²⁷ de cartas, oceano de reclamações*, demandam que elas sejam analisadas como **Construções motivadas por demandas pragmáticas** para suprir necessidades do sistema na marcação da Quantidade em Português. De outra forma, não teríamos como justificar a regularidade na frequência de uso dessas Construções e muito menos a sua replicabilidade – que tanto determina o aparecimento de Construções assemelhadas (N de N), tais como *mar de desculpas, rios de corrupção, um caminhão de filhos, uma porrada²⁸ de telefonemas de pêssames*, como também a variação sistemática de seus Núcleos nominais para assinalar a dimensão escalar da Quantificação (*um pinga de vergonha na cara, uma chuva de telefonemas, uma enxurrada de reclamações; um monte de cartas; um montinho de dinheiro; um montão de desculpas*).

Não é o caso, então, de tratarmos essas expressões como criações individuais, produzidas ao sabor do momento, anômalas por representarem uma combinação inesperada do Núcleo com seus complementos; nem mesmo é o caso de tratá-las como expressões metafóricas, limitadas a certos gêneros textuais orais ou escritos.

Por outro lado, ao assumirmos que essas Construções emergem do uso por demandas do sistema para a marcação da Quantidade, torna-se obrigatório investigá-las

- (i) **dentro** do sistema geral de Quantificação Nominal; e

²⁷ Há também registros contemporâneos da Construção com *um tsunami de* (como *um tsunami de cartas*, etc).

²⁸ Nas variações dessa forma, constam também *porrilhão* e *porradão*.

- (ii) **desvelando o processo da combinação do Núcleo nominal** (*chuva, monte, enxurrada, caminhão, porrada*) **com seus Complementos** (*de cartas, de beijos, de filhos, de ambulâncias*).

Como veremos, com mais detalhes, no capítulo 5, estas Construções apresentam algumas características comuns com outras expressões de Quantificação:

- (a) O Atributo da Quantificação (Definida/ Indefinida) harmoniza-se com o Atributo de Perfilamento do Nome (Contável ou Massivo): *Ele tomou **muito café** (Incontável Indefinida) antes de dormir e por isso teve insônia;* e *Foram roubados **dois livros** (Contável Definida) da biblioteca municipal.*
- (b) A utilização do Determinante **Muito/a(s)**, empregado para a Quantificação Indefinida do Nome, registra harmonização dos Traços Número e Gênero (**Muitos meninos/ Muitas meninas; muito café/ muita água**), com o Perfilamento do Determinante e da Entidade Quantificada.
- (c) É possível proceder à Quantificação através do uso de expressões partitivas flexionáveis aplicadas a Nomes Massivos, como em: **Duas xícaras** de açúcar; **uma colher de** óleo de rícino; **três litros de** leite.

Consideremos, porém, expressões de Quantificação como as seguintes:

(18)

- (a) *Me vê **dois cafés e três leites**.*
- (b) *Compra **duas águas** que dá pra manhã inteira na praia.*
- (c) *Eu preciso de **um pedaço de folha** para escrever o telefone antes que eu esqueça.*
- (d) *Tem **uns menino** aí na porta te esperando.*
- (e) *Vou comer no máximo **três azeitona** senão eu não almoço*

Essas expressões, independentemente de suas variações, sugerem que o **processo de Quantificação se estabelece na Construção de Quantificação Nominal e decorre da Coerção do Determinante sobre o Nome**. Nessa perspectiva, os procedimentos para a combinação do Determinante com o Nome precisam ser identificados especificamente.

Na verdade, as dimensões enumerativas do Determinante (Definidas ou Indefinidas) parecem ser estabelecidas independentemente das características de Número e de Perfilamento do Nome, haja visto que:

- (i) no que se refere a Número, pode haver ou não a marcação morfológica do plural no Nome (**Dois candidatos chegaram atrasados; Tem dois candidato colando no fundo da sala**); e, além disso,
- (ii) o Perfilamento do Nome acaba estabelecido, por coerção, pelo Determinante, como em **Dois cafés**, em que o Nome **café** passa a ser compreendido, na interpretação da expressão, como Entidade Contável.

As considerações que introduzimos permitem postular as seguintes hipóteses para a análise das Construções de Quantificação Nominal que empregam as expressões **Monte de N** e **Chuva de N**:

- (i) As expressões **Monte de N** e **Chuva de N** marcam contemporaneamente em Português a Quantificação do Nome, constituindo, portanto, subtipos da Construção de Quantificação Nominal.
- (ii) O uso das expressões **Monte de N** e **Chuva de N** é motivado metaforicamente.
- (iii) A motivação metafórica da expressão **Chuva de N** como marcador de Quantidade emprega o domínio-fonte do MOVIMENTO MASSIVO, frame associado à Unidade Lexical **chuva**, para mapear o domínio-alvo QUANTIDADE.
- (iv) A motivação metafórica da expressão **Monte de N** como marcador de Quantidade emprega o domínio-fonte de VERTICALIDADE (ORIENTADA PARA CIMA), evocado pela Unidade Lexical **monte** e presente na metáfora primária MAIS É PARA CIMA.
- (v) A interpretação metafórica das Unidades Lexicais **chuva** e **monte** nas expressões de Quantificação Nominal N_1 de N_2 implica em mudanças nas suas respectivas estruturas de *Qualia*.
- (vi) A estrutura sintático-semântica das expressões de Quantificação Nominal **Chuva de N_2** / **Monte de N_2** recruta condições características das demais Construções de Quantificação Nominal (de coerção do Nome pelo Determinante).
- (vii) Sintaticamente, tende a haver uma reanálise das expressões **Chuva de N_2** / **Monte de N_2** , de tal modo que N_1 , o antigo Núcleo Sintático destes Sintagmas (respectivamente **chuva** e **monte**), passe a funcionar como Determinante do Complemento N_2 , alçado agora, para fins de marcação temática, a Núcleo Semântico de Sintagma Quantificado.

5. A CONSTRUÇÃO DE QUANTIFICAÇÃO NOMINAL EM PORTUGUÊS

5.1 Abordagens da Quantificação Nominal na literatura sobre o Português

O fenômeno da Quantificação Nominal tem recebido abundante cobertura na literatura sobre o Português, embora não sob o viés que elegemos neste estudo.

A tradição normativa, representada canonicamente por Cunha e Cintra (1985), trata-a, fundamentalmente dentro do tópico **Concordância** – a “Concordância Nominal” (p.263), muito menos relevada que a “Concordância Verbal” (p.485-504). Dentro do tratamento dedicado à “Concordância Verbal”, encontramos, listadas como casos em que “o verbo pode ir para o singular ou para o plural”, situações que se aproximam daquelas que focalizamos:

- | | |
|------|--|
| (19) | (a) <i>A maior parte deles já não vai à fábrica.</i> |
| | (b) <i>Uma porção de moleques me olhavam admirados.</i> (p. 487-8) |

São essas expressões designadas como “partitivas”, não obstante tal designativo ser melhor apropriado a (19)(a) do que a (19)(b) quando se evoca diretamente a dimensão de Grande Quantidade.

Cunha e Cintra (1985, p.488), introduzem também uma categoria de “sujeito que denota Quantidade aproximada” com o Nome precedido das expressões **cerca de**, **mais de**, **menos de**, frente à qual “o verbo normalmente vai para o plural.”

São essas as únicas considerações dedicadas aos dados que aqui investigamos, se não levarmos em conta o tratamento dos “Pronomes Indefinidos”, às páginas 347-357, conceituados como sendo os Pronomes “que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indefinido.” Como não conseguimos deixar de registrar, também “vaga e indefinida” é a tentativa de conceituação. Por exemplo, como dizer que é “vago e indefinido” o uso exemplificado na página 349 do quantificador universal **todos**, em “*todos estavam admirados*”?

Por outro lado, não obstante “Pronomes Indefinidos” como *muito(s), pouco(s), vários* suscitarem indiscutivelmente a idéia de Quantidade, esta condição não é jamais identificada na descrição, de tal modo que não há qualquer correlação postulada entre “Pronomes Indefinidos” e “Numerais”. Consistentemente, em nenhuma parte se discutem as relações opositivas em *muito café/ muitos cafés/ três cafés* e nem se trata da interação dos atributos de Massa/ Contabilidade com a categoria de Número em Português.

A Concordância Nominal e Verbal são temas importantíssimos na literatura variacionista sobre o Português do Brasil, constituindo os projetos iniciais de inauguração dessa linhagem analítica entre nós – as dissertações de Maria Luiza Braga e de Marta Scherre, orientadas por Anthony J. Naro, na década de setenta, no Rio de Janeiro. Desde então, os trabalhos sobre esta temática multiplicaram-se em abrangência e em profundidade.

Huback (2007), acompanhando as conclusões anteriormente postas por Amaral (1920) e Jucá-Filho (1937), nos estudos sobre o dialeto caipira, e por Marroquim (1945), em seus comentários sobre o dialeto nordestino, afirma que

“o fenômeno de perda de plural é recorrente no PB e já era registrado em nosso país no meio do século passado (...); por outro lado, observa-se, também, que, em geral, a ausência da marca de plural está relacionada a indivíduos pertencentes a classes sociais desfavorecidas, como o “caipira”, o povo nordestino ou pessoas de classe baixa e com pouca escolaridade”. (HUBACK, 2007 p.75)

Essa posição é combatida por Scherre (1994, 1998)²⁹, que coloca que “o fenômeno da variação na concordância de Número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda a comunidade de fala brasileira”, visão também compartilhada por Perini (2002,p.573), Moura Neves (2003) e Ataliba Castilho (2003), entre outros.

O que importa para esse estudo é o registro, em todas as discussões levantadas, da **perda da marcação do Número no Núcleo Nominal**, ao passo que os **Determinantes do Sintagma Nominal**, sejam eles os Artigos ou Quantificadores, obrigatoriamente **mantêm a marca do plural**, imprimindo o plural por projeção ao restante do Sintagma.

²⁹ Scherre (1994), Scherre e Naro (1993) já observavam essa variação em dados antigos do Português (séculos XV e XVI).

Dessa forma, é possível constatar a variação entre *as meninas bonitas* e *as menina bonita*; *muitas meninas* e *muitas menina*, mas não se registram alternâncias entre *a meninas bonitas* ou *muita meninas*.

Camacho (2000, p.52-63), recuperando análises de Scherre e Tarallo, formula este ponto com precisão:

“ Presença do /s/ marcador de plural de acordo com a posição da palavra no sintagma nominal

	Informantes escolarizados		Informantes semi-escolarizados	
	%	Probabilidade	%	Probabilidade
Posição zero	98,4	0.92	97,6	0.98
Posição um	67,7	0.3	30,5	0.45
Posição dois	65,0	0.26	20,1	0.31
Posição três	68,2	0.29	2,6	0.06
Posição quatro	87,5	0.58	0,0	0

Fonte: Scherre (1981) *apud* Tarallo (1990,p.127).

Evidências estatísticas mostram que a posição inicial de sintagmas nominais no plural é, de longe, a preferida para o emprego da variante [s], sendo as demais as preferidas para o uso de [Ø]. Observe-se a tabela acima. Os dados da tabela acima mostram que o sistema linguístico do português falado se reorganizou, elegendo a primeira posição do sintagma nominal para bloquear o avanço do processo fonológico de erosão das consoantes em posição de sílaba átona final e preservar a função morfológica de indicação de pluralidade do segmento sonoro /s/. A frequência com que os falantes eliminam a fricativa, quando exercendo a marca de plural em sintagmas nominais, como “os meninos espertos”, obedece a regras impostas novamente pelo sistema linguístico em termos do esforço do falante pela manutenção das funções semânticas veiculadas pelas categorias gramaticais.” (p.52-53)

A identificação da marca obrigatória de Número na posição inicial do Sintagma , sintaticamente ocupada por um Determinante na imensa maioria das vezes, é um ponto essencial para o estudo da Quantificação Nominal em Português porque ela tanto contribui para a distinção entre o que seriam Nomes Contáveis e Nomes Incontáveis em Português quanto permite que se visualize, também em termos morfossintáticos, o fenômeno linguístico do desencontro. Especialmente, a identificação da marca obrigatória de Número no Determinante e, como veremos a seguir, o Perfilamento da Quantificação

(Contável ou Massiva; Definida ou Indefinida) pelo Determinante indicam, com clareza, que a Quantificação, em Português, é um processo de Coerção.

A respeito da relação entre a distinção Contável-Massivo e a categoria de Número, a discussão que se trava repousa sobre a transparência morfológica desta correspondência, isto é: a ausência da marcação de Número implica a inexistência da distinção entre Nomes Contáveis e Massivos em Português?

Alguns autores aceitam que haja uma diferença entre Nomes Contáveis e Nomes Massivos como classificação semântica dos Nomes, mas não a defendem em termos de uma oposição morfossintática (SIMÕES, 1992).

Outros, como Blühdrön & Favaretto (*apud* PARAGUASSU-MARTINS, 2007, p.69), ponderam que não há Nomes Contáveis em Português e que, portanto, esta especificação seria construcional: os Nomes no PB eventualmente interpretam-se como Massivos (e aí combinam-se com o Totalizador **todo** e com **Quantificadores de Medição** – *Todo leite produzido em Seritinga é exportado para a Europa; Ele tomou dois copos de leite antes de sair de casa.* – e não se combinam com **Quantificadores de Contagem** nem com o Totalizador distributivo **cada**). Ou, então, interpretam-se como Neutros, ou seja, são combináveis com todos os tipos de Quantificador e de Totalizador.

Essa consideração é especialmente discutível porque usos como *Dois leites e dois cafés* são corriqueiros no PB: nesses casos, o atributo **Contabilidade** de um Massivo como *leite ou café* derrubaria a afirmação de que os Massivos não podem ser contabilizados, ou, ainda, impediria a classificação de *leite/café* como Nomes Massivos, classificação que é bem fundamentada segundo outros critérios.

Alguns autores, por outro lado, defendem que esta distinção entre os Nomes tenha caráter lexical (MÜLLER, 2002; NEVES, 2000), mas argumentam que a ativação do valor deste atributo define-se pelo contexto, ou seja, dentro do Sintagma. Para o primeiro caso, há o problema colocado pelos genéricos singulares do tipo *bare*³⁰, situação em que Nomes Contáveis podem ser interpretados como Massivos ou como portadores de uma contabilidade implícita.

Situações como “*Ele sempre come banana antes de se exercitar*” ou “*Abrir e-mail é uma atividade que toma tempo*” favoreceriam a leitura Massiva dos Nomes, que

³⁰ Müller (2002) cf. Blühdrön, Simões e Schmaltz. *Sintagmas nominais contáveis e não-contáveis no Alemão e no Português Brasileiro*, 2006

“flutuariam” (MOURA NEVES, 2000, p. 82), entretanto, para uma leitura Contável em situações como ***Duas bananas** apodreceram na fruteira* ou ***Seus e-mails** foram reencaminhados para o Colegiado do Curso*. Aparentemente, apesar de tratarem o atributo Contável/ Massivo como inerente à conceptualização dos Nomes, as autoras aderem a uma **determinação construcional** do valor deste traço.

Paraguassu-Martins (2007, p.65), por sua vez, propõe que não existe “uma correspondência tipológica necessária entre a ausência de marcação de Número e a inexistência de uma distinção entre Nomes Contáveis e Nomes Massivos”.³¹

Em seu estudo intitulado “*A distinção Contável-Massivo e a expressão de Número no sintagma nominal*”, a autora retoma as diferentes abordagens do tratamento da Contabilidade dos Nomes. A primeira dessas abordagens assume que a distinção entre os Nomes Contáveis e Massivos se expressa **gramaticalmente**, (a) pela marcação da flexão de Número nos Contáveis (*livro-livros*) e pela ausência de flexão de Número nos Massivos (*água, beleza*); e ,(b), pela seleção de Quantificadores excludentes para as duas categorias. A posição da autora presume, pois, que a distinção Contável/ Massivo é uma distinção lexical.

Em algumas línguas, como no Inglês, essa combinação **Quantificador-Nome** é morfologicamente transparente, com a aplicação de *many/few* para os Contáveis e de *much/little* para os Massivos, e com a utilização dos partitivos (*a bit, a group of, a cup of*, etc) para os Massivos. Entretanto, o Inglês também registra a tendência de **neutralização** dessa distinção na seleção dos Quantificadores, quando eles se referem a **grandes Quantidades**: a forma *a lot/ a lot of* constitui uso regular de marcação de grandes Quantidades de Nomes Massivos e de Nomes Contáveis, substituindo o par opositivo *many/much*. No Português, como se verá no tratamento dos Quantificadores estudados adiante, a oposição **muitos/muito** (*muitos livros/ muito dinheiro*) também tende a ser neutralizada na Quantificação Nominal pela adoção de outras variantes de Quantificadores, tais como **Monte de X**, em *um monte de livros/um monte de dinheiro*.

A distinção entre Nomes Contáveis e Massivos replica, de certo modo, a distinção ontológica (PARAGUASSU-MARTINS, 2007, p. 70), segundo a qual Nomes Massivos, como **vinho**, apresentam as propriedades físicas de Cumulatividade, Distributividade e

³¹ D.E.L.T.A., vol.23, esp., p.65-83,2007.

Homogeneidade, enquanto Nomes Contáveis, como **garrafa**, se referem a Entidades Atômicas, com propriedades bem definidas e composição heterogênea. Apesar de essas propriedades poderem ser constatadas na distinção entre Nomes Contáveis e Massivos, Paraguassu-Martins refuta a validade dessa abordagem como fundamento para a classificação, pois considera que, se esse contraste realmente implicasse uma correspondência “coisa-mundo”, todas as línguas deveriam realizá-la: entretanto, enquanto em Português **fruta** é um Nome Contável, **fruit**, em Inglês, é Massivo; já **hair**, no Inglês, é Massivo, enquanto **cheveux** é Contável, em Francês.

Paraguassu-Martins advoga o que ela denomina “abordagem semântico-conceptual”, ao reconhecer que os diversos sistemas semântico-linguísticos organizarão de forma distinta os seus léxicos, conforme os esquemas conceptuais (ou frames) que as Unidades Lexicais evocarem. Essa disposição supera até mesmo o que seria uma percepção de inconsistência dentro de um mesmo sistema linguístico: o Inglês trata **rice** como Massivo e **peas** como Contável.

Embora, segundo esta angulação, a distinção registre-se claramente no léxico, a autora assinala que a ativação do valor desse Traço no uso é definida sintagmaticamente, pelos Quantificadores associados ao Nome. É fato que, em grande parte das vezes, esta associação é harmoniosa; a não sê-lo, entretanto, prevalece a estipulação introduzida pelo Quantificador.

Devemos assinalar que a literatura variacionista sobre a variação morfossintática do Plural Nominal contribui com informações decisivas para nossa compreensão do fenômeno. Da mesma forma, as abordagens de inflexão semântica, que acabamos de resenhar, também ampliam o entendimento da oposição Contável/Massivo na Quantificação Nominal. O fato, entretanto, é que nenhum desses estudos reconhece um elemento importantíssimo na descrição das expressões de Quantificação Nominal que é a **interação entre Quantificação, Perfilamento e Enumeração Definida ou Indefinida das Entidades Quantificadas**, contraste que releva claramente na diferença de interpretação presente em *Bebi muito café/ Bebi dois cafés*.

O reconhecimento desses elementos requer que se proponha para o fenômeno um tratamento alternativo de persuasão construcionista, que contemple a instanciação das diversas expressões de Quantificação Nominal em Português.

Para a relevância das investigações pretendidas nessa tese, o ponto principal da discussão feita por Paraguassu-Martins é a compreensão de que, qualquer que seja a abordagem para o tratamento do Traço Contável/ Massivo, há o consenso de que o Perfilamento da Entidade Designada do Nome **é determinado pelo Sintagma no qual ele está inserido**: isto é, independentemente da estrutura de *Qualia* do Nome, a leitura do Nome como Massivo ou Contável será definida *on line* pela Construção do qual o Nome é um constituinte.

A definição do Valor desse Atributo pela Construção repete, em outra dimensão, o que o apagamento no Nome da marca morfológica de plural na fala – e também na escrita³² – já antecipava; ou seja, a dimensão referencial e o Perfilamento da Entidade Designada resultam das imposições projetadas pelo Determinante que antecede o Nome na Construção de Quantificação.

Dessa forma, o que ocorre quando se estrutura a Quantificação em sintagmas como *Muito café* e *Dois cafés* é a **Coerção** exercida pelo Determinante sobre o Nome, de tal modo que o **Determinante determina a configuração desejada pelo usuário da linguagem**. Nesse caso, ou o sintagma formaliza uma relação harmoniosa, não-marcada entre Determinante e Nome (como em *Muito café*), ou o sintagma formaliza uma relação desencontrada, marcada, entre Determinante e Nome (como em *Dois cafés*). Em ambos os casos, a Coerção exercida pelo Determinante sobre Nome **é uma determinação da Construção** da qual participam, e é no nível da Construção que se ratifica a combinação harmoniosa ou se soluciona a combinação conflituosa.

5.2. A Construção de Quantificação Nominal em Português

A Construção de Quantificação Nominal que nos propomos descrever é um subtipo da Macro Construção genérica de Quantificação Nominal em Português, que envolve, evidentemente, a Quantificação Universal, como em (20) (a-f), ou a Quantificação Existencial, como em (21) (a-f).

³² Scherre, M. e Naro, A. *Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português*

(20)

- (a) **Todo aluno** resolveu o exercício.
- (b) **Todos os alunos** resolveram o exercício.
- (c) **Cada aluno/ Cada um dos alunos** resolveu o exercício.
- (d) **Qualquer aluno** resolve este exercício.
- (e) **Nenhum aluno/ Nenhum dos alunos** resolveu o exercício.
- (f) **Aluno** tem que resolver exercício para aprender.

(21)

- (a) **Muita cachaça/Pouca cachaça** me dá dor de cabeça.
- (b) **Umas duas cachaças/ cerca de duas cachaças** já me dão dor de cabeça.
- (c) Ele já tinha tomado **muitas/ algumas/ duas cachaças** quando deu as declarações.
- (d) **Quantas cachaças** ele já tinha tomado?
- **Duas.**
- **Muitas/ Algumas.**
- (e) **Um pouco de cachaça** faz bem à saúde.
- (f) Ele já tinha tomado **um monte de cachaça** quando deu as declarações.

A grande diferença entre a Quantificação Nominal em (20) e (21) é que, em (20), o domínio do Quantificador abarca ou a totalidade de um Conjunto de Entidades ou uma só Entidade, considerada em sua integridade. Em (21), por outro lado, ao pressupormos a existência de uma, ou mais de uma, Entidade, tratamos de estabelecer seu Número, sua Quantidade, a sua Configuração e o tipo de Enumeração (Definida ou Indefinida) de sua Quantidade.

Acompanhando a análise gerativa predominante dos sintagmas que expressam Quantificação em (21), diremos que **todas essas expressões constituem Sintagmas Determinantes (SDs)**, o que é sustentável por argumentos puramente sintáticos, por argumentos sintático-semânticos ou por argumentos puramente semânticos:

(i) O argumento **sintático** é que é possível expressar esses sintagmas **exclusivamente com o Núcleo Determinante, sem o seu complemento Sintagma Nominal**, como exemplificado em (21) (d) ou em (22) (a):

(21)

(d) *Quantas cachaças ele já tinha tomado?*
 - Duas.
 - Muitas.
 - Algumas.
 - Várias.
 - Um monte

(22)

(a) *Quanta cachaça ele já tinha bebido?*
 -Muita.
 - Pouca.
 - Um barril.

(ii) O argumento **sintático-semântico** (a rigor **morfossintático-semântico**) tem a ver com a **omissibilidade da desinência de Número no Complemento Nominal do Determinante**, cabendo a este, portanto, a incumbência de expressar o Número no Sintagma.

(23)

(a) *uns menino, os jornal, meus irmão*
 (b) *um pouco de goiabada*
 (c) *muitos menino*
 (d) *um monte de aluno*

(iii) O argumento **semântico** tem a ver com o fato já assinalado de que o **Pefilamento** e o **tipo de Enumeração de Quantidade**, escolhidos pelo Determinante, coagem a estrutura de *Qualia* evocada pelo Sintagma Nominal.

(24)

(a) *Deu muita laranja este ano.*
 (Contável> Incontável Indefinido)
 (b) *Você tem alguma notícia pra me dar?*
 (Incontável> Contável Indefinido)
 (c) *Duas cachaças já me deixam com dor de cabeça.*
 (Incontável> Contável Definido)
 (d) *Só preciso de um pedacinho de folha de papel.*
 (Contável> Incontável Indefinido)

Nos termos das propostas, em desenvolvimento, da Gramática das Construções Baseada em Signos, sucessora intelectual das versões menos formalizadas da Gramática das Construções e, especificamente, das abordagens em HPSG (SAG, WASON e BENDER, 2003), acolhemos as soluções de formalização divulgadas em Salomão (2009, p. 45-50), segunda a qual o subtipo (Existencial) da Construção de Quantificação seria a seguinte Matriz Parâmetro Valor:

Subtipo de Construção da Quantificação Nominal (Quantificação Existencial)

sin	ext	det		sem	frame	[↓4 &↓ 6]
	gen	#5			perfil	# 1
	max	[]			enum	# 3
	lex	—				
Constituinte ₁			Constituinte ₂ [opcional]			
sin	Núcleo		sin	cat	Complemento	
	gen	#5		próprio	—	
				gen	#5	
				nível	— max	
				lex	[]	
sem	frame	[↑4]	sem	frame	[↑6]	
	perfil	#1		perfil	# 7	
	número	#2				
	enum	#3				

QUADRO 11- Formalização da Construção de Quantificação Existencial

O que essa formalização, que cobre todas as instanciações exemplificadas em (21), permite-nos expressar é que:

(i) a Construção de Quantificação é um Sintagma Determinante, que pode ser instanciada exclusivamente pelo seu primeiro constituinte (o Determinante) ou, alternativamente, pelo Determinante seguido pelo seu Complemento (Sintagma Nominal ou Sintagma Preposicional).

(25)

- | |
|--|
| (a) _{SD} [Alguns] vieram cedo.
(b) _{SD} [Alguns alunos] vieram cedo.
(c) _{SD} [Alguns dos alunos] vieram cedo. |
|--|

(ii) o Sintagma Determinante (SD) sintaticamente herda do Complemento (explícito ou implícito) a determinação de Gênero, expressa morfológicamente para os Determinantes que variam em Gênero (caso de (26)(a) *versus* (26)(b):

(26)

- | |
|--|
| (a) muita fome/ muito angu/ muitos pratos/ muitas bebidas
(b) bastante fome/ bastante angu/ bastantes pratos/ bastantes bebidas |
|--|

(iii) o Sintagma Determinante (SD) unifica semanticamente o frame do Determinante Quantificador [$\uparrow$] com o do frame evocado pelo Complemento [$\uparrow$ 5], de tal modo que os valores dos parâmetros Perfilamento [#1], Número [#2] e Enumeração de Quantidade [#3] procedam do Determinante ou, no caso do Perfilamento, ultrapassem (*override*) sobre a estrutura semântica do Complemento, isto é, o Traço [Perfil: [#7]].

A justificativa para escolhermos esse tratamento analítico (construcional) fundamenta-se em duas fortes motivações teóricas:

(a) O fato de que constatamos, já na seção anterior, o **fenômeno da coerção operante sobre o Sintagma**, argumento tratado como fundamentação crítica em favor da abordagem construcional em Goldberg (1995) e Michaelis (2005): o argumento que favorece a proposição das Construções de Estrutura

Argumental (CEAs) é exatamente o fato de que a valência construcional prevalece sobre (isto é, coage) a valência lexical das predicções.

(b) O fato de que observamos que o Constituinte₁ do Sintagma Determinante tem uma expressão morfológicamente variável: monolexêmica, como *muito/pouco/bastante/algun/doi...* ou polilexêmica, como *uma parte de/ uma dúzia de/ um monte de*. A formalização que elegemos, ao conferir o valor [] ao Traço lex, permite a realização de qualquer dessas duas possibilidades.

Com o apoio teórico-analítico aqui explicitado, queremos observar que nossa análise inclui as descobertas das investigações anteriores, resumidas na seção precedente, mas as articula de forma coerente e elegante, ao escolher uma perspectiva construcional.

5.3 Os Quantificadores de Grande Quantidade em Português

A descrição que propusemos aplica-se a todos os Quantificadores Existenciais em Português, mas o foco de nossa investigação nos leva a considerar especificamente aqueles cujo frame evocará GRANDE QUANTIDADE INDEFINIDA (27) (a), em oposição à PEQUENA QUANTIDADE INDEFINIDA (27)(b), FRAÇÃO DE QUANTIDADE INDEFINIDA (27)(c), GRANDE QUANTIDADE DEFINIDA (27)(d).

- | | |
|------|--|
| (27) | <p>(a) <i>Muitas pessoas compareceram à festa.</i></p> <p>(b) <i>Poucas pessoas compareceram à festa.</i></p> <p>(c) <i>Alguns dos convidados saíram cedo.</i></p> <p>(d) <i>Trinta e duas pessoas compareceram à festa.</i></p> |
|------|--|

O Quantificador **Muito**, e suas flexões, é extremamente frequente no uso do Português, conforme atestado por sua busca no Corpus do Português. O quadro abaixo refere-se **ao Número de ocorrências totais** das UL(s) no Corpus do Português, na seleção por Lista, considerando-se o seu uso do século 14 ao século 20.

	MUITO	MUITA	MUITOS	MUITAS
Total de ocorrências	78979	9826	18400	16982

Dentro da descrição que propusemos, **muito/a** seleciona Nomes configurados como Massivos (*muito açúcar, muita lenha*), enquanto **muitos/muitas** seleciona Nomes

configurados como Contáveis (*muitos jornais, muitas camisas*); eventualmente **muitos/as** coage Nomes Massivos (*muitos cafés*), enquanto **muito/a** coage Nomes Contáveis (*muita laranja*). De todo modo, a Enumeração de Quantidade será sempre indefinida.

A Quantificação Indefinida em Português, entretanto, também pode ser expressa de outros modos, por um grupo de expressões semântica e sintaticamente convergentes, em que a marcação de Quantificação é realizada metaforicamente através da associação de Movimento de Massa (líquida ou sólida) com a noção de Quantidade.

Diferentemente do grupo dos Pronomes Indefinidos, essas expressões que aparecem como variantes no processo de marcação da Quantidade Indefinida em Português também têm um comportamento sintático, que as distingue do grupo da família **muito**: não há restrições à sua combinação com Nomes, independentemente dos Traços a estes inerentes de Gênero e de Perfilamento. Nesses casos, o processo de Coerção dentro do Sintagma Determinante (SD) opera de modo diferente do que se verifica com os Quantificadores monolexêmicos até aqui examinados.

Diferentemente dos casos já observados (*Dois cafés/muita laranja*), a Quantificação da Entidade é **sempre Indefinida** e invariavelmente **neutra**, na medida em que o seu traço **Quale** formal corresponde simplesmente à marcação de **uma grande Quantidade de**. Nessa perspectiva, para o frame evocado pelo Nome (seu **Perfilamento**), o esquema introduzido pelo Determinante não alterará a configuração do frame evocado pela expressão nominal quantificada. Ou seja, o sintagma passa a referir a noção de Grande Quantidade de Nome, **independentemente do Perfilamento intrínseco à Entidade(s)**.

Em Português, diferentemente do Inglês, **ainda não há o registro de uma única forma de Quantificação neutra consolidada como *a lot of***. O que se tem, desde o século XVI, e em especial a partir do século XVIII, é a introdução de Quantificadores polilexêmicos, dos quais um dos mais regulares e constantes é o Quantificador **monte de**.

Entre as variantes mais produtivas dessas Construções em Português, podemos citar: **Chuva de N** (*chuva de cartas, chuva de ética*), além de outras menos frequentes, tais como **Enxurrada de N** (*enxurrada de telegramas, enxurrada de verdade*), **Onda de N**, (*onda de carros, onda de corrupção*), **Avalanche de N** (*avalanche de beijos, avalanche de dinheiro*), **Mar de N** (*mar de problemas, mar de incerteza*), **Oceano de N** (*oceano de reclamações, oceano de inocência*), **Pilha de N** (*pilha de copos, pilha de*

dinheiro), **Montão de N** (*montão de problemas, montão de tristeza*), e outras de uso mais coloquial, como **Caminhão de N** (*caminhão de problemas, caminhão de silêncio*), **Porrada de N** (*porrada de mensagens, porrada de dúvida*).

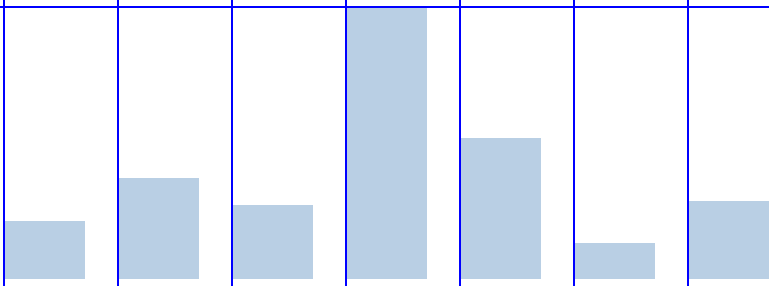
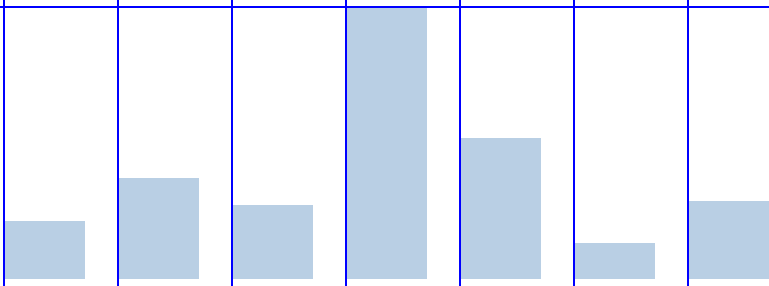
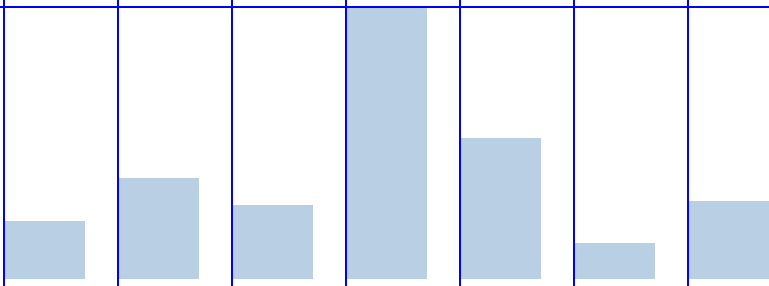
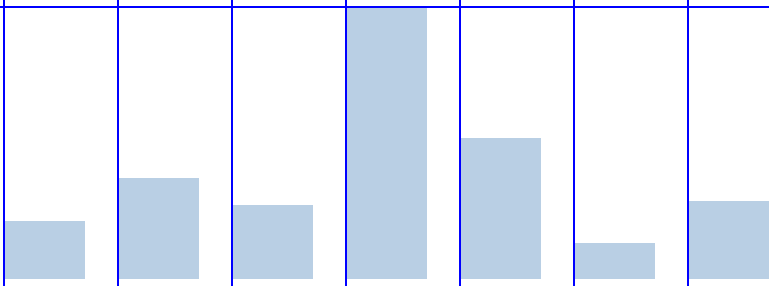
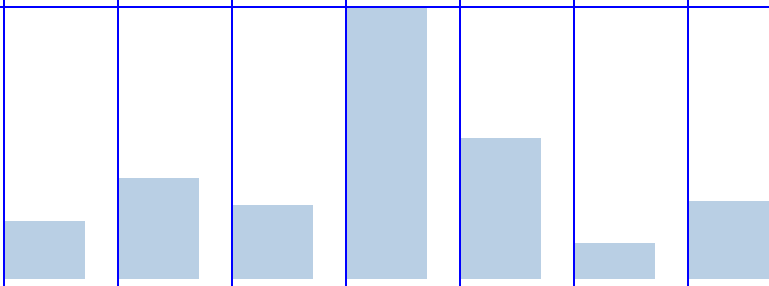
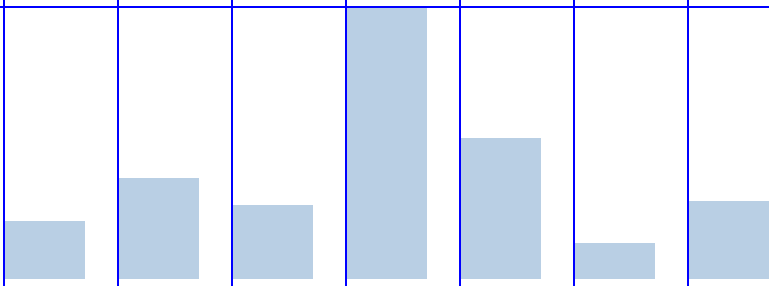
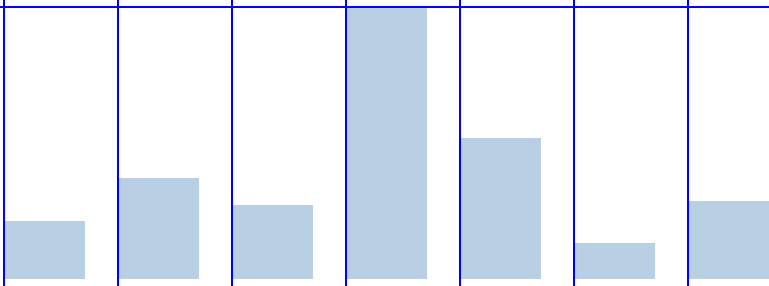
" Um **monte de artistas** vai querer ver os concertos " , diz Ohtake para, nós e para **um monte de empresas** que conhecemos por dentro (franqueadoras Estou encontrando **um monte de conhecidos** , afirmou. isso é **que** é um leitor de o catete : **manda um monte de piada** . espera- se , durante os Jogos de Lillehammer , **uma chuva de medalhas** de a Noruega , que se preparou dois e não_mais atacantes , o técnico é vítima de **uma chuva de ataques** . inconformado com a derrota mas espera colher **uma chuva de votos** em Santa_Catarina . Há de vir uma chuva de **verdade** para lavar toda essa sujeira " , diz ele . As Bolsas_de_Valores esperam **uma chuva de dinheiro** a_partir_de o próximo ano . aí , virá **uma enxurrada de mandados_de_segurança** iguais , de cada_um de os implicados desemprego de mais_de 600 mil trabalhadores e **uma enxurrada de ações** em a Justiça . Houve **uma enxurrada de gols** : Hungria 8 x 3 Alemanha_Ocidental , Inglaterra Em abril tivemos **uma enxurrada de livros** sobre o movimento militar de 64 . quando em a abertura de a Bolsa de Nova_York , com **uma enxurrada de** venda de papéis . pressionado por **uma avalanche de dólares** , o real apresentou uma valorização de mais_de feito , o governo corre o risco de assistir **uma avalanche de** pedidos em a Justiça de eventuais perdas . descartada porque o governo teme provocar **uma avalanche de** reivindicações semelhantes de outras em o segundo semestre de este ano **uma avalanche de** filmes brasileiros chegará a os cinemas . contrariando **uma avalanche de** análises que davam por sepultada a sua candidatura para que a visita se transforme em **um mar de** amenidades . terminou afastado de a Presidência em meio a **um mar de** abusos e irregularidades . Norueguesa até 1999, Macau permanece como **um mar de** cassinos. generalizada de seus líderes e cruzando **um mar de** corrupção que se abre a a frente de todos . a satisfação afogou o movimento em **um mar de** objetos , pílulas e drogas . hóspedes que aparecem transformarão sua vida em **um mar de** infelicidade . como **um montão de** gente , não só o descobri com atraso como , a o ouvir "Acabei fazendo **um montão de** músicas " , conta . estrangeiros uma única exigência : a de investir **um montão de** grana para aperfeiçoar o sistema de_ Leva , conseqüentemente , **um montão de** hematomas Outra pessoa me conseguiu **uma porrada de** material de Gram_Parsons , porque eu fiquei curioso " É **uma porrada de** mulheres lindas e inteligentes , está uma perfeição A juventude é uma garantia para **uma porrada de** coisas taxa suficiente para trazer **um caminhão de** dólares para o Brasil . nada impede que você case e tenha **um caminhão de** filhos com a filha de a madrasta

FIGURA 35 Exemplos atestados no Corpus da Folha de São Paulo (VISL/Português) das combinações das expressões de Quantificação com N

6. A EMERGÊNCIA DAS EXPRESSÕES QUANTIFICADORAS *CHUVA DE N E MONTE DE N*

6.1 A história de *Monte de N*

A expressão **Monte de Nome** tem registro de ocorrência a partir do século 14, conforme se confirma pela busca por Diagrama no Corpus do Português, embora, a princípio, seu uso não se caracterize como Quantificador:

SECÇÃO	s14	s15	s16	s17	s18	s19	s20
							
POR MILH	8.2	14.8	10.6	39.1	20.6	5.1	11.3
MILHÕES	1.8	2.8	4.3	3.3	2.2	9.7	20.3
OCORRÊNCIAS	15	42	46	128	45	50	229

QUADRO 12- Evolução diacrônica do uso da expressão **Monte de** ao longo dos séculos

Isso se vê nos exemplos selecionados a seguir:

14:Maler:Orto

começo da sua mancebia, andou ãno hermo, e a sua cella era ãno **monte de Nitria**. Este sancto homẽ ataa a fim de sua uida, que foy aruores que se chama do cidral que he ao aneal que parte des

14:Duarte

contra o **monte de cima** da trauesia com oliual de lopo steuez bacharel e contra o camjnho com

Exemplos selecionados do Corpus do Português– Século XIV

Conforme se vê, neste caso, o Nome introduzido por Preposição tem a função de Adjunto (*monte de cima*) ou de Aposto (*monte de Nitria*).

Entretanto, já no século XV observamos o uso da expressão como Quantificador, uso que parece emergir do emprego do Nome **monte** com um complemento introduzido por Preposição, tal como em **monte de terra/ monte de pedra**.

14:Duarte:ChanPort1; E contra alcoça com vinha do dicto senhor que traz afonso de serpa E contra **monte de trigo** com outra vinha do dicto senhor que traz diego ferrnandez caruoeyro

Os estudos da sintaxe do Português mostram que os Nomes que integram a estrutura argumental de Nomes, à diferença da gramática do Inglês, que oferece a alternativa N2 N1 (como em **goose hunt, apple pie**), são introduzidos obrigatoriamente por Preposição, o que torna os Nomes Complementos (ou Complementos Nominais) indiferenciados morfológicamente dos Adjuntos Adnominais (por exemplo: **chuva de verão** (Adjunto) *versus* **chuva de pedra** (Complemento)).

Daí que, à parte dos usos de Nomes com Adjuntos de **monte**, exemplificados no século XIV, passamos a ter o uso de Nomes como Complemento de **monte**, já a partir do século XIV, com aumento regular a partir do século XV.

13:CIPM:CGEsp; ha hy hûu monte a que chamã Xalayr. E tanto quer dizer Xalayr como **monte de geada**
14:Duarte:ChanPort1; do cabijdo da see de bragaa que traz frey Joham hermjtam e contra o dicto **monte de trigo** com vinha que foe de gonçallo annes e contra o teio com vinha
15:Fernandes:Codice; coua por çyma como sobrado com rama E em cima desta rama deytam hûu grande **monte de terra** tam alta como hûa casa / E alli fica elrey com seus criados;2
16:BPereira: Vesuvio um **monte de fogo**

Exemplos seleccionados do uso da expressão **Monte de + Complemento** - Corpus do Português, séculos 13,14,15 e 16

Desses usos de **Monte de+ Complemento** é que emergirá, metaforicamente, o uso de **monte de** como Quantificador.

Séc 14:Sbernardo: baixezas da terra asy como de hû alto **monte de virtudes**;

Séc 14:Lopes:Fernando: era sabor de veer tall **monte de pontas**; ca por judeu ou clerigo aviam estonce quem nom tragia as pontas),

Séc 15:Trancoso:Proveito; como estimava suas ovelhas e servia seu pai. Perto deste lugar havia um fertilissimo **monte de abundante e muita caça** onde o Marques vinha a caçar muitas vezes e como;

Séc 15:Fernandes:Codice; outro e antre elles hû camjnho que os velhos passam e a cada njnho hû **monte de peixe**

Séc 16: Incr.I. Plin. * Scorpiones. || Item **monte de pedras** nas estremas em lugar de marco * Scorpionarius Pereira: **Monte de folhas e de flores** que produz a terra

Séc 17: Coutinho: Economica todo o outro **monte das coisas comerciáveis**

Coutinho:Economica;" ouro se tire a metade e se aniquile; a outra metade de todo esse **monte de ouro**

Séc 18 : Cunha: Sertões:se a boceta poedeira já não tinha areia, por havê-la consumido o **monte de escrita** que lá estava sob o calhamaço, não carecia o

18: Paiva:breve tempo se mostra aos olhos um grande **monte de pérolas**. Oh que invejavel ventura he a que conseguio este individuo tão humilde;

18:Queirós:

Maia sobre uma cadeira alastra-se um **monte de de meias de seda/**

Exemplos seleccionados do uso da expressão **Monte de** como **Quantificador**, do século. 14 ao século 18.
(Corpus do Português)

E, no século 20:

19 Oral /Entrev Eu quis me matar porque não agüentava mais aquilo. Ficava vendo **um monte de coisa** o tempo todo. Aquelas pessoas todas na minha frente.

19 Oral/Entrev ricas e a fonte de inspiração é inesgotável. Eu tenho um caderno com um **monte de idéias**

19 Oral/Entrev visto como "" atitude transgressora e quando vem do pobre é música de "" **um monte de analfabeto**

19 FicBr: Abreu Ou na camada de maquiagem entre minha boca e a pele dela. Peguei um **monte de laudas** e saí correndo.
(Corpus do Português)

19 Europar regulamentos venham agora a ser soterrados por um **monte de entraves** e condições e por Quantidades extraordinárias

19 Europar por esta organização em que era exibido um enorme **monte de garrafas** que já não iriam ser devolvidas para posterior

19 Europar não querem limitar toda_a dignidade humana a um **monte de células**. Onde fica a dignidade de aqueles que sofre
(Europar/ VISL- Português)

Exemplos seleccionados do uso de **Monte de N** no século XX, coletados dos dois corpora de base

As frequências, no quadro abaixo, foram calculadas através do Programa R, sobre os exemplos atestados do Corpus do Português, e classificados conforme os procedimentos já descritos na metodologia.

	Séc 15	Séc 16	Séc 17	Séc 18	Séc 19	Séc 20
Quantificador	0.189	0.203	0.214	0.288	0.68	0.770
Outros	0.811	0.796	0.785	0.711	0.32	0.229

QUADRO 13- Frequência de ocorrência do uso da expressão **Monte de** como Quantificador e em Outros usos

O uso metafórico de **Monte de** como Quantificador vai exemplificado abaixo. Observe-se a transição conceptualmente importante de exemplos como **monte de estrume**, **monte de cadáveres** (caídos uns sobre os outros), **monte de células**, para **monte de artista** ou **monte de piada**.

Um **monte de artistas** vai querer ver os concertos " , diz Ohtake
com aquele **monte de smoking** alugado os garçons vão estar mais bem vestidos
Estou encontrando um **monte de conhecidos** " , afirmou .
Tive que me adaptar a um **monte de mudanças** .
isso é _que é um leitor de o cacete : manda um **monte de piada** .
tive a oportunidade de aprender um **monte de novos termos amorosos** para experimentar com
as Jennifers
Acrescente a luta entre ricos e pobres com um **monte de cafajestes** em o meio
apresentada por Gilberto Braga
depois de salvar a própria pele e a de um **monte de gente** , incluindo um garoto e um
acompanhado de manuais completos e mais um **monte de " perfumarias "** .
Maluf para presidente " porque ele faz um **monte de obras** " .
Vem gente de todo canto , um **monte de carros** ficam estacionados em fila dupla " ,
Um **monte de coisas** acontecem aqui, mas são muito bem camufladas

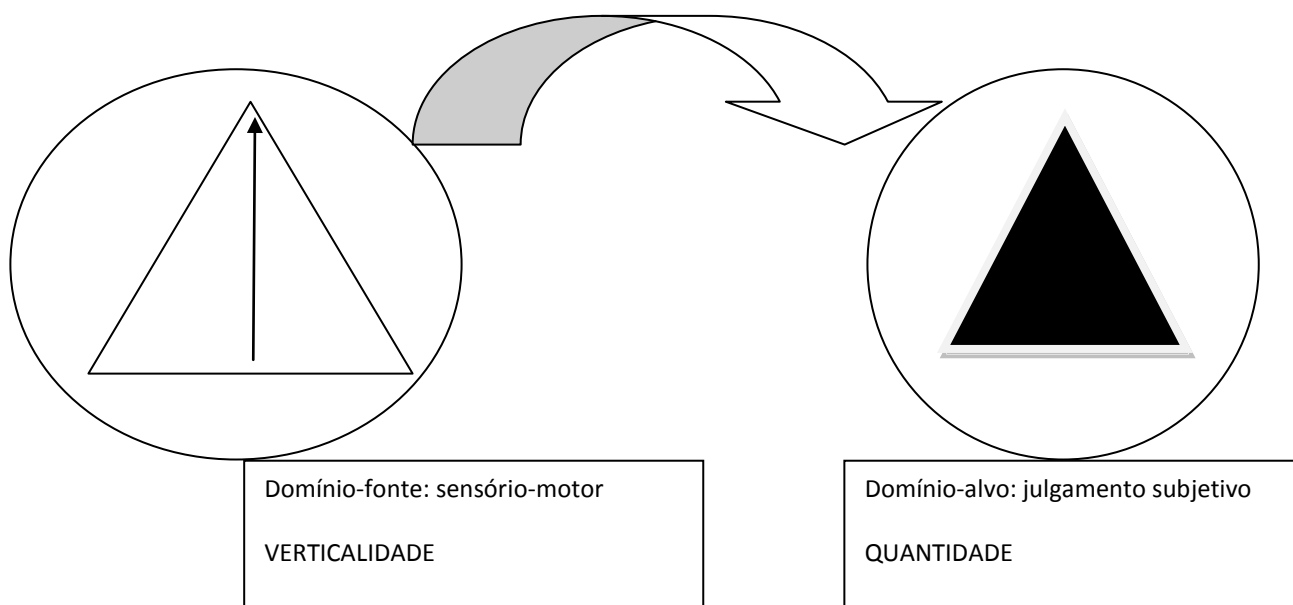
FIGURA 36 Exemplos da composição metafórica no uso da expressão de **Monte de**
(VISL/Português)

Nesses casos, o que ocorre é a reorganização semântica da expressão motivada pela metáfora conceptual (primária) MAIS É PARA CIMA, que recruta um esquema imagético piramidal, **evocado pela estrutura físico-visual de monte**: orientação vertical PARA CIMA a partir de uma base alargada (de empilhamento de entidades físicas)



A deriva metafórica no uso da expressão é prevista pela Teoria da Metáfora Conceptual, que apresentamos na seção 2.2.2. A evolução teórica deste campo do conhecimento nos últimos trinta anos levou a refinamentos como com Joe Grady, desde 1987, a postulação de **metáforas primárias**, que “*emparelham a experiência e o julgamento subjetivos com a experiência sensório-motora da vida cotidiana*” (LAKOFF&JOHNSON, 1999, p. 49-51).

Uma das metáforas primárias mais bem estudadas corresponde exatamente a MORE IS UP, correlação metafórica estabelecida nos termos abaixo:



A idéia de acumulação de uma Entidade designada pelo Nome faz então com que a Construção **Monte de N** projete a noção de Quantificação tanto por crescimento vertical quanto por alargamento na base do container. Daí que expressões como **monte de**

terra ou *monte de artistas* possam, a partir da interpretação literal de *monte de terra*, ser interpretadas convencionalmente como *muita terra* ou *muitos artistas*.

A base sensório-motora do uso metafórico leva a que a expressão **possa ser empregada** com Status Referencial Definido (*O monte de roupa suja que você trouxe da viagem vai me dar um trabalho!*; *O ator Dado Dolabella ficou surpreso com o monte de cartas de apoio que recebeu após o incidente com Luana*). Isto a diferencia do uso de outros Determinantes de Grande Quantidade (tais como **muito/a(s)**), cujo emprego preferencial é o de referência indefinida. Não obstante, a expressão *monte de N* também comporta usos referencialmente Indefinidos: *Tive que me adaptar a um monte de mudanças*.

Ao convencionalizar-se como um Subtipo da Construção de Quantificação Nominal, a expressão *monte de N* tem como característica a capacidade de combinar-se **com todo tipo de Nome**, Contável ou Massivo, flexionado no Singular ou no Plural, no Feminino ou no Masculino. Apesar dessa grande flexibilidade na combinação com N_2 , é possível identificar graus maiores de atração e de rejeição a N pela Construção **Monte de N**.

A tabela abaixo demonstra as associações preferenciais da CQN *monte de* com N_2 . O levantamento foi feito em **246 exemplos** atestados no corpus da Folha de São Paulo (VISL/Português), e a classificação de N foi rotulada nas seguintes categorias: **Seres Humanos (Hum); Objeto Contável (Obj); Objeto Massivo/Substância (S); Evento (EV)**. Considerando-se a possibilidade de contraste a partir das projeções metafóricas entre *Monte de N* e *Chuva de N*, nas categorias Evento e Objeto Contável, procurou-se distinguir entre Eventos e Objetos ligados à Informação (Inf) e Objetos considerados Projéteis.

A nitrocelulose tem a aparência de **um monte de algodão** e é utilizada principalmente em a fabricação (**Substância**)

Para mim não era arte , era **um monte de concreto** (**Substância**) "

Vem gente de todo canto, **um monte de carros** ficam estacionados em fila dupla " , orgulha-se Rodrigo_Pinheiro (**Objeto**)

Lá tem **um monte de lojas de disco** e representantes de todas_as tribos (**Objeto**)

não passará de um pequeno **monte de letras indecifráveis** . (**Informação**)

afirma que as alegações feitas contra ele são **um monte de mentiras** (**Informação**)

✕ E aquele **monte de candidato** de a televisão não tem capacidade nem pra organizar(**Humano**)

✕ " Um casal que quer transar e um **monte de gente** em volta tentando atrapalhar " . (**Humano**)

✕ Já tem **um monte de figurettes** telefonando e oferecendo seu precioso nome (**Humano**)

✕ Em o ano_que_vem **um monte de " baianinhos "** vão estar em Interlagos correndo (**Humano**)

Parece **um monte de CDF** com o blazer de a CBF ! (**Humano**)

Exemplos selecionados do Corpus da Folha de São Paulo (VISL/ Português) para ilustrar a atração da expressão **Monte de N** por **N₂**

Monte de	
Nome Complemento	Ocorrências
Objeto Contável (Obj)	89 (36%)
Seres Humanos (Hum)	102 (41%)
Evento	27 (10,9%)
Informação	9 (0,03%)

Quadro 14: Ocorrências dos Nomes Complementos de **Monte de**

O Quadro 14 registra uma preferência na combinação de **monte de** com Humanos (em primeiro lugar) e com Objetos Contáveis sobre possíveis combinações com Nomes designativos de Eventos, Informação e Substância (no caso destas duas últimas categorias, a ocorrência é irrisória).

Quando quantificando Humanos, **monte de** combina-se variavelmente com Nomes no Singular e no Plural, com Nomes inerentemente Contáveis ou inerentemente Massivos, ilustrando a sua flexibilidade no trato com domínios diversificados de Entidades quantificáveis.

Por isso **um monte de boy** que não podia ter Nike tem Nike .
 um **monte de gente** entrou , saqueou e depredou a escola .
 E estou encontrando **um monte de conhecidos** , afirmou .
 parece **um monte de CDF** com o blazer de a CBF !
 Era de tarde e tinha um monte de gente em o ponto de ônibus.
 Ela gostou de a escola e fez um **monte de amigos**.
 " em um **monte de criança** fazendo isso por aqui " , disse .
 Sabe aquele **monte de careca** com rabo de cavalo ?
 e o incêndio em os boxes que quase mata um monte de gente .
Um monte de artistas vai querer ver os concertos " , diz Ohtake .
 Tem um **monte de gente** de boné azul em a porta !
 " o **monte de mortos** " , proclama a sua candidatura a o trono .
 A nação Woodstock, não um **monte de velhotes** como tio Dave , encontraram o capitalismo
 Nenê convocou um **monte de senhoras** promoters para cuidar de a ação noturna .
 Aquele **monte de candidato** de a televisão não tem capacidade nem pra
 tem um **monte de argentino** indo ver o show : essa fila é para a ôche

Exemplos atestados pelo corpus Folha de São Paulo/ VISL-Português da combinação de **monte de+**
Humanos

Essas características da expressão **monte de N** justificam, de muitos modos, a emergência e o crescimento da frequência de seu uso como Quantificador em Português ao longo dos séculos frente a outros possíveis usos desta expressão.

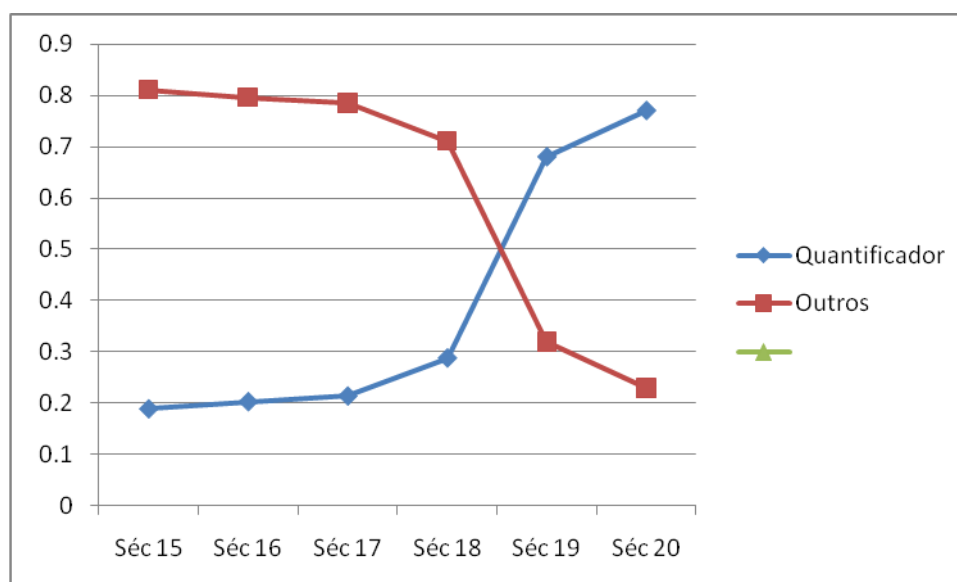


FIGURA 37 Emergência da expressão **Monte de N** como Quantificador no uso do Português

6.2. A história de *Chuva de N*

A expressão ***Chuva de N*** tem registro de ocorrência desde o século XVI, conforme se confirma pela busca através da ferramenta Diagrama no Corpus do Português.

SECÇÃO	s14	s15	s16	s17	s18	s19	s20
POR MILH	0.0	0.0	1.4	0.9	3.2	7.7	5.0
MILHÕES	1.8	2.8	4.3	3.3	2.2	9.7	20.3
OCORRÊNCIAS	0	0	6	3	7	75	101

QUADRO 15- Evolução diacrônica da frequência de uso totalizado de ***Chuva de*** ao longo dos séculos

Os primeiros registros da expressão ***chuva de Nome*** indicam o seu uso com Nome Complemento: *chuva de rosas e chuva de línguas ardentes*: **choveram rosas/ línguas ardentes**. Em ambos, o Nome é Argumento da valência lexical.

Sécul	Século /Fonte	Frase
16:	Intino:China	Tom bẽ os tẽtos aa grãdura da provincia de Sãxi. Ho que referẽ da <i>chuva de sãgue</i> ha mesma maravilha acõteceo hũ dia fazẽdo se grande matãça em hũs Portugueses
16:	Lobo:Aldeia	os antigos engenhosamente significaram na fábula de Danae, a quem Júpiter enganou convertido em <i>chuva de ouro</i> ; dele nasceram os estupros de Cómodo, os incestos de Calígula,
16:	BPereira:Pros8	* Sir icidium, ii, n.g. (O lambique; item o estillicidio) a saraiva, <i>chuva de pedra</i> * Sirpillum, i, n.g. A barba de bode, ou de
17:	Coutto:Brasil	as usanta ley. O mesmo foy cair sobre as suas cabecas aquella celeste <i>chuva de linguas ardentes</i> , que s das suas bocas torrentes de eloquencia em todas
17:	Oliveira :Cartas	Bramando como touro por Europa, voou como cisne por Leda, desfez-se em <i>chuva de oiro</i> Por Dánae, e transformou-se em outras mosntruosidades que até a acção de
17:	Macedo:Antidoto	Sem do graõ thesouro: Entra pello fortissimo edificio Com a filha de Acrisio a <i>chuva de ouro</i> .
17:	Lusitano:Carta	á forde flores, assim como hum Imperador suffoccou os seus amigos com uma <i>chuva de rosas</i> . Naõ he p (naõ me cansarey de o repetir)
	Macedo:EvaAve	forçar a Penelope: em Satyro, para adulterar a Antiopa: em <i>chuva de ouro</i> , para alcançar
17:	Macedo	contemplaçã em hum Sol, (79) & na imagem de Danae com a <i>chuva de ouro</i> a mayor fermosura de ani

FIGURA 38 Usos de ***Chuva de*** como Complemento Nominal dos séculos XVI e XVII

O século 18 já marca o aumento do uso da expressão como Quantificador, mas é a partir do século 19 que a expressão **Chuva de N** se firma como alternativa para a Quantificação em Português. A frequência foi calculada pelo Programa R sobre exemplos atestados do Corpus do Português e classificados conforme os procedimentos já descritos na Metodologia.

Século 19

18:Porto-alegre:Vaqueano; ciciante estridor como de um bando de pássaros ao levantar o vôo. Era uma **chuva de flechas** que foram embeber-se-lhe no pleito.
 18:Azevedo:Cortiço; fazia rolar por terra. Leacádia abriu num berreiro. e foi Debaixo de uma **chuva de bofetadas e pontapés** que acabou de amarrar a roupa. - 18:Macedo: Luneta; pedir licença nem dar contas a alguém. O terceto rebentou de novo e uma **chuva de impropérios e de maldições** caiu sobre mim.
 - Idade! exclamou enfim
 18:Alencar:Gaúcho; e do turbilhão de fumo desenvolveu-se a sombra do gaúcho que fugia incólume entre uma **chuva de balas**. Já ele estava fora do alcance

Século 20.

que este procedimento , resultou em uma autêntica **chuva de** críticas
 " Cientista quer clonar seres_humanos"
 Sob grande agitação e uma **chuva de** reclamações , Mika_Hakkinen ,
 em o McLaren-Mercedes
 e , perto_de o fim , assistimos mesmo a uma **chuva de** narizes , que acabam abar
 Só que esta **chuva de milhões** esconde uma realidade mais complexa em
 que a agricultura
 Uma **chuva de vinho** com gaz agitou a festa e o fogo de artifício abafou
 ✕ A **chuva de perguntas** é cortada com uma frase :

Exemplos atestados do uso de **Chuva de N** como Quantificador nos séculos XIX (Corpus do Português) e XX (Corpus da Folha de São Paulo/ VISL- Português)

	Séc 18	Séc 19	Séc 20
Quantificador	0.285	0.826	0.683
Com Complemento Nominal	0.714	0.16	0.267

QUADRO 16- Frequência de ocorrência do uso da expressão **Chuva de** como Quantificador e em Outros Usos

A emergência metafórica da expressão de Quantificação **Chuva de N** também recruta uma metáfora primária segundo a qual QUANTIDADE É MOVIMENTO MASSIVO DE FLUIDOS, evocado não apenas por **chuva de**, mas também por expressões como **enxurrada de**, **onda de**, e, já em estado resultante, por **encharcado de**.

4	19:Fic:Br:Rio:Noite	rogar um instante de calma eu corria às vezes ruas inteiras da Suburra, numa enxurrada de apodos. Esses entes querem apanhar do amar
5	19N:Br:Bahia	de Hebron aos palestinos. Bar-On ficou menos de 48 horas no cargo devido à enxurrada de críticas a seu respeito e pela sua estreita ligaç
6	19N:Br:Cur	força de lei, devendo submetê-las de imediato ao Congresso Nacional ")), a enxurrada de MPs editadas pelo Executivo já estava substituín
7	19N:Br:Cur	ameaça implodir o acordo que as empresas de tabaco querem obter para acabar com a enxurrada de processos movidos por fumantes. Ela
8	19N:Br:PA	constitucional. O ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito, atacou ontem a enxurrada de ações contra a privatização da companhia.'
9	19N:Br:Recf	vendeu dólar nem títulos cambiais, e a cotação do comercial recuou por conta da enxurrada de moeda norte-americana da terça-feira, qu
10	19N:Br:Recf	por mês no estado. O delegado substituto Waldemir Maximiano Pessoa diz que diante da enxurrada de anúncios atrativos como estes é bo
11	19N:Br:SCat	edital de licitação. Segundo analistas, esta linha de atuação poderá resultar em uma enxurrada de recursos jurídicos, à medida que seus g
12	19N:Br:SCat	eletrônicas via Internet de ativistas americanos protestando contra o tratamento dado aos caes. A enxurrada de correspondência obrigou
13	19N:Br:Folha	PT são pessoas de bem. O fato de que não foram envolvidos em essa enxurrada de corrupção que varre o país prova isso. Não estamos p
14	19N:Br:Folha	ainda que às vezes contorcendo- se em dores e chorando copiosamente por causa de a enxurrada de os clichês linguísticos. Que Deus o .
15	19N:Br:Folha	Alves o que Marco Aurélio concedeu a José Geraldo. E aí, virá uma enxurrada de mandados de segurança iguais, de cada um de os implica
16	19N:Br:Folha	de as obras públicas federais, desemprego de mais de 600 mil trabalhadores e uma enxurrada de ações em a Justiça. Essas serão as cons
17	19N:Br:Folha	um misto de desprezo e desinteresse por a disputa a cargos legislativos, em uma enxurrada de votos em branco e nulos. Esse sentimento
18	19Or:Pt:Intrv:Web	. E, sinceramente, não consigo, por mais que me esforce, na enxurrada de prosas que apareceram na altura (e ainda vão, serodidamente a
19	19:Fic:Pt:Namora:Minas	risonho, magnânimo como um rei. Volfrâmio! Um rio de loucura, unia enxurrada de risos e ódio, rompendo comportas milenárias. As aldeias
20	19:Fic:Pt:Regio:Avisos	anais da Ciência.. Baldada empresa, a maior parte das vezes! Dessa turva enxurrada de infelizes que todos os anos demanda a Lusa Atena

Exemplos atestados do uso de **enxurrada de N** no Corpus do Português

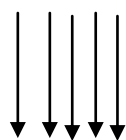
9	19Or:Br:LF:SP	obrigada * * * falando - * falando de compras - café? - está uma onda de café por aí né? que diz que éh - aumentar o preço externo
10	19:Fic:Br:Aguiar:Corpo	atravessava as brechas como talvez não façam os demônios nos infernos. Seu sumiço na onda de fumaça e nas chamas, embora durasse por
11	19:Fic:Br:Amaral:Amigos	acreditava em astrologia, jamais deixara Bia fazer seu mapa e achava uma tolice a onda de esoterismo que tomava conta de seus amigos. - I
12	19:Fic:Br:Amaral:Amigos	Você se sente diminuído por causa disso? - perguntou Ucha tomada por uma grande onda de piedade. - Me sinto perdendo tempo. - E a mer
13	19:Fic:Br:Amaral:Amigos	meio da noite com essa aguda sensação de desamparo. O mais perturbador foi a onda de nostalgia que a percorreu ao se lembrar que exatan
14	19:Fic:Br:Beltrao:Greve	, a pedido, neles não mais se falando até que surgissem na crista da onda de outro escândalo) Herzog, com sua vasta experiência, escolhera
15	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	acordado e sorria. Teria visto o seu gesto? Uma súbita vergonha trouxe uma onda de calor às suas faces. Remexeu-se no banco, voltou a oll
16	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	passos de um transeunte retardado. Com a serenidade, subia ao seu coração uma onda de remorso. Arrependia-se do que tinha feito, voltav
17	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	meio do caminho. E, de súbito, Clara não pôde mais sufocar a onda de desprezo que a invadia. Toda ela parecia fremer de nojo, de inquietaçã
18	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	desfazer-se em poeira de repente. Sílvio ia respondendo o que podia, esmagado pela onda de gestos, palavras e amabilidades. Depois de rod
19	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	acabara de ouvir. Como sempre em situações idênticas, Clara sentiu-se invadida por uma onda de impaciência, mas dominou-se e, depois de
20	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	a sua impressão de que só naquele instante começara a viver, de que uma onda de luz alagara a sua alma diante da janela aberta. Tudo o m
21	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	vivera até agora. E, à medida que os minutos passavam, sentia uma onda de sofrimento afluir vagarosamente ao seu coração. Mas continuav
22	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	inclusive as faces pálidas, o brilho dos olhos e a agitação. Mas uma onda de misteriosa fraternidade derramou-se na sua alma. Não sabia por
23	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	dos postes de madeira, os olhos sempre fixados na sua pessoa. Invadiu-a uma onda de furor, e voltando a cabeça olhou-o face a face. Mas
24	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	no meio da estrada. Pós-se a caminhar sem destino, impotente para reprimir a onda de pensamentos contraditórios que lhe invadia o espírito.
25	19:Fic:Br:Cardoso:Dias	nunca pudera imaginar que existisse criatura tão bela. Todo o seu ser expandia-se numa onda de ardente admiração. A menina devia ter sen

Exemplos atestados do uso de **onda de N** no Corpus do Português

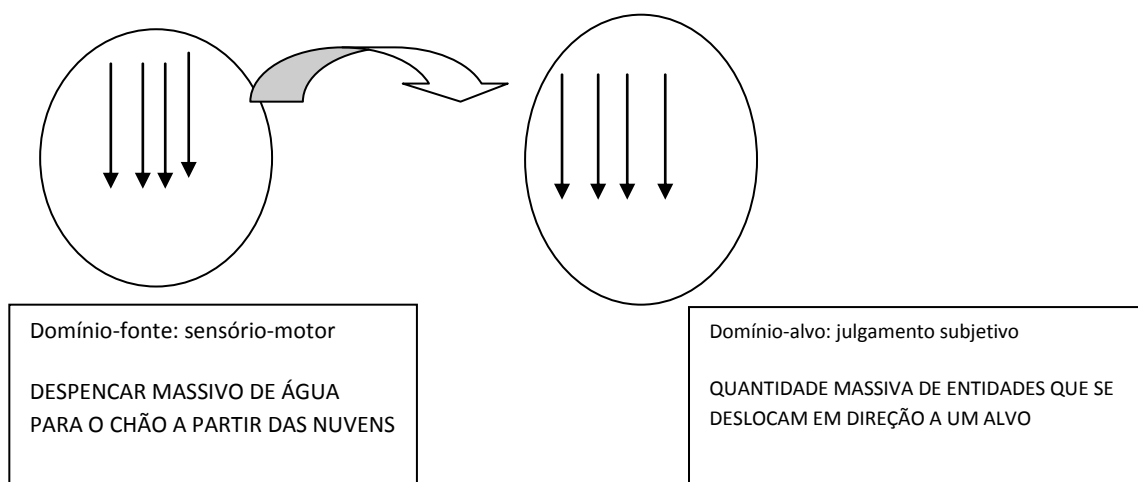
17. desde final de Maio a o início de Julho , foi **encharcado de** iniciativas culturais
17. mesmo_ assim , o sistema judicial ficaria **encharcado de** queixas não investigáveis , por falta de meios
17. Enquanto o olhar voluptuoso e bravio , **encharcado de** argúcia , de a mulher cigana , particularmente de agretadas ,
- mas que suspira alegria fraudulenta **encharcado de** corrupção , onde os ricos são mais ricos e os pobres
- 18 .Não tive animo de sair ontem à noite, recolhi-me triste e com o coração **encharcado de** desconsolo e saudade, e eis que agora me alegram e fazem bem aos
19. da casa em que está empregado, e sai de cabeça baixa e o coração **encharcado de** desalento; vai pedir dinheiro emprestado a um amigo, ou empenhar alguma joiazinha
19. O beijo de Pedro não era desses de amigo bêbado, **encharcado de** álcool e solidariedade masculina, carência etílica ou desespero cúmplce.

Exemplos atestados do uso de **encharcado de N**, do Corpus do Português

Obviamente o perfil sensório-motor do MOVIMENTO MASSIVO DE FLUIDOS dependerá do frame evocado (**chuva** versus **onda** versus **enxurrada**). O frame de **chuva** inclui MOVIMENTO MASSIVO PARA BAIXO (das nuvens para o chão) na forma de um **despencar de gotas**, abaixo esquematizado:



A correlação metafórica pode ser assim estabelecida:



Daí que **chuva de pedras** possa motivar metaforicamente a **chuva de perguntas** dirigidas pela platéia ao conferencista. Interessante observar que o século 19 parece ser,

na evolução diacrônica do padrão de Quantificação em Português, o momento mais expressivo para o uso de variantes de Quantificadores, e ambas as expressões **Monte de N** e **Chuva de N** registram um pico na frequência de seu uso³³ (de 0.288 para 0.68, para a primeira; e de 0.288 para 0.826, para a segunda).

Apesar da relativa flexibilidade na combinação da expressão de Quantificação Nominal com o N, é possível identificar graus maiores de atração e de rejeição a Nomes pela CQN **Chuva de**. A tabela abaixo demonstra as associações preferenciais da CQN com N2. O levantamento foi feito em 294 exemplos atestados no corpus da Folha de São Paulo (VISL/Português), e a classificação de N foi rotulada nas seguintes categorias: Humano (Hum); Objeto contável (OC); Objeto Massivo/Substância (S); Evento (EV).

Considerando-se a possibilidade de contraste a partir das projeções metafóricas entre **Monte de N** e **Chuva de N**, nas categorias Evento e Objeto Contável, procurou-se distinguir para este caso entre Eventos e Objetos ligados à Informação (INF) e Objetos considerados Projéteis (em oposição a Objetos Imóveis).

Observem-se alguns exemplos:

Frase	Categoria ³⁴
Foi uma verdadeira CHUVA DE ofertas que lhe chegou a as mãos .	Evento
PCP apela a “ CHUVA DE telefonemas de protesto” e Carvalhas vai a a RTP Visita	Informação
, fazemos o quê? , questionavam , entre uma CHUVA DE críticas contundentes , os que se sentiam lesados por	Informação
Em a sequência de esta CHUVA DE processos , 16 jornalistas portugueses de Macau enviaram	Informação
Ferreira_do_Amaral , garantida que está uma CHUVA DE inaugurações em_benefício_de o PSD , dirige os seus	Evento
e que conheceu , em este Outono , uma verdadeira CHUVA DE novidades (além_de o Almera , o segmento C foi enriquecido	Informação
Artur_Jorge - Depois de a CHUVA DE críticas que recebeu por ter sido ultra- defensivo vs . Comanche - Ah-64D_Longbow - Apache Uma CHUVA DE helicópteros José_Antunes	Objeto
Uma CHUVA DE músicos , pertencentes a as dez bandas que vão participar se que o Japão , apesar_de dilacerado por uma CHUVA DE bombas incendiárias ,	Contável
	Humano
	Projétil

³³ O registro dos exemplos atestados no Corpus permite acompanhar o aumento e a queda na frequência de uso, mas não permite que se construam hipóteses certificadas a respeito das motivações para tal aumento e queda. Apesar de a Construção *chuva de N* apresentar, de fato, mais restrições para a combinação com N₂, a oscilação também pode ser creditada às fontes que alimentam o Corpus.

³⁴ A categorização para N₂ pode ser revista. De qualquer modo, nesse momento do estudo, foi suficiente distinguir entre N₂ que poderia ser “trajetado” e aquele que não poderia.

estava a preparar a sua população

, sem o querer (?) , fez recair sobre si a **CHUVA DE críticas** de todos quantos , há **Informação**
muito , o apontam com (CONT)

A CHUVA DE bombas que desabou sobre o Iraque lavou a capital jordana **Projétil**

Em uma altura em que a **CHUVA DE Óscares** , coroando " Danças_com_Lobos " , veio **Objeto**
recolocar **Contável**

Todavia , a intensidade de uma **CHUVA DE meteoros** pode variar de ano para ano . **Projétil**

Uma CHUVA DE resultados . **Informação**

está constantemente a ser bombardeada por uma **CHUVA DE partículas de alta** **Projétil**
energia , vindas de o espaço : os

, discutira com Kim_Clover e não suportou a **CHUVA DE " flashes "** e a confusão que a **Projétil**
esperavam em o salão

" de a Guerra_do_Golfo , que provocou uma **CHUVA DE cancelamentos de edições e** **Informação**
digressões .

concerto , a multidão lançou sobre Pavarotti uma CHUVA DE confettis . **Projétil**

, ficando subitamente inundado por uma **CHUVA DE pedidos de autógrafos** . **Informação**

e Mário_de_Carvalho_Teixeira ; " **CHUVA DE alegria** " , de Nuno_Gomes_dos_Santos e **Substância**
Alexandre_Ribeiro

ponto de partida tem sido sempre o mesmo : a " **CHUVA DE pedidos** " que diariamente **Informação**
chega a o primeiro-ministro

(mesmo com o vidro quebrado por_causa_de a **CHUVA DE calhaus**) e o primeiro é **Objeto**
prendado com um disco de ouro **Contável**

▪ Se é lícito prever toda uma **CHUVA DE cancelamentos** em algumas companhias , **Informação**
caso a guerra

provocou a indignação de muitos assistentes e uma **CHUVA DE telefonemas de** **Informação**
protesto , em os Estados_Unidos .

Em esta última , uma **CHUVA DE pedras e ` cocktails molotov "** impediu a passagem de **Projétil**

Em a noite de ontem , uma " **CHUVA DE projecteis** " abateu- se sobre Osijek , segundo **Projétil**
informações

senhor presidente de o Conselho sucumbe , sob uma **CHUVA DE bengaladas** . **Evento**

são estabelecidos , de o que resultou uma **CHUVA DE cancelamentos** , sobretudo **Informação**
da_parte_de os artistas norte-americanos

, começou a cair- lhe em_cima uma **CHUVA DE ovos e insultos** . **Evento**

Exemplos atestados das combinações *chuva de* com N₂, com a discriminação das categorias de N
(Corpus da Folha de São Paulo/ VISL-Português)

É especialmente interessante notar que a preferência na complementação da expressão **chuva de** é por Nomes que evoquem **Movimento e Trajetórias (Projéteis, Evento e Informação)**, considerando-se a motivação metafórica incorporada. É também relevante observar a menor preferência dessa Construção de Quantificação Nominal por Humanos e por Objetos Contáveis.

19:Fic:Br:Cunha:Serto	encostas riçadas de algares e, sem aparecerem, circularam-na para logo de descargas. Chuva de balas Mais tarde, relatando o feito, o chefe expedicionário se confessou impotente
19:Fic:Br:Cunha:Serto	relatando o feito, o chefe expedicionário se confessou impotente para descrever a imensa " chuva de balas que desciam dos morros e subiam das planícies num sibilo horrível de notas
19N:Br:Bahia	esforço sobre-humano. Humberto ampliou para 7x1, aos 37 minutos. O término da chuva de gols aconteceu aos 40 minutos em uma cobrança de falta de Ueslei. A
19N:Br:Cur	, a reação à experiência, que mais parece coisa de filme, foi uma chuva de críticas e temores . ** Cientistas, religiosos, e filósofos mostraram-se assombrados com
19N:Br:Recf	revistas especializadas em informática, particularmente as versões online, estão recebendo uma chuva de e-mails de pessoas que fizeram o download e estão testando o IE 4.0.

Exemplos de atração de **Chuva de** por Projéteis e Eventos relacionados à Informação no século XX
(Corpus do Português)

o deputado Arlindo_Cunha , mas mesmo assim a **chuva de emendas** que se seguiu a o relatório - cujo Número superou

A meio de a Av.Almirante_Reis , **uma chuva de cravos** vermelhos caiu em_cima_de os homens de a frente

Uma **chuva de apoios** está já prevista para esta semana .

Uma **chuva de críticas** abateu- se sobre as polícias de Macau em a

Esta **chuva de meteoros** poderá ser suficientemente grande para ameaçar

Em outro, **uma chuva de cigarros** cai em o terraço de uma escola de Los_Angeles

de 1996 , a aviação israelita respondeu ontem a a **chuva de rockets** que a milícia islâmica de o Hezbollah lançara

De o alto de a catedral, **uma chuva de papelinhos negros** caiu sobre os turistas .

A **chuva de protestos** começou em a segunda_feira e ainda não parou.

Exemplos de atração de **Chuva de** por Projéteis e eventos relacionados à Informação – séc XX (VISL/Português)

As preferências de atração dos Nomes Complemento pela expressão **chuva de** vão descritas a seguir:

Nome Complemento	Projétil	Evento	Informação	Objeto Contável	Substância	Humano
Freq.absoluta	87	43	69	38	13	44
Freq.relativa	29,59%	14,63%	23,47%	12,92%	4,42%	14,97%

QUADRO 17- Participação percentual de N2 por atração a **Chuva de**

Tendo tratado da emergência diacrônica dos subtipos de Construções de Quantificação Nominal com os Quantificadores **Monte de N** e **Chuva de N**, e tendo tratado também da motivação metafórica destes usos, cabe nesta seção proceder à análise construcional destas expressões, considerando seus dois polos constitutivos: o conceptual e o morfossintático.

6.3 A explicação da história de **chuva de N** e **monte de N**

Tendo em vista nosso tratamento dessas expressões como Construções, explicá-las envolve descrevermos o emparelhamento de suas estruturas conceptuais e morfossintáticas.

6.3.1 O polo conceptual

Nas duas seções anteriores, descrevemos a emergência dos usos de **chuva de** e **monte de** como marcadores da Quantificação instanciados no interior do Subtipo da Construção de Quantificação Nominal (Existencial) em Português.

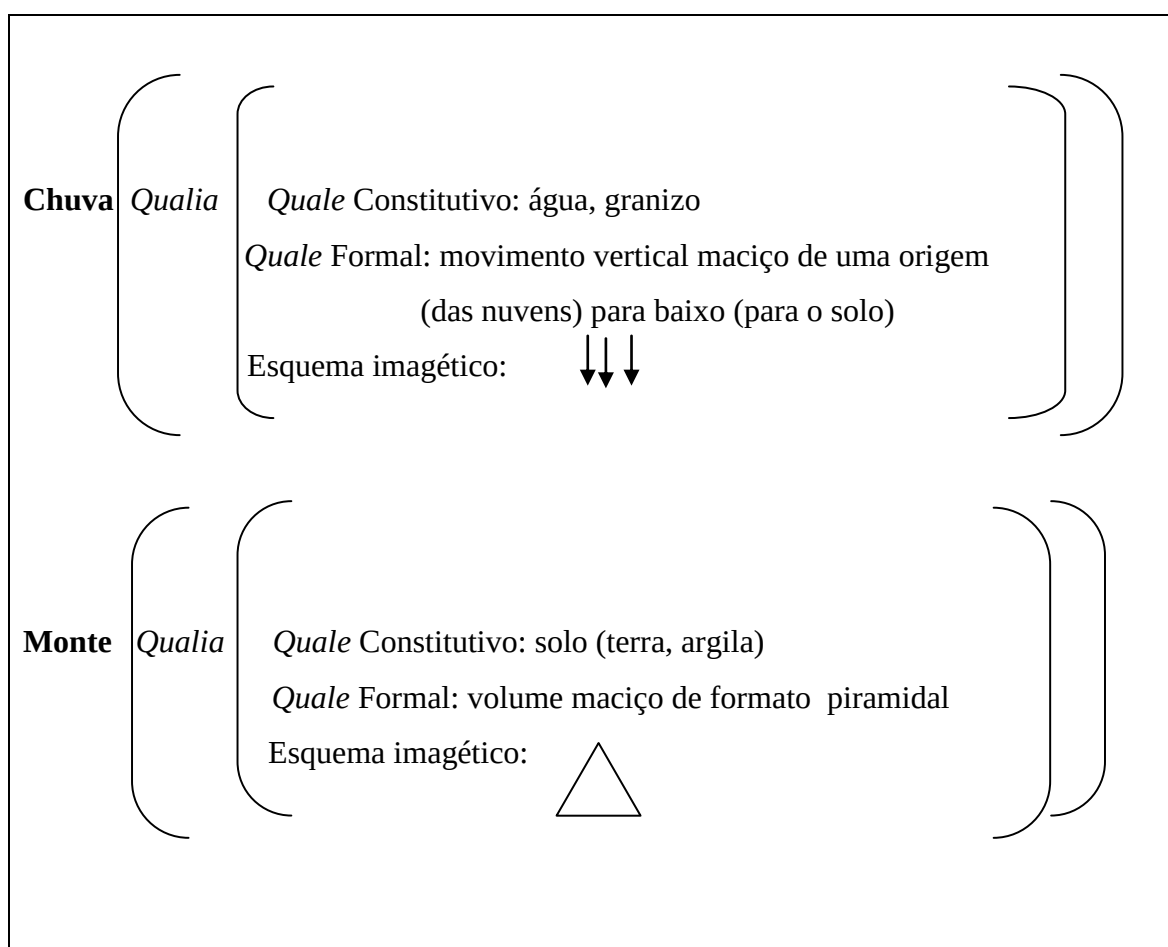
Observamos, então, que essa emergência ocorre a partir de uma motivação metafórica que determina mudança na estrutura de *Qualia* de ambas as expressões e que se expressa como **Coerção dos Complementos sobre os Núcleos Nominais *chuva* e *monte***.

Para compreender esse processo, consideremos, em primeiro lugar, os usos não metafóricos:

- (29)

(a) <i>chuva</i> de granizo (b) <i>monte</i> de areia
--

As estruturas de *Qualia* dos Nomes negritados apresentam a seguinte configuração:



Observamos que as estruturas de *Qualia* acima descritas são absolutamente consistentes com a descrição semântica destas Unidades Lexicais pela semântica dos frames: vide no Apêndice I as descrições dos frames **Atributos Naturais** (evocado pela UL **monte**) e dos frames de **Precipitação** e de **Movimento Massivo** (evocado pela UL **chuva**), tais como disponibilizados na FrameNet (www.framenet.icsi.berkeley.edu) .

Nos casos dos exemplos (29) (a) e (b), a combinação das ULs **chuva** e **monte** com seus complementos **granizo** e **areia** ilustra uma composição harmônica já prevista pela própria estrutura semântica dos Nomes Núcleo: o Tipo (Natural) e o Domínio (Entidade) do Núcleo são mantidos.

Consideremos, agora, usos metafóricos atestados em (30) (a-d), em que as expressões já aparecem como marcadores de Quantidade:

(30)

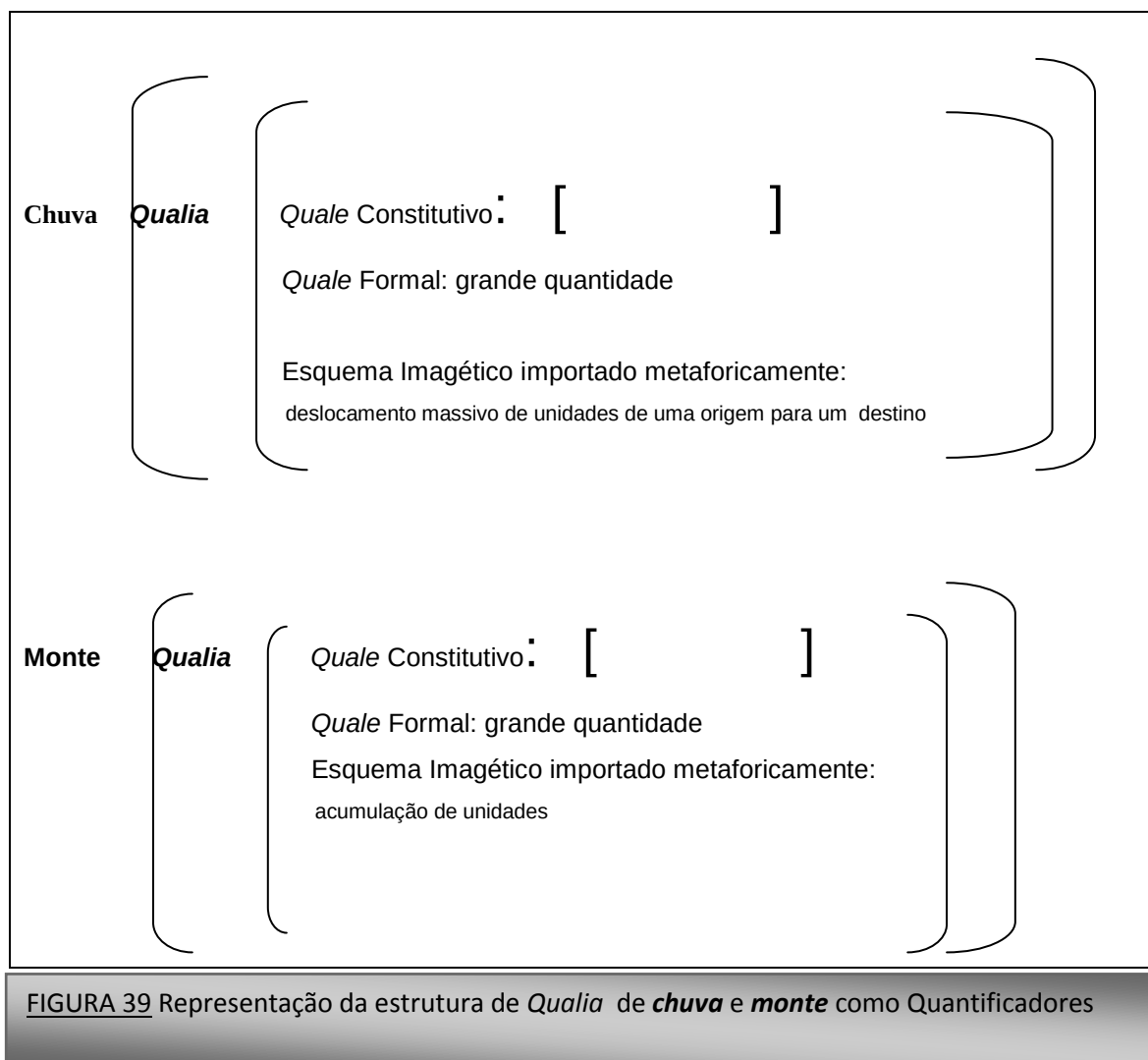
- (a) *Perante **a chuva de reclamações** recebidas ontem, as associações defesa do consumidor resolveram disponibilizar um formulário para preenchimento on line.*
- (b) ***Uma chuva de vinho com gás** agitou a festa das celebridades.*
- (c) *Não deixe trocar um princípio por **um monte de dinheiro**.*
- (d) *Por fim, o professor parte e deixa para **trás um monte de desilusões**.*

Como ilustrado, os Quantificadores afetam Unidades Contáveis (a) (d) ou Massivas em (b) e (c). Os exemplos (a) e (d) quantificam Eventos; os exemplos (b) e (c) quantificam Entidades. Ambos os Quantificadores, embora com frequências diferentes, podem operar sobre Evento ou sobre Entidades:

(31)

- (a) *a BBC recebe **uma chuva de cartas** (Entidade)*
- (b) *manda **um monte de piada** (Evento)*
- (c) ***um monte de artistas** vai querer ver os concertos (Entidade)*
- (d) *foi uma verdadeira **chuva de telefonemas de protestos** (Eventos)*

As novas estruturas de *Qualia* para os usos de **chuva** e **monte** como Quantificadores vão apresentados a seguir:



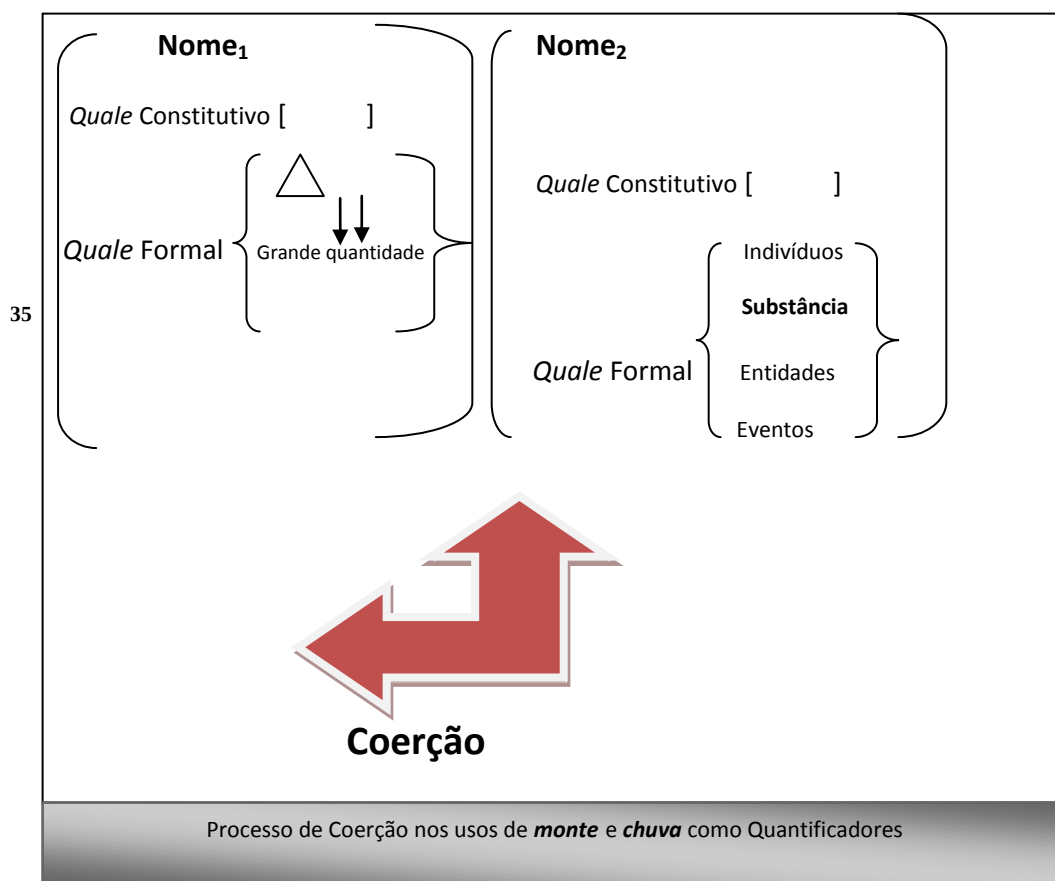
O frame que passa a ser evocado por essas novas Unidades Lexicais (uma vez que o lexema é revestido de um outro sentido) é o frame de Quantidade, tal como descrito na FrameNet e transcrito em nosso Apêndice I. Como se poderá observar, a descrição do frame é inteiramente consistente com as novas estruturas de *Qualia* propostas.

As mudanças definicionais acima deixam em aberto a especificação do *Quale* Constitutivo, o qual, a rigor, deixa de ser relevante: pode ser atualizado por Entidades ou por Eventos, de perfil Massivo ou Contável, referencialmente Definidos ou Indefinidos. A **Coerção**, no caso, se dá pela Assumpção, na estrutura de *Qualia*, do Sintagma do

Qualia Constitutivo do Nome Complemento – que, dessa forma, coage o Núcleo Sintático da expressão.

Já o *Quale* Formal mantém a estrutura imagética do domínio- fonte da metáfora, nos termos do que defende a Teoria da Metáfora Conceptual, especialmente em suas versões mais recentes (por exemplo, LAKOFF, 2008).

Podemos diagramar, nos termos propostos abaixo, o processo de Coerção que se verifica nos usos dos lexemas **monte** e **chuva** como Quantificadores:



³⁵ As expressões entre chaves, nos termos da notação convencionalizada, indicam alternância entre possibilidades. Nos mesmos termos, os colchetes vazios indicam inespecificação.

O processo de Coerção delineado, autorizado pelo Princípio da Ultrapassagem, produz a reanálise semântica das expressões **monte de N_2** ou **chuva de N_2** nos termos descritos abaixo:

N_1	de	N_2
Quantificador		Elemento Quantificável

O realinhamento semântico operado verifica-se imediatamente quando consideramos, como assinalam Ruppenhoffer et al.(2006) no texto que fundamenta o Projeto FrameNet, que **o Nome marcado tematicamente na estrutura conceptual suscitada para uma dada sentença passa a ser, nessas condições, o N_2** . Vejamos os exemplos abaixo:

(32)

- | |
|---|
| <p>(a) <i>Bebi um monte de vinho na festa ontem.</i></p> <p>(b) <i>Respondi a uma chuva de perguntas no debate.</i></p> |
|---|

Não cabem dúvidas que, nas interpretações de (32) (a) e (b), sejam os Nomes **vinho** e **perguntas** que designam os Elementos dos frames evocados pela enunciação de cada uma destas sentenças. Constituem, portanto, o **Núcleo Semântico** destas expressões, razão pela qual os investigadores do Projeto FrameNet classificam os usos focalizados de **monte** e de **chuva** como **Nomes Transparentes** (isto é, como expressões irrelevantes do ponto de vista da marcação temática do Sintagma que encabeçam).

A irrelevância de N_1 (**chuva** ou **monte**) para a marcação temática não deve, entretanto, nos iludir quanto à sua própria irrelevância semântica. As sentenças (33) (a-c), a seguir, diferenciam-se conceptualmente, ainda que venham a satisfazer as mesmas condições de verdade.

(33)

- (a) O Prefeito tremeu diante das **muitas vaías** que recebeu.
 (b) O Prefeito tremeu com o **monte de vaías** que tomou.
 (c) O Prefeito tremeu frente à **chuva de vaías** que recebeu.

Segundo a convicção que assumimos nesta tese sobre o processo de construção do sentido, a identidade das condições veridiccionais não esgota o potencial semântico das expressões. O elemento que diferencia a Quantificação Nominal em (33) (a-c) concerne ao esquema imagético suscitado pelos três Quantificadores: enquanto o Quantificador **muito** evoca diretamente o frame de (Grande) Quantidade, os Quantificadores **chuva** e **monte** o fazem metaforicamente através de seus domínio-fonte, do qual importam o esquema imagético.

É nossa compreensão que o processo de **Coerção** que N_2 exerce sobre N_1 (nos casos de **chuva** e **monte**) faz com que a expressão gerada se apresente como **uma mescla dos dois domínios (fonte e alvo)** : nesse caso, a mescla é formada pela combinação de elementos dos dois domínios (N_1 e N_2) que herdaram, do Domínio-Fonte, ou Domínio Genérico, o seu Atributo [Quantificação], apresentando-se como Quantificador (Domínio_i) e Quantificável (Domínio₂). O Traço do Esquema Imagético do Domínio₁ (**chuva/monte**) é incorporado na nova estrutura criada, a mescla, em que se pode tanto confirmar o Atributo [Quantificação], quanto recuperar o Traço Formal da estrutura de *Qualia* de **chuva/monte** .

Poder-se-ia argumentar sobre a opacidade dessa relação, nos termos de tantos tratamentos mais bem-comportados do fenômeno da metáfora. Os dados que elencamos sobre as preferências de **chuva** e **monte** são, entretanto, eloqüentes em si mesmos. Enquanto **monte** quantifica preferencialmente unidades que se “amontoam” (Objetos, Humanos), em detrimento de Eventos, especialmente Eventos Informacionais (vide Quadro 13), **chuva** quantifica preferencialmente Projéteis e Eventos Informacionais (vide Quadro 17).

Os exemplos a seguir oferecem uma ajuda à memória:

(34)

- (a) *Para mim, não era arte, era um **monte de concreto**.*
- (b) ***Um monte de carros** ficam estacionados...*
- (c) *e o ano que vem um **monte de baianinhos** vão estar em Interlagos correndo*
- (d) ***Um monte de boy** que não podia ter Nike tem Nike*
- (e) *questionavam, entre uma **chuva de críticas** contundentes,*
- (f) *e que conheceu, este outono, uma verdadeira **chuva de novidades***
- (g) *Japão, apesar de dilacerado por **uma chuva de bombas** incendiárias*
- (h) *o senhor Presidente do Conselho sucumba, sob uma **chuva de bengalada**.*

A preferência do Quantificador **chuva** por selecionar Eventos Informativos homenageia a metáfora do Conducto, uma das mais bem estudadas na literatura sobre metáforas conceptuais. De outro lado, a Quantificação de Projéteis (**bombas, meteoros, bengaladas...**) transfere diretamente o esquema imagético do deslocamento vertical massivo de Objetos (de cima para baixo) na conceptualização dos cenários evocados.

A transparência da metáfora da “chuva” emerge também na frequência com que ocorrem, nos enunciados que empregam o Quantificador **chuva**, os elementos conceptuais **Origem e/ou Destino**, sublinhando o **EF Trajetória** que o frame de Precipitação necessariamente incorpora. Observe-se a marcação desses elementos³⁶ nos exemplos a seguir:

A **chuva de bombas** que desabou **sobre o Iraque** lavou a capital jordana
Torno , Lousada) - Tendo como base uma lenda **chuva de estrelas** que marcou **o local de o**
aparecimento de uma constelação
ao_mesmo_tempo que ejectava **de o seu seio** uma **chuva de cinzas** misturada com fragmentos de
pedras em_brasa
a Beira_Interior são engalanadas de colchas e uma **chuva de pétalas** cai **sobre o primeiro-**
ministro
Em a noite de ontem, uma "**chuva de projecteis** " abateu-se **sobre Osijek** , segundo informações
Os portugueses podem ver uma "**chuva de estrelas** " provocada por a entrada **em a nossa**
atmosfera
Mas algumas escaramuças entre claque e a **chuva de garrafas** com que **o jovem mexicano**
Gaytan foi alvejado
de a madrugada (hora_local) , provocando uma **chuva de fragmentos** incandescentes que se
estendeu **desde o Norte**
Houve uma **chuva de críticas** , até **de o secretário-geral de a Fifa , Joseph Blatter**
Uma **chuva de pétalas** e corações de papel cairá **em o shopping West_Plaza**

³⁶ Os exemplos atestados indicam também a relevância de se observar os verbos utilizados com a Construção nesse contexto.

Os elementos conceptuais **Origem e/ou Destino**, sublinhando o **EF Trajetória** que o frame de Precipitação necessariamente incorpora, também estão presentes quando as ULs que evocam o frame são *enxurrada* e *onda*.

- ✕ E aí virá uma **enxurrada de mandados de segurança** iguais , **de cada um de os implicados**
 - ✕ **Empresas** que não dão conta de a **enxurrada de currículos** que recebem estão preferindo examinar- los
 - ✕ Uma **enxurrada de mensagens** atacaram a atitude " ditatorial " **de o supermoderador**
 - ✕ O temporal provocou **em o Painei de o Leitor** uma **enxurrada de protestos** .
 - ✕ O fim de agosto chega com uma inesperada **enxurrada de lançamentos** especiais de quadrinhos **em as bancas** .
 - ✕ Outro problema , para os tucanos , seria a **enxurrada de adesões** que ocorreria em o segundo turno vindas , **principalmente das cidades do interior**
 - ✕ Uma **enxurrada de comerciais** de TV invade **a sala de a sua casa** com apelos
- , não havia essa exigência em 87, antes de a **onda de a qualidade total** chegar **a o Brasil** " , afirmou .
- ✕ "Moro **em o bairro** há vinte anos e nunca vi uma **onda de assaltos** tão assustadora " , diz Citelli .
 - ✕ A **onda de** assaltos a carros-fortes chegou **a Pernambuco** .
 - ✕ **São_Paulo** assiste uma **onda de** estréias teatrais em esta sexta

Como se vê, não obstante terem perdido a primazia da marcação temática na evocação das cenas suscitadas pelas sentenças de que participam, não é verdade que os Quantificadores *chuva* e *monte* sejam conceptualmente vazios. Pelo contrário, suas preferências combinatórias evidenciam sua contribuição cognitiva e ilustram, uma vez mais, a necessidade do **reconhecimento da metáfora como processo estruturante na gramática**.

6.3.2 O polo sintático

Sintaticamente, *monte* e *chuva*, na condição de Quantificadores, são reanalisados como Determinantes polilexêmicos, na medida em que esses lexemas, nas expressões em estudo, se fazem preceder (no mínimo) por um Artigo e são necessariamente acompanhados pela Preposição **de**, que introduz o Nome Complemento.

- (34) (a) *um/o monte de dinheiro*
 (b) *uma/a chuva de perguntas*

A descrição morfosintática dos usos Quantificadores dos lexemas *chuva/monte* nas novas Unidades Lexicais que passam a compor corresponde à seguinte fórmula geral:

$$\left[\begin{array}{c} \left\{ \begin{array}{c} \text{Art} \\ \text{Dem} \end{array} \right\} \quad \text{Adj}^* \quad \left\{ \begin{array}{c} \text{monte} \\ \text{chuva} \end{array} \right\} \end{array} \right] \text{ de } N$$

A fórmula acima resume instanciações como as seguintes:

- (35) (a) *um monte de N*
 (b) *um grande monte de N*
 (c) *o monte de N*
 (d) *este monte de N*
 (e) *uma chuva de N*
 (f) *uma boa chuva de N*
 (g) *a chuva de N*
 (h) *esta chuva de N*

A diversidade dessas instanciações, o que mostra a razoável flexibilidade deste idioma sintático, exige entretanto assinalarmos que as variantes (a) e (e) são, de longe, as mais freqüentes entre as instanciações atestadas.

Além disso, diferenças no uso das Construções com *monte* ou com *chuva* exibem graus distintos de coesão (e, pois, de lexicalização) destes itens.

- (i) As expressões com **monte** admitem maior variedade sintática na instanciação do Sintagma Nominal introduzido pela Preposição:

(36)

- (a) *Tem um monte **dessas** pela cidade.*
 (b) *a Roadrunner tem investido em um monte **de outras coisas***
 (c) *? Uma chuva **dessas** já chegou.*
 (d) *? Vou mandar uma chuva **dessas cartas** para a TV Globo.*
 (e) *? Juiz de Fora é como **uma chuva de outras cidades do interior***

- (ii) A Construção de Quantificação Nominal com o Quantificador **monte** pode instanciar o Sintagma Determinante sem que obrigatoriamente se expresse o SN Complemento.

(37)

- (a) *Quantos alunos já fizeram a matrícula?*
 - **Muitos.**
 - **Um monte.**
 - ? *Uma chuva*

Nosso corpus de suporte (VISL/Português) registra ocorrências como as seguintes:

(38)

- (a) *Existe **um monte** circulando nos EUA entre os “queer zinesters”*
 (b) *Não sei se todos os jornalistas já chegaram mas tem **um monte** na sala de espera*

Não encontramos uso análogo para a Quantificação com **chuva**, o que nos sugere que a gramaticalização da expressão **um monte de** seja processo mais avançado do que o que caracterizaria os usos de **uma chuva de**.

(iii) Um terceiro elemento sintaticamente diferenciador de **um monte de** frente a **uma chuva de** é revelado pelo processo de Concordância Verbal. Quando o Sintagma Determinante (SD), em posição de sujeito, emprega o Quantificador com **monte**, a flexão do Verbo alterna usos do Singular e do Plural. No caso do SD com o Quantificador **chuva** na mesma função sintática, a flexão é inalteravelmente singular.

Observem-se os exemplos selecionados a seguir:

Um **monte de artistas** **vai** querer ver os concertos " , diz Ohtake .
 de um cadáver de um lugar a outro , enquanto um **monte de** personagens **acredita** ter sido o responsável por o tiro
 Um **monte de coisas** **acontecem** aqui , mas são muito bem camufladas .
 Em o ano_que_vem um **monte de** " baianinhos " **vão** estar em Interlagos correndo os
 " Vem gente de todo canto , um **monte de** carros **ficam** estacionados em fila dupla " ,
 Uma **chuva de mísseis Grad** **cai** em o centro de Sukhumi quando são
 Terminados os discursos , uma **chuva de** " confettis " **inundou** a sala , a o som de a canção
 Uma **chuva de notas** **caiu** ontem em diversos quintais de a Rua_dos_Castelos
 A **chuva de testemunhas** **mostra** a utilização que etão querendo dar

Exemplos da concordância verbal no uso de **chuva de** e **monte de** (VISL/Português)

A diferença observada nestes casos sugere, mais uma vez, que a reanálise do Quantificador com **monte** (que se comporta, para os efeitos relevantes, como o Quantificador polilexêmico **uma parte de**) encontra-se mais avançada que a reanálise do Quantificador com **chuva**.

Registrada a distinção sintática na situação dos dois Determinantes, podemos postular a seguinte macro-representação para os Sintagmas Determinantes que instanciamos:

sin cat det			sem frame [4↓ 6 ↓]		
gen #5			perfil []		
max []			enum #3		
lex -					
Constituinte ₁			Constituinte ₂ (Opcional)		
monte					
sin:	Núcleo:	SN	sin:	Complemento:	SP
	gen: Masculino	[#5]		gen:	[]
	num: Singular			num:	[]
				nível	- Max
				lex	[]
sem: frame	[4↑]		sem: frame	[6↑]	
	perfil	[]		perfil	# 7
	enum	#3			

QUADRO 18: Representação do Sintagma Determinante com N₁ **monte**

sin	cat	det		sem	frame	[4↓ 6↓]
	gen	#5			perfil	[]
	max	[]			enum	#3
	lex	-				
Constituinte ₁			chuva	Constituinte ₂		
sin:	Núcleo:	SN		sin:	Complemento:	SP
	gen:	Feminino [#5]			gen:	[]
	num:	Singular			num:	[]
					nível	- Max
					lex	[]
sem:	frame	[4↑]		sem:	frame	[6↑]
	perfil	[]			perfil	# 7
	enum	#3				
QUADRO 19 Representação do Sintagma Determinante com N ₁ chuva						

Entre as diferenças que registramos anteriormente, expressamos nessas representações a **obrigatoriedade do Constituinte** ₂ na Construção de Quantificação com **chuva**, fato que assinala no grau de gramaticalização das duas Construções, ambas, entretanto, analisáveis como Sintagmas Determinantes no uso contemporâneo do Português.

6.4 O quadro da evolução diacrônica das Construções

Considerando os dados do Corpus do Português, comparamos abaixo a ocorrência do grupo de Determinantes por nós estudada e que expressam Grande Quantidade em Português.

	Muito	Muitos	Muita	Muitas	Chuva de	Monte de
Séc. 14	0.00222	0.01155	0.002187	0.009278	0	0
Séc. 15	0.0042086	0.046	0.011157	0.041864	0	0.00063
Séc. 16	0.0319628	0.074115	0.054266	0.075674	0	0.000214
Séc. 17	0.0134273	0.080152	0.020178	0.052303	0	0.000815
Séc. 18	0.0040541	0.069313	0.017551	0.057	0.00008909	0.000573
Séc. 19	0.0130435	0.02624	0.022196	0.028227	0.000510309	0.000351
Séc. 20	0.00709	0.032368	0.018335	0.030956	0.00026867	0.000846

Os números acima registram a frequência dos Quantificadores frente a todas as demais *tokens* que compõem o Corpus do Português. O gráfico abaixo ajuda na visualização da comparação na participação dos Quantificadores ao longo dos séculos:

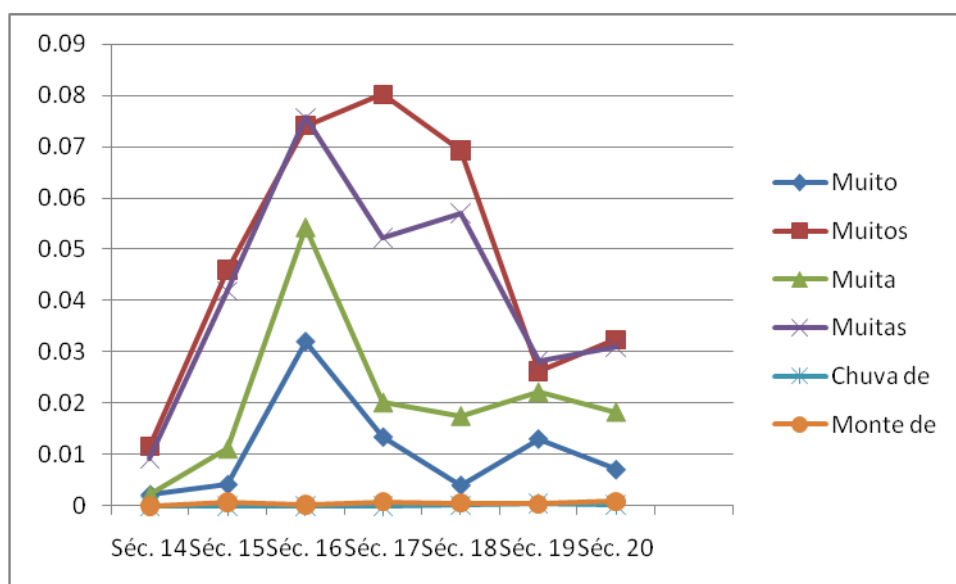


FIGURA 40 Quadro comparativo das ocorrências dos Quantificadores e CQNs ao longo dos séculos

O quadro da evolução diacrônica do uso dos Quantificadores e das CQNs *monte de N* e *chuva de N* ao longo dos séculos indica, com clareza, alguns fatores importantes que podem ser verificados na produção e na expressão da Quantificação em Português:

(i) Considerando-se a linguagem como um **sistema probabilístico**, no qual a incidência da ocorrência de certas combinações indica o que uma comunidade de falantes de uma língua **efetivamente usa**, podemos apontar que, independentemente do fato de as Construções *Monte de N* e *Chuva de N* serem geradas como Construções anômalas, produtos de um desencontro sintático e semântico na combinação entre N_1 e N_2 , os falantes do Português, desde o século 15, **licenciam essas Construções para a expressão de Quantidade em Português**.

(ii) A emergência dessas novas formas de Quantificação Nominal, em que a produção deriva da utilização de Nomes cujas estruturas de *Qualia* contêm um esquema imagético relacionado a metáforas primárias associadas a experiências sensorio-motores e que são imediatamente acessáveis pelo inconsciente coletivo da comunidade de falantes, pode ser resultante de uma demanda pela emergência de expressões alternativas para a Quantificação: como se vê pelo gráfico (FIGURA 40), há uma queda no uso de **Muito** (e de **Muita**, por tabela), que é recrutado também para o uso adverbial.

(iii) Considerando-se a definição do **processo de gramaticalização**, tal como o descrevemos na seção 2.4, as ocorrências simultâneas das formas **Muito-Muita-Muitos-Muitas** e das expressões nominais para a Quantificação, as CQNs *Monte de N* e *Chuva de N* e todas as suas expressões alternativas (*enxurrada de N*, *onda de N*, *montão de N*, *montinho de N*, *porrada de N*, *caminhão de N*) indicam que está em processo **a gramaticalização de outras Construções** para a expressão de Grande Quantidade de Nomes em Português: as formas mais antigas (**Muito-Muita-Muitos-Muitas**) coexistem com as formas mais novas (as CQNs), da mesma maneira que, no Inglês, a forma **a lot of** coexiste com as formas **many** e **much** na marcação da Quantidade de Nomes Contáveis e Massivos.

Retomando, com Hopper e Traugott (2004, p.3-8), agora que já se concluiu a análise da composição e do funcionamento sintático e semântico das CQNs investigadas, podemos identificar, na emergência dessas novas estruturas, algumas das características principais do processo de gramaticalização em uma língua:

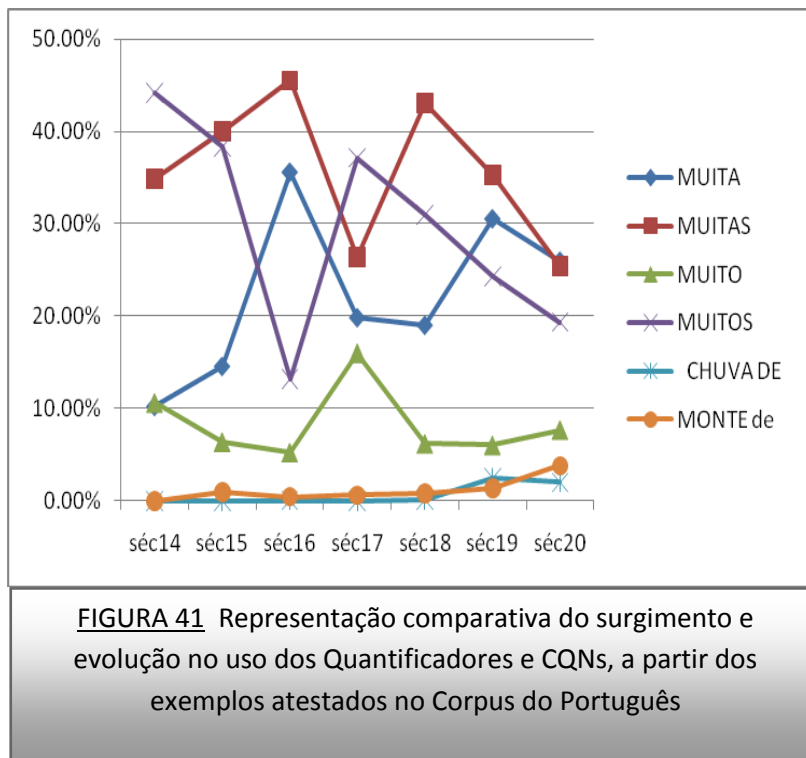
- (a) a gramaticalização envolve a troca do significado lexical pelo **significado gramatical**;
- (b) a gramaticalização cria **novos instrumentos para a linguagem**, ao invés de simplesmente modificar aqueles já existentes;
- (c) o processo de gramaticalização **não funciona na perspectiva meilletiana de igualar mudança com a deterioração**: nem as formas que estão sendo substituídas precisam ser ostracizadas do sistema, nem a demanda pela renovação significa que o sistema linguístico está em crise;
- (d) durante o processo de gramaticalização, **as formas mais velhas e as formas mais novas coexistirão em um processo de sedimentação em camadas**.

É também interessante observar a participação de cada um desses Quantificadores quando eles são comparados em um universo total de 100% de frequência de seus usos. O cálculo das percentagens no QUADRO 20, a seguir, foi efetuado sobre a frequência de uso das ULs **Muito, Muita, Muitos e Muitas** e das expressões **Monte de N** e **Chuva de N como Quantificadores**, em uma participação totalizada em 100%. O cálculo foi realizado através da totalização das frequências gerada pelo Programa R sobre os exemplos atestados do Corpus do Português.

	MUITA	MUITAS	MUITO	MUITOS	CHUVA de	MONTE de
séc14	10,23%	34,87%	10,63%	44,17%	0,00%	0,00%
séc15	14,56%	39,98%	6,38%	38,37%	0,00%	0,97%
séc16	35,61%	45,50%	5,24%	13,17%	0,03%	0,43%
séc17	19,85%	26,36%	16,02%	37,15%	0,00%	0,60%
séc18	19,02%	43,07%	6,19%	31,00%	0,12%	0,83%
séc19	30,56%	35,31%	6,03%	24,27%	2,49%	1,33%
séc20	25,97%	25,39%	7,68%	19,36%	2,00%	3,81%

Quadro 20

que pode ser assim diagramado:



Os dados acima registram a emergência e a mudança no curso das CQNs para a consolidação das CQNs nos últimos séculos, especialmente quando o Sintagma Determinante é composto com **monte de**, cuja frequência demonstra a sua regularidade e aponta para um crescimento em seu uso no século XX.

A análise das CQNs **monte de N** e **chuva de N** detalhada na seção anterior aponta para uma outra motivação suficientemente relevante e sólida para justificar a emergência dessas Construções e a consolidação de seu uso no sistema, e que é aquela a que se refere Michaelis para tratar do aparecimento de novas formas de Quantificação em Inglês: em primeiro lugar, essas Construções surgiram porque **já existiam implicaturas para a Quantificação**; em segundo lugar, a demanda por essas novas expressões e o crescimento na frequência de seu uso estão imediatamente relacionados ao fato de que **elas são mais econômicas e mais fáceis para a expressão da Quantificação (monte de N e chuva de N são neutros para a combinação dos Traços de seus Núcleos e de seus Complementos, não oferecendo restrições à combinação com N₂)**.

Como a demanda por formas mais econômicas e mais fáceis/ mais claras é uma demanda frequente dos usuários de um sistema linguístico, constituindo-se em uma rotina pragmática, é bastante provável que essas formas venham a ser, a médio prazo, inteiramente gramaticalizadas/lexicalizadas em Português, conforme os dados já apontam.

7. CONCLUSÕES

Esta tese analisa dois subtipos de Construção de Quantificação Nominal em Português, ambas emergentes do uso e ambas motivadas metaforicamente, a saber **monte de N** e **chuva de N**.

A motivação metafórica que desencadeou seu uso, e, depois, sua relativa consolidação no sistema, é constatável, na análise de sua ocorrência em corpora, pelos vieses que se manifestam em sua instanciación: **chuva de** prefere quantificar Projéteis ou Informações; **monte de** prefere quantificar Entidades (Humanas ou Inanimadas) delimitadas, e que se amontoam.

Ponto para George Lakoff e para todos que o acompanham em postular uma base metafórica para a conceptualização abstrata e, particularmente, para a conceptualização gramatical.

O estudo da evolução diacrônica destas expressões de Quantificação revela que elas emergem do uso e que no uso é que se processa a dupla Coerção que constatamos em seus constituintes.

A complementação metafórica dos Nomes **monte** e **chuva** altera sua estrutura de *Qualia*, persistindo apenas o *Quale* Formal, que herda o esquema imagético de seu domínio-fonte. De outro lado, uma vez afloradas as novas Unidades Lexicais (os lexemas **monte** e **chuva**, evocando a partir de esquemas diferentes o domínio-alvo da Quantidade), passam elas a desempenhar uma outra função lingüística, preenchendo na Construção Nominal o *slot* do Determinante e coagindo, nessas condições, o N₂ da Construção, agora designativo da Situação (Entidade ou Evento) Quantificável.

É nesta nova característica, que torna os Nomes **monte** e **chuva** inacessíveis à marcação temática, que os pesquisadores da FrameNet os denominam “Nomes Transparentes”.

A obsessão anotatória que move a construção da FrameNet não deve, entretanto, nos cegar para o fato de que, inacessíveis à marcação temática, aqueles lexemas são ainda conceptualmente relevantes, de tal modo que pragmaticamente preferimos “**um monte de motoristas**” a “**uma chuva de motoristas**” quando se trata de referir quem aderiu à greve; embora possamos dizer que “**uma chuva de motoristas afluiu ao pátio da**

empresa” se quisermos sublinhar o movimento físico realizado pelas Entidades Quantificadas...

As diferenças sintáticas exibidas entre os dois tipos de Quantificadores (em termos da possibilidade de sua instanciação isolada como Determinante ou como elemento-gatilho da Concordância Verbal) ressalta, mais uma vez, **que é do uso que surge o sistema:** daí ser “*a langue*” que estudamos mais heteróclita e “desencontrada”do que jamais supôs a leitura “normalizada”(escolar) do **Curso de Linguística Geral**.

De outro lado, a vivacidade da motivação metafórica e o desencontro patente entre o Núcleo Sintático e a sua complementação nos mostram também o caráter mesclado desta Construção, cuja interpretação recruta os atributos sintático-semânticos de seus constituintes, integrados, porém, em um todo que é maior do que a soma de suas partes.

Identificar estas dimensões no fenômeno, lavrar este campo problemático, são ações teóricas tornadas possíveis por uma nova forma de pensar sobre a linguagem – que a estuda como a rede de símbolos, sustentada no uso e pelo uso criada.

8. REFERÊNCIAS

BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. (orgs.). *Usage-based models of language*. Stanford: Stanford Junior University: CSLI Publication, 1999.

BRAGA, M. L. (1977). *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. Rio de Janeiro, 1977. 88p. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, inédito.

BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. M. P. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1, 1976, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 464-477.

BLÜHDORN, H; SIMÕES, L; SCHMALTZ, M. *Sintagmas nominais contáveis e não-contáveis no Alemão e no Português Brasileiro*. Disponível em: <http://www.ids-mannheim.de/gra/texte/contaveis.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2009.

CAMACHO, J. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. v.1.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague/Paris: Mouton, 1957.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. MIT Press, 1995.

CULLICOVER, Peter W. *The rise and fall of Constructions and the history of English Do-Support*. 2006.

Disponível

<journals.cambridge.org/production/action/cjoGetFulltext?fulltextid=1878492>. Acesso em: 12 mar. 2009.

CULLICOVER, P. W.; JACKENDOFF, R. The simpler syntax hypothesis. *TRENDS in Cognitive Sciences*, v.10, n.9, 2005.

CULLICOVER, Peter W. Aspects of a theory of grammatical change. In: *Santa Fe Workshop on Building Integrated Models of Linguistic Change*, 23 fev. 2008. Disponível na homepage do autor.

CUNHA, Celso; **CINTRA**, Lindley. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, **1985**.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, Adele (Ed.). *Conceptual structure, discourse, and language*. Stanford:

Center for the Study of Language and Information (CSLI) [distributed by Cambridge University Press], 1996. p. 113-129.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; KATHOL, A.; MICHAELIS, L. A. *Construction grammar*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions. *Language*, 63 (3), p. 501-538, 1988.

FILLMORE, C. J.; SATOI, Hiroaki. *Transparency and building lexical dependency graphs*. 2004. Disponível em: <http://framenet.icsi.berkeley.edu/papers/cif_sato_bls02.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2009.

FRANÇA, A.; LEMLE, M. et al. *Conexões conceituais: um estudo de ERPs sobre a inescapável sintaxe na semântica*. Disponível em: http://www.lettras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/aniela.pdf. Acesso em: 21 ago. 2009.

FRANCIS, Elaine J.; **MICHAELIS**, Laura A. (Eds.). *Mismatch: form-function incongruity and the architecture of grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2003.

GAETA, Livio. Mismatch: grammar distortion and grammaticalization. In: LÓPEZ-COUSO, María José; SEOANE, Elena (Eds.). *Rethinking grammaticalization: new perspectives*. University of Santiago de Compostela, 2008. p. 103-127.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, Adele. *Constructions*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. Constructions: a new theoretical approach to language. *TRENDS in Cognitive Sciences*, v.7, n.5, 2003.

GRADY, J. Blend and metaphor. In: STEEN, G.; GIBBS, R. (Eds.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1999.

HAIMAN, J. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. *Language*, Baltimore, v. 56, p. 515-540, 1980.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The faculty of language: what is it, who has it and how did it evolve? *Science*, v. 298, p.1569-1579, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. Corpus studies and probabilistic grammar. In: AIJMER, K.; ALTERNBERG, B. (Eds.). *English corpus linguistic*. London: Longman, 1991.

_____. Some lexicogrammatical features of the Zero Population Growth Text. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (Eds.). *Discourse description: diverse linguistic analysis of a fund-raising text*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

_____. Quantitative studies and probabilities in grammar. In: HOEY, M. (Ed.). *Data, description, discourse*. New York: Harper Collins, 1993.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 (Cambridge Textbooks in Linguistics).

JACKENDOFF, Ray. *Semantic structures*. Cambridge (MA): MIT Press, 1990.

JACKENDOFF, Ray. *Foundations of language: brain, meaning, grammar, evolution*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: the *What's x doing y?* construction. *Language*, 75(1), p. 1–33, 1999.

KAY, Paul; MICHAELIS, Laura. Constructional meaning and compositionality. In: MAIENBORN, C.; HEUSINGER, K. von; PORTNER, P. (Eds.). *Semantics: an international handbook of natural language meaning, HSK Handbooks of Linguistics and Communication Science. Series: 23: Semantics and Computer Science*. Berlin: Mouton de Gruyter. (forthcoming).

KEMMER, Suzanne; CROFT, William; DENNING, Keith. **Studies in typology and diachrony**. 1990. *Typological studies*, 20. University of Michigan. 243 p.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (Ed.). *Metaphor and thought*. 2nd. edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980, 2007.

_____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. I: *Theoretical prerequisites*. Stanford, Cal.: Stanford University Press, 1987a. [= FCG1]

LANGACKER, Ronald. An overview of cognitive grammar. In: RUDZKA-OSTYN, Brygida (Ed.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988a. p. 3–48.

LANGACKER, Ronald W. A view of linguistic semantics. In RUDZKA-OSTYN, Brygida (Ed.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988b. p. 49-90.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. II: *Descriptive application*. Stanford, Cal.: Stanford University Press, 1991. [= FCG2]

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, Ronald. *Constructional integration, grammaticization and serial verb constructions*. 2007. Disponível em:
<http://www.ling.sinica.edu.tw/eip/FILES/journal/2007.3.9.27935427.1479376.pdf>.
 Acesso em: 23 fev. 2009.

LENCI, Alessandro. *The lexicon and the boundaries of compositionality*. Disponível em:
 <http://host.uniroma3.it/laboratori/triple/Pubblicazioni_Publications_files/lenci.2006.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2009.

MCCLELLAND, James; BYBEE, Joan. The gradience of gradience: a reply to Jackendoff. *The Linguistic Review*, 24 (4), p. 437-455, 2007.

MICHAELIS, Laura A. Construction grammar: the facts on the ground. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). *The Oxford handbook of linguistic analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009. Disponível na homepage da autora.

MICHAELIS, Laura A. Construction grammar. In: BROWN, K. (Ed.). *The encyclopedia of language and linguistics*. Second edition. Oxford: Elsevier, 2006. v. 3, p. 73-84.

MICHAELIS, Laura A. Entity and event coercion in a symbolic theory of syntax. In: J.O. OESTMAN, J. O.; FRIED, M. (Eds.). *Construction grammar(s): cognitive grounding and theoretical extensions*. Constructional Approaches to Language, v.3, Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 45-87.

MICHAELIS, Laura A. Type shifting in construction grammar: an integrated approach to aspectual coercion. *Cognitive Linguistics*, v. 15, p. 1-67, 2004.

MICHAELIS, Laura A. Headless constructions and coercion by construction. In: FRANCIS, E. J.; MICHAELIS, L. A. (Eds.). *Mismatch: form-function incongruity and the architecture of grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2003. p. 259-310.

MICHAELIS, Laura A. Word meaning, sentence meaning and constructional meaning. In: CUYCKENS, H.; DIRVEN, R.; TAYLOR, J. (Eds.). *Cognitive perspectives on lexical semantics*. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 2003. p. 163-210.

MIRANDA, Neusa Salim. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 81-95.

MOURA NEVES, Maria Helena. *A vertente grega da gramática tradicional*. Brasília: HUCITEC, 1987.

MUKHERJEE, Joybrato. *Corpus data in a usage-based cognitive grammar*. Paper from the 23rd. International Conference on English Language Research on Computerized Corpora (ICAME 23), 22-26 May 2002, Göteborg. Edited by Karin Aijmer and Bengt Altenberg, p. 85-100(16).

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, São Paulo, Educ, v. 9, p. 437-454, 1993.

PARAGUASSU-MARTINS, N. A distinção Contável-Massivo e a expressão de Número no sintagma nominal. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 23, esp, p. 65-83, 2007.

PETRUCK, Miriam R.L. *Frame semantics*. Projeto FrameNet. Disponível em: < framenet.icsi.berkeley.edu/>.

PINKER, S. *The language instinct: how the mind creates language*. New York: HarperCollins, 1994.

PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge (MA): MIT Press, 1995.

PUSTEJOVSKY, J. Type construction and the logic of concepts. In: BOUILLON, P.; BUSA, F. (Eds.). *The syntax of word meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PUSTEJOVSKY, James. *A survey of dot objects*. Cambridge: Cambridge University Press, December 1, 2005.

PUSTEJOVSKY, J. Type theory and lexical decomposition. *Journal of Cognitive Science*, v. 6, p. 39-76, 2006.

PUSTEJOVSKY, J. *Between chaos and structure: interpreting lexical data through a theoretical lens*. 2008. Disponível em:

< <http://ijl.oxfordjournals.org/cgi/content/abstract/21/3/337>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

PUSTEJOVSKY, J.; JEZEK, E. Semantic coercion in language: beyond distributional analysis. In: *Distributional Models of the Lexicon in Linguistics and Cognitive Science*, 2008. *Special issue of Italian Journal of Linguistics / Rivista di Linguística* (Forthcoming).

RUPPENHOFFER, J.; ELLSWORTH, M.; PETRUCK, M.; JOHNSON, Ch.; SCHEFFCZYK, J. 2006. *FrameNet II: Extended Theory and Practice*. Online: <http://framenet.icsi.berkeley.edu>.

SAG, Ivan,; WASOW, Tom; BENDER, Emily. *Syntactic theory: a formal introduction*. 2nd Edition. Stanford: CSLI Publications, 2003.

SALOMÃO, M.M.M. *Tudo certo como dois e dois são cinco*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009 (no prelo).

SALOMÃO, M.M.M. Construções modais com dar no português do Brasil: metáfora, uso e gramática. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 83-115, jan./jun. 2008. Disponível em www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/10/cap04.pdf

SARDINHA, Tony Berber. Linguística de corpus: histórico e problemática. *D.E.L.T.A.*, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Rio de Janeiro, 1978. 158p. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, inédito.

SIKOS, Les; BROWN, Susan W.; KIM, Albert E.; MICHAELIS, Laura A.; PALMER, Martha (Forthcoming). Figurative language: meaning is often more than just a sum of the parts. *Papers from the 2008 AAAI Symposium on Biologically Inspired Cognitive Architectures*: AAAI Technical Report FS-08-04. Menlo Park, CA: AAAI Press. Disponível em: < <http://spot.colorado.edu/~michaeli/FigurativeLanguageLSetal.pdf> >. Acesso em: 18 mar. 2009.

STEFANOWITCH, A.; GRIES, Stefan Th. Collustructions: investigating the interaction of words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 8, n. 2, p. 209-243, 2003.

TALMY, Leonard. *Methods in cognitive linguistics: Ithaca*. Ed. by GONZALEZ-MARQUEZ, M.; MITTELBERG, I.; COULSON, S.; SPIVEY, M. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

TALMY, Leonard. Toward a cognitive semantics. 2002 Cambridge: MIT Press, 2000. *Language: The Journal of the Linguistic Society of America* 78:3, 576-578.

TALMY, Leonard. Semantic conflict and resolution. In: *Toward a cognitive semantics*, Cambridge (MA): MIT Press, 2000.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1999.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive Linguistics*, v.18, Issue 4, p. 523-557, 2007

TROUSDALE, Graeme. *A constructional approach to lexicalization processes in the history of English: evidence from possessive constructions*. 2008. Disponível em: www.eupjournals.com/doi/abs/10.3366/E1750124508000202. Acesso em: 24 ago. 2009.

VELLOSO, M. M. *Um estudo da idiomatização da Construção Modal com o verbo “dar” no Português do Brasil. Juiz de Fora, 2007. 95p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Juiz de Fora*

ZAEFFERER, Dietmar. Polysemy, polyvalence, and linking mismatches: the concept of rain and its coding in English, German, Italian and Spanish. *D.E.L.T.A.*, v.18, especial, p. 27-56, 2000.

VISL Portuguese: <http://visl.sdu.dk/visl/pt/>, <http://corp.hum.sdu.dk/cqp.pt.html>.

Apêndices

Apêndice I

Quantity

Definition:

This frame contains transparent nouns (and some adjectives) denoting quantities of a **Mass** or of **Individuals**. As opposed to aggregate words such as group, set, these **Quantity** do not have a status as Wholes on their own. Initially, at least, we annotate both **Quantity** of **Masses** and of **Individuals** in this frame, though we may split the frame along these lines later on.

He found them in the **DELUGE** of papers on his desk.

FEs:

Core:

Individuals [Ind] A collection of entities.

A **NUMBER** of concerned citizens have raised objections.

Mass [M] A substance that is being quantified.

A **MODICUM** of seepage on the floor is to be expected.

Quantity [Qua] The **Quantity**-denoting **TARGET** word.

Semantic Type

Quantity

I had a **HEAP** of troubles.

Non-Core:

Degree [Deg] This frame element selects some gradable attribute and modifies the expected value for it.

Q_Prop [I] A property of the **Quantity**.

John bought a **large** **HEAP** of old National Geographics at the flea market.

Inherits From:
 Is Inherited By: [Relational_quantity](#)
 Subframe of:
 Has Subframes:
 Precedes:
 Is Preceded by:
 Uses:
 Is Used By:
 Perspective on: [Measure_scenario](#)
 Is perspectivized in:
 Is Causative of:
 See Also:

Lexical Units

a bit.a, a few.art, a little.n, a lot.n, abundance.n, all.a, amount.n, any.a, avalanche.n, billions.n, both.a, degree.n, deluge.n, dose.n, dozens.n, fair.a, few.a, few.n, flood.n, handful.n, heap.n, hundreds.n, load.n, many.a, many.n, mass.n, measure.n, millions.n, mite.n, modicum.n, mountain.n, multiple.a, myriad.n, no.a, number.n, numerous.a, oodles.n, ounce.n, pile.n, pinch.n, plethora.n, quantity.n, raft.n, scads.n, scores.n, several.a, several.n, shitload.n, smattering.n, stream.n, thousands.n, ton.n, torrent.n, touch.n, trickle.n, wave.n

Apêndice II

Mass_motion

Definition:

A **Mass_theme**, generally made up of many individuals, moves from a **Source** to a **Goal** with some **Path**.

FEs:

Core:

Area [Area]

Semantic Type Location

The place where the overall motion event takes place, thus including Source, Path, and Goal locations. Letters **STREAMED** in **all over the country**.

Direction [dir]

This FE is used for expressions that indicate motion along a line from the deitic center towards a reference point (which may be implicit) that is neither the **Goal** of the posture change nor a landmark along the way of the moving part of the body. Often **Direction** is defined with reference to the canonical orientation of the **Mass_theme**, or the orientation imposed by an implicit observer.

Goal [Goal]

Semantic Type Goal

Goal is the location the **Mass_theme** ends up in.

Eager spectators **CROWDED** **into the auditorium**

Mass_theme [Thm]

The mass of entities which moves.

Path [Path]

Path refers to (a part of the) ground the **Mass_theme** travels over or to a landmark the **Mass_theme** travels by.

The door opened , and a crowd of people **FLOODED** **past me**, into the hall.

Source [Src]

Semantic Type Source

The Source is the location the Theme occupies initially before its change of location.

Afterwards, the crowd **FLOODED** **away from the ceremony**.

Non-Core:

Degree [Degr]

Semantic Type Degree

Degree of abundance.

Distance [Dist]

This FE is any expression which characterizes the extent of motion. This frame element occurs throughout the motion domain but is very infrequent in Motion.Noise. The engine **SPLUTTERED**

	forward a short way and stopped.
Duration [Dur] Semantic Type Duration	The amount of time for which a state holds or a process is ongoing.
Manner [Manr] Semantic Type Manner	Any description of the motion event which is not covered by more specific FEs, including secondary effects (quietly, loudly), and general descriptions comparing events (the same way). In addition, it may indicate salient characteristics of an Mass_theme that also affect the action (presumptuously, coldly, deliberately, eagerly, carefully) Children CROWDED eagerly around us
Mode_of_transportation [MoT] Semantic Type Locative_relation	The Mode_of_transportation expresses how the motion of the Mass_theme is effected, by its body or by a vehicle which holds and conveys the Mass_theme . Vehicles can move in any way and in any medium. They are usually expressed obliquely with 'in' or 'by'. Fans POURED in by boat and train .
Place [] Semantic Type Locative_relation	The spatial setting in which the Mass_motion takes place. In the main auditorium people CROWDED around Orange's newest computer
Speed [Spd] Semantic Type Speed	The Speed is the rate at which motion occurs.
Time [Time] Semantic Type Time	When the event occurs.
Inherits From: Motion Is Inherited By: Subframe of: Has Subframes: Precedes: Is Preceded by: Uses: Abounding with Is Used By: Perspective on: Is perspectivized in: Is Causative of: See Also:	
Lexical Units	
<i>crowd.v, flock.v, flood.v, hail.v, parade.v, pelt.v, pour.v, rain.v, roll.v, shower.v, stream.v, swarm.v, teem.v, throng.v, troop.v</i>	

Apêndice IV

Precipitation

Definition:

Water in some solid or liquid form (the **Precipitation**) falls from the sky at a particular **Place** and **Time**, lasting for a particular **Duration**. The **Rate** or **Quantity** of precipitation may also be indicated.

FEs:

Core:

Place [**Place**] The area which experiences precipitation.
Semantic Type Locative_relation

Precipitation [**Precipitation**] The water in liquid or solid form that falls from the sky is the Precipitation.

Rain pelted him for an hour.

Time [**Time**] When the event occurs.
Semantic Type Time

It will probably be **RAINING** at five o'clock.

Non-Core:

Cause [**Cause**] The Cause is the reason for the precipitation event.

It **RAINS** because of high humidity.

Duration [**Dur**] The amount of time for which the precipitation event lasts.
Semantic Type Duration

Frequency [**]** This frame element is defined as the number of times an event occurs per some unit of time.

Manner [**Manr**] The way in which the precipitation falls.
Semantic Type Manner

It **DRIZZLED** softly.

Quantity [**Quantity**] The Quantity is the amount of Precipitation that has fallen in a precipitation event or events. It is usually measured as the height that the Precipitation attains if prevented from further movement.
Semantic Type Quantity

It **RAINED** **six inches** last night.

Rate [Rate]

The Quantity of Precipitation that falls within a certain Duration.

It **RAINS** **only half an inch per year** around here.

Temperature [Temp]

This FE identifies the temperature of the precipitation.

Semantic Type

Temperature

I was standing in the **cool** **DRIZZLE**.

Inherits From: [Process](#)

Is Inherited By:

Subframe of: [Weather](#)

Has Subframes:

Precedes:

Is Preceded by:

Uses:

Is Used By:

Perspective on:

Is perspectivized in:

Is Causative of:

See Also:

Lexical Units

downpour.n, drizzle.n, drizzle.v, hail.n, hail.v, precipitation.n, precipitation_event.n, rain.n, rain.v, rain_event.n, rainfall.n, shower.n, shower.v, sleet.n, sleet.v, snow.n, snow.v, snow_event.n, snowfall.n, sprinkle.v, torrent.n, torrential.a